

ALEXANDRE ESPÓSITO

**Vidas no trecho:
As interações dos trecheiros com os ambientes pelos quais
transitam**

ASSIS

2017

ALEXANDRE ESPÓSITO

**Vidas no trecho:
As interações dos trecheiros com os ambientes pelos quais
transitam**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras de Assis, para a obtenção do título de Mestre em Psicologia (Área de conhecimento: Psicologia e Sociedade)

Orientador: José Sterza Justo

Bolsista: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Processo nº 2015/15416-3

ASSIS

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Biblioteca da F.C.L. – Assis – Unesp

Espósito, Alexandre

E77v Vidas no trecho: as interações dos trecheiros com os ambientes pelos quais transitam / Alexandre Espósito. Assis, 2017.

145 f.

Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis

ALEXANDRE ESPÓSITO

**VIDAS NO TRECHO: as interações dos trecheiros com os
ambientes pelos quais transitam**

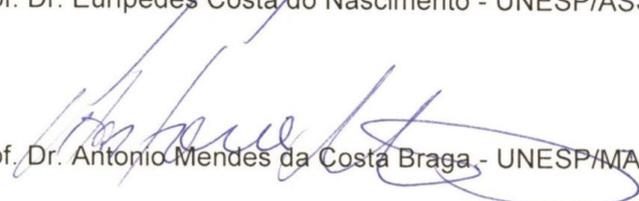
Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de Mestrado Acadêmico em PSICOLOGIA (Área de Conhecimento: Psicologia e Sociedade)

Data da Aprovação: 06/12/2017

COMISSÃO EXAMINADORA


Presidente: Prof. Dr. José Sterza Justo - UNESP/ASSIS


Membros: Prof. Dr. Euripedes Costa do Nascimento - UNESP/ASSIS


Prof. Dr. Antonio Mendes da Costa Braga - UNESP/MARÍLIA

DEDICATÓRIA

Meus pais são incríveis! Eles não sabem exatamente do que se trata fazer mestrado, mas eles me apoiaram com toda a força. Eles me apoiaram em um monte de coisas na minha vida sem ter muita ciência do que estavam fazendo, mas confiaram em mim. Por isso, eu dedico minha trajetória acadêmica à dona Maria José e ao seu José Antônio, meus pais. Quero que saibam que eu os amo muito e que não teria conseguido nada sem a dedicação e o companheirismo deles. Sou grato por todos os momentos de lutas e conquistas ao lado deles!

AGRADECIMENTOS

Essa dissertação foi forjada na angústia. Foi feita de muito sofrimento acadêmico e de muitos relatos tristes. Primeiramente, quero mesmo agradecer a cada trecheiro que participou da pesquisa compartilhando suas vivências. Essa dissertação é sobre eles, por eles e para eles.

Tem um monte de nomes para agradecer e eu espero que eu consiga me lembrar de todos eles. Vou começar pelos apoios institucionais:

Quero agradecer a minha querida UNESP, FCL, Assis. Meu lar, abrigo e refúgio por mais de 7 anos. Lugar onde conheci meus melhores amigos e professores. Foram muitos dias bons na UNESP. Foram momentos muito únicos que dariam bons livros de comédia, romance, drama e até terror. Mas nosso campus é cheio de poesias em todos os pontos que podemos olhar para ele e com toda certeza tem um lugar especial no livro da minha vida.

Um enorme agradecimento para todo mundo do meu grupo de pesquisa: Carol, Cizina, Laura, Tatá, Naputano, Cledione, Bruna, Felizardo, Júlia, Eurípedes, Mateus, Abílio e Matheus.

Um muito obrigado ao Márcio e ao Eduardo do Escritório de Pesquisa e Internacionalização da Unesp de Assis pelas ajudas e encaminhamentos burocráticos.

Um muito obrigado também ao João, Natália, Marcos e Sueli da seção de pós-graduação.

Um agradecimento muito especial para a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo processo nº 2015/15416-3 para o financiamento da pesquisa. Foi grande responsável pela realização da pesquisa. Sem o fomento seria impossível fazer qualquer trabalho aqui apresentado e não haveria como produzir os frutos acadêmicos conquistados, tais como: o artigo já publicado, os futuros artigos ainda em avaliação, o resumo expandido, os anais de congresso e as apresentações de trabalho realizadas sobre esta dissertação. Por essa razão, eu creio que a agência é uma grande responsável para o progresso da ciência no Brasil e dá dignidade e apoio aos seus pós-graduandos para que façam um trabalho cada vez melhor.

Não quero agradecer apenas a FAPESP enquanto agência de fomento, mas também quero dizer meu muito obrigado a todos os funcionários que

trabalham anonimamente por nós e nunca temos a chance de saber o nome deles. Agradeço a equipe dos setores administrativos, do setor financeiro, dos setores que eu desconheço e ao meu parecerista. São anônimos que fizeram um grande serviço para este trabalho. Sou muito grato pela dedicação de todos vocês!

Meu muito obrigado vai também para o Centro de Referência Especializado em Assistência Social (CREAS) (de Assis?) por permitir o acesso da Unidade de Atendimento ao Migrante (UAM). Um grande abraço ao pessoal que sempre está por lá, principalmente ao Bigu por sempre ser prestativo às nossas necessidades e dúvidas quanto às rotas e passagens que foram geradas pelo estabelecimento.

Preciso muito lembrar dos meus amigos que também ajudaram esse sonho virar realidade:

Ao André Macharelli pelo grande companheirismo e amizade sempre! Um grande irmão desde os primórdios da graduação!

À Laura Mantellatto, que, apesar de ficar ausente seis meses em Nova Iorque, sempre foi muito presente como uma grande companheira de jornada na pós-graduação!

Ao João Zanette pelas grandes nerdices (principalmente pelas maratonas de séries).

Ao Igo por ter caminhado ao meu lado durante o processo de seleção do mestrado.

Ao Abílio Rezende por ser grande amigo de todos os momentos!

Ao Rafa Shirakava pelas grandes discussões sobre ideologia enquanto comemos pastel!

Ao Maico pelas boas prosas! Também pelas discussões sobre a pós-graduação.

Ao Pedro Henrique Marangoni pelas mais incríveis tardes de jogos e também pelas discussões sobre a vida acadêmica.

Ao Cledione por ter aceitado em participar como comentarista do meu projeto na disciplina de seminários.

Ao Ricardo Costa Otávio pelas discussões políticas no bar!

Dizem que o cão é o melhor amigo do homem. E é mesmo! Muito obrigado ao Terça-Feira pelo companheirismo enquanto escrevia meu trabalho.

Agora, creio que seja a hora de agradecer aos docentes que influenciaram este trabalho:

Um abraço muito especial à Soraia Georgina Paiva-Cruz. Grande amiga e companheira de lutas. Participou da minha banca de qualificação. Por mais que tenha feito tantos apontamentos que me fizeram ficar num canto escuro de um quarto vazio chorando em posição fetal, sou muito grato por todos eles!

Fico muito agradecido à dupla Silvio Yasui e Beth Lima por terem dado a disciplina de Políticas Públicas em Saúde e Políticas da subjetividade. Serviui de grande inspiração!

Um grande abraço para a Mariele Correa, por estar há muito tempo me acompanhando nessa jornada.

Um abraço forte no Leonardo Lemos porque ele é um cara muito legal!

Muito obrigado ao Danilo Veríssimo pelo apoio e discussões que me deu na disciplina sobre metodologia.

Agradeço ao Ronaldo Cardoso Alves por ter me encontrado por acaso na rua e dito a frase “Siga seu caminho epistemológico”. Foi de grande ajuda para pensar nas diretrizes do que seguir para este trabalho.

Um agradecimento duplamente especial ao professor Antônio Braga da Unesp de Marília! Primeiro por ter me dado a disciplina “Etnografia das migrações e das mobilidades”, conhecimento sem o qual jamais conseguiria ter feito este trabalho da maneira que fiz. E agradeço também por estar participando da minha banca de defesa!

Com grande alegria, um muito obrigado ao Eurípedes Nascimento! Ele participou de todo o processo do trabalho! Foi membro da banca de qualificação, membro da defesa e sempre foi uma pessoa muito prestativa e companheira para ajudar com qualquer dica ou dúvida!

Esqueci de colocar o “Dr(a)” na frente do nome de vocês! Estou tão acostumado a nossas informalidades que me lembrei agora de tal formalidade. Mas acho que vocês vão me perdoar por essa porque estou agradecendo a vocês como amigos e companheiros e não apenas como professores.

Eu também agradeço a mim mesmo porque me aguentar é muito difícil! Olha... Se vocês soubessem como foi difícil escrever isso tudo... Ataques de ansiedade, desenvolvi bruxismo (diagnosticado depois de lascar um dente dormindo), tive crises existenciais, medicação, noites sem dormir direito... Só

por Deus, hein? Só mesmo com muita força divina para conseguir concretizar tudo isso. Por isso, eu quero mandar muitas forças para todos os estudantes que passam pelos mais diversos sofrimentos psíquicos buscando fazer seus trabalhos! Vocês merecem ser aplaudidos. Não estão sozinhos!

E por último, não menos importante (muito pelo contrário), o jovem bolsista agradece o velho orientador. Um grande abraço para aquele que não é apenas meu orientador de pesquisa, mas se tornou meu orientador de vida! O cara esteve junto na jornada nos mais diversos momentos, desde os mais sérios, passando pelos tristes até os mais divertidos! O cara é o Cara mesmo! Muito obrigado pela apoio, dicas e ajudas nessa caminhada que já dura 5 anos! Muito obrigado, José Serza Justo, o nosso querido Justão! Valeu!

ESPÓSITO, Alexandre. **Vidas no trecho**: as interações dos trecheiros com os ambientes pelos quais transitam / Alexandre Espósito. Assis, 2017. 145 f. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2017.

RESUMO

O fenômeno da mobilidade está presente na vida do ser humano. Por meio dele, os sujeitos são capazes de se relacionar com diferentes meios conforme transitam por eles. Existem pessoas que fazem movimentos errantes, um caminhar sem rumo pelas estradas a pé ou mesmo de ônibus. Passam por diferentes cidades e não se estabelecem em nenhuma porque apenas transitam por elas. Por diferentes motivos, começaram a fazer esses movimentos errantes e não querem ou não conseguem parar suas caminhadas. Essas pessoas se autodenominam como trecheiros. A presente dissertação de mestrado consistiu em investigar as interações dos trecheiros com o meio por que eles transitam utilizando a etnografia de uma perspectiva situada na interface da psicologia social com a ecologia urbana. A etnografia foi feita acompanhando o processo em que os trecheiros desembarcavam na cidade, acompanhando-os pelas ruas e estabelecimentos até o momento em que embarcavam para outro local. A pesquisa apontou que os trecheiros conseguem recursos usando discursos criativos para pedir, fazem trabalhos temporários e criam objetos de troca. Os objetos são mediadores para a interação dos trecheiros com os ambientes por que transitam, usando-os para conseguir habitar temporariamente os espaços, para proteger das adversidades climáticas e para criar redes de troca e de informações entre eles, que também convivem e interagem com outros sujeitos que habitam o trecho. Ademais, os resultados mostraram as estratégias de sobrevivência que os trecheiros usam para habitar territórios que podem ser violentos e revelaram quais são essas violências sofridas que os prejudicam em habitar o trecho; do mesmo modo, apontaram como mudam de rota conforme fenômenos climáticos, ações humanas e decisões políticas. Dessa maneira, a partir desses resultados e discussões, a dissertação apresenta como os trecheiros interagem com o meio pelo qual transitam.

Palavras chave: Psicologia social. Trecheiros. Etnografia. Mobilidade.

ESPÓSITO, Alexandre. **Lives in the stretch**: the interactions of *trecheiros* with the environments where they travel. / Alexandre Espósito. Assis, 2017. 145 f. Dissertation (Master's Degree in Psychology),– São Paulo State University (UNESP), School of Sciences, Humanities and Languages, Assis, 2017.

ABSTRACT

The phenomenon of mobility is within the life of the human being. Through it, subjects are able to relate to different environments as they travel through them. There are people who make errant movements, an aimlessly walking on foot or even by bus. They pass through different cities and settle in none because they only transit through them. For different reasons they began to make these errant movements and do not want or cannot stop their walks. These people call themselves *trecheiros*. The present dissertation consisted in investigating the interactions of the *trecheiros* with the environment that they travel using ethnography from a perspective situated at the interface of social psychology with urban ecology. The ethnography was made following the process in which the *trecheiros* disembarked in the city, accompanying them through the streets and establishments until the moment they embarked to another place. Research pointed out that *trecheiros* get resources using creative speeches to beg, to do temporary jobs and to exchange objects. The objects are mediators for the interaction of the *trecheiros* with the environments where they transit, using them to habit temporarily the spaces, to protect themselves against climate adversities and to create networks of exchange and information among them, that also coexist and interact with other subjects that inhabit the stretch. In addition, the results showed the survival strategies that the *trecheiros* use to inhabit territories that can be violent and what kind of violences harms them to inhabit the stretch. Likewise, they pointed out how they change of route according to climatic phenomena, human actions and political decisions. Thus, from these results and discussions, the dissertation presents how the *trecheiros* interact with the environment where they travel.

Keywords: Social psychology. Roamers. Ethnography. Mobility.

SUMÁRIO

PARTE I: INTRODUÇÃO	15
1.1 APRESENTAÇÃO	16
1.2 REVISÃO DA LITERATURA	19
1.2.1 Os trecheiros	19
1.2.2 Ecologia humana, os espaços urbanos e diálogos com a psicologia.....	22
1.2.3. Os espaços urbanos coletivos e a ocupação dos trecheiros	28
1.3 JUSTIFICATIVA	31
1.4 OBJETIVOS.....	33
1.4.1 Geral	33
1.4.2 Específicos	33
PARTE II: METODOLOGIA	34
2.1 MÉTODO.....	35
2.2 ETNOGRAFIA E DERIVA: POSSIBILIDADES NA PESQUISA	36
2.2.1 A etnografia e o fazer etnográfico	38
2.2.2 A deriva enquanto método	46
2.2.3 Articulação entre deriva e etnografia	49
2.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	52
2.4 BREVE CENÁRIO DE PESQUISA.....	53
PARTE III: RESULTADOS e DISCUSSÃO	56
3.1 OBSERVAÇÕES GERAIS: A DIVERSIDADE DOS TRECHEIROS.....	57
3.2 O (RE)COMEÇO: PRIMEIRAS IMPRESSÕES DO CAMPO, PRIMEIRO TRECHEIRO E A CONSTRUÇÃO DAS DIRETRIZES DA PESQUISA	59
3.3 ARTE DOS “MANGUEIOS”	63
3.3.1 Relatos de Sidney: histórias sobre manguear e conseguir recursos no trecho	66
3.3.2 Drogadição no trecho e as dificuldades para se conseguir recursos	71
3.3.3 Para além do “mangueio”: outras formas de conseguir recursos	75
3.3.4 Síntese	79
3.4 TRECHEIROS E A VIDA SOCIAL DE SEUS OBJETOS	82
3.4.1 Vivendo no trecho com a ajuda de objetos	87
3.4.2 Relações intermediadas por objetos/mercadorias na cultura trecheira: trocas, dádivas e compartilhamentos	90
3.4.3 Objetos e mercadorias da cultura trecheira	91
3.4.3.1 O álcool.....	91

3.4.4 Avessos da solidariedade: “Roubaram minha bolsa”	96
3.4.5 Síntese	98
3.5 O QUE (NÃO) PODE UM CORPO (ERRANTE): AS PRÁTICAS DE CONTROLE E VIOLÊNCIA NO TRECHO	100
3.5.1 Um exemplo sobre a disciplina dos corpos errantes	104
3.5.2 Relatos da violência policial	105
3.5.3 Síntese	109
3.6 OCUPAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO E SENSÇÃO DE (IN)SEGURANÇA	110
3.7 DIAS DE NINGUÉM: MUDANÇAS POLÍTICAS E CLIMÁTICAS, MUDANÇAS DE ROTAS.....	115
3.7.1 Inverno, tempos de estiagem e falta de albergues.....	115
3.7.2 Períodos de entressafras.....	116
3.7.3 Estabelecimento fechado.....	116
3.7.4 Falta de passagens, cortes orçamentários	116
3.8 OUTROS MODOS DE VIVER NO TRECHO	117
3.8.1 Andarilhos	118
3.8.2 Pardais.....	121
3.8.3 Mochileiros.....	122
3.8.4 Malucos de BR.....	123
3.8.5 Travestis	124
3.8.6 Síntese	126
3.9 Entre viver e sobreviver	126
CONSIDERAÇÕES FINAIS: O TRECHO E O TRECHEIRO, UMA RELAÇÃO ECOLÓGICA DE MOBILIDADE.....	133
REFERÊNCIAS	138

PARTE I: INTRODUÇÃO

1.1 APRESENTAÇÃO

Há um fenômeno característico da humanidade, originário de coerções ou desejos, trazendo consigo consequências nos níveis social, individual e ambiental. Modifica relações de grupalidade, produz modos de subjetivação e provoca alterações ecológicas. Esse fenômeno podemos chamar de mobilidade. Segundo a definição de Maffesoli (2001, p.29):

A fim de domesticar o termo, foi possível falar de mobilidade. Essa mobilidade é feita das migrações diárias: as do trabalho ou as do consumo. São também as migrações sazonais: do turismo e das viagens, sobre as quais é possível prever um importante desenvolvimento. É ainda a mobilidade social ou os deslocamentos maciços de populações induzidas pelas disparidades econômicas.

A mobilidade faz dos seres humanos detentores da arte de se movimentar: instalam-se, mudam, viajam, peregrinam, exilam-se, fazem movimentos pendulares, fazem trabalho volante, praticam turismo, fogem, aventuram-se, guerreiam e assim por diante. Dessa maneira são, por excelência, seres itinerantes que vivem a condição de movimentação no espaço e no tempo, seja por um desejo de explorar e criar novas formas de vivências, ou pela imposição de diversas forças que os impelem a se deslocar e abandonar raízes e fixações geográficas, sociais e psicológicas. Esse homem pode ser chamado de *Homo viator*, o ser que viaja (MAFFESOLI, 2001, p.30). A cada passo que dá, ele modifica o ambiente em que vive e se modifica, agindo dialeticamente com o meio em que está inserido ou por onde transita.

Se o *Homo viator* é o ser da viagem, pode ser considerado assim um ser da liberdade? Virilio (1996, p.23) relata as ruas e estradas como um novo litoral, onde se podem compreender os fluxos da população e prever suas ações, ao mesmo tempo em que instituições surgem para gerir essa mobilidade, resolvendo, além do confinamento estatal, a questão da circulação livre. Concomitantemente, Maffesoli (2001, p.24) expõe que o nomadismo não vai de acordo com o Estado moderno, pois este privilegia o modo de vida arcaico e sedentário. Há duas formas mais comuns de se ter uma vida nômade: aglomerando poder aquisitivo ou sendo desprovido dele. Dentre elas, a última será ressaltada como uma das principais características dos trecheiros.

Ao rastrear as mobilidades e andanças de pequena visibilidade, social e científica, os trecheiros aparecem como as mais recônditas. São mulheres e principalmente homens que, dentre outras formas de vida, vagueiam pelas estradas ou de cidade em cidade, sem rumo certo. Muitos deles são vítimas da mecanização da lavoura e do avanço do capitalismo no campo, que acarretou o êxodo rural. Procuram trabalho e pequenos biscates¹ em sítios localizados às beiras de estradas ou rumam a pé de uma cidade a outra em busca da sobrevivência (JUSTO, 2005).

O foco desta pesquisa é a relação entre deslocamento/mobilidade humana e ecologia humana, tendo como referência os casos específicos dos trecheiros, cujas mobilidades são bastante intensas, porém, pouco visíveis, seja pelo olhar da sociedade como um todo ou pela perspectiva da ciência. A indagação principal remete-se ao tipo de interações que estabelecem com o meio, com os espaços habitados constituídos por objetos naturais e artificiais (SANTOS, 2006). Trata-se de um assunto pouco explorado pela ciência e de uma população invisível: “são relativamente ignorados pela população em geral, pelos poderes públicos, pelas entidades assistencialistas e até mesmo pela ciência e especialidades profissionais, que não os descobriram devidamente” (JUSTO, 2012, p.95).

A etnografia foi o método utilizado para a investigação da pesquisa. Como nova técnica para ser trabalhada junto à etnografia, utilizamos a deriva para fazer os movimentos junto aos trecheiros. Eles eram encontrados na Unidade de Atendimento ao Migrante (UAM), pertencente ao Centro de Referência Especializado em Assistência Social (CREAS), e acompanhados pela cidade até o momento de seus embarques para outras cidades.

Nos resultados e discussões criamos temáticas para tratar de assuntos que foram pertinentes para os objetivos do trabalho. Apresentamos como foi o recomeço da pesquisa, pois já havíamos tratado sobre o tema da errância e trecheiros em nossa iniciação científica.

O tópico “3.3 A arte dos mangueios” trata de como os trecheiros conseguem recursos usando discursos criativos para pedir dinheiro e comida,

¹ “Biscates” são trabalhos temporários sem registro. Também pode ser conhecido como “freelance”.

das dificuldades encontradas ao fazer o ato e das formas de trabalho que conseguem para se sustentar no trecho.

O capítulo a seguir, “3.4 Trecheiros e a vida social de seus objetos”, relata como os trecheiros interagem com o meio em que transitam utilizando os objetos que carregam e como eles são importantes para enfrentar adversidades, ocupar o espaço, gerar comunicação e fazer redes de mercadorias no trecho.

“3.5 O que (não) pode um corpo (errante): as práticas de controle e violência no trecho” é um capítulo que trata sobre as formas de violência institucionais e policiais que os trecheiros sofrem no trecho e as práticas de controle que os atravessam, dificultando seus movimentos no trecho.

Em seguida, “3.6 Ocupação do espaço público e sensação de segurança” apresenta relatos de como os trecheiros ocupam o espaço que transitam e em que locais se sentem mais seguros para pernoitar.

“3.7 Dias de ninguém: mudanças políticas e climáticas, mudanças de rotas” apresenta porque em diversas idas a campo não havia trecheiros que desembarcaram na cidade.

O capítulo “3.8 Outros modos de viver no trecho” mostra as identidades que vivem no trecho além dos trecheiros que encontramos durante a pesquisa.

“3.9 Entre viver e sobreviver” apresenta um diálogo com um trecheiro, que expõe algumas questões dos capítulos anteriores.

O fechamento da dissertação se dá com as considerações finais, abrangendo as questões ecológicas dos trecheiros e sua interação com o trecho de acordo com as questões levantadas nos capítulos dos resultados e discussões.

1.2 REVISÃO DA LITERATURA

1.2.1 Os trecheiros

Na literatura, trecheiros são pessoas itinerantes que vivem “[...] do trabalho volante e temporário ou da mendicância, transitando de uma cidade a outra, caminhando a pé pelas estradas ou se deslocando com passes de viagem concedidos por entidades assistenciais” (NASCIMENTO; JUSTO, 2000, p.530). Nas diretrizes da Política Nacional para Inclusão Social da População em Situação de rua, os trecheiros aparecem como uma parcela dessa população:

São diversos os grupos de pessoas que estão nas ruas: imigrantes, desempregados, egressos dos sistemas penitenciário e psiquiátrico, entre outros, que constituem uma enorme gama de pessoas vivendo o cotidiano das ruas. Ressalte-se ainda a presença dos chamados ‘trecheiros’: pessoas que transitam de uma cidade a outra (na maioria das vezes, caminhando a pé pelas estradas, pedindo carona ou se deslocando com passes de viagem concedidos por entidades assistenciais). (BRASIL, 2008, p.8)

Essa é a única menção em documentos governamentais relacionados a políticas de assistência social dirigidas aos trecheiros. Apesar de serem citados, são ignorados em suas especificidades quanto às demandas de assistência. Além de não disporem de políticas públicas específicas e serem tratados junto com a população de rua, não recebem qualquer consideração especial das comunidades científicas. Elas priorizam em suas pesquisas pessoas em situação de rua fixas.

As pessoas em situação de rua, ainda mais quando se incluem entre elas os trecheiros, formam um conjunto bastante heterogêneo, tornando problemático seu agrupamento e tratamento como uma “população” (BRASIL, 2008; VARANDA; ADORDO, 2004). É necessário levar em consideração as singularidades presentes nesses modos de vida, assim como em tantos outros.

Também é importante reconhecer as pessoas em situação de rua que se fixam numa determinada cidade. Se é que se pode atribuir-lhes “identidades”, no sentido tradicional, os trecheiros constituem identidades êmicas, o que quer dizer que eles se autodenominam dessa maneira. Portanto, estudá-los como se fossem uma população é criar padronizações de formas de existência distintas

que podem ser úteis para a uniformização de condutas e procedimentos em serviços, mas não para a compreensão da pluralidade da vida e da criação de políticas públicas que a levem em consideração.

No entanto, mesmo permanecendo, eventualmente, algum tempo na cidade, os trecheiros se diferenciam das demais pessoas em situação de rua, pois estão de passagem pelo lugar e não estabelecem vínculos prolongados com territórios: “A população de rua, moradores ou não, habita um território delimitado, frequenta determinados lugares, cria seus nichos nos espaços da cidade” (JUSTO, 2012, p. 94). Mesmo assim, há também diferenças entre andarilhos de estrada e trecheiros. Esses últimos possuem um maior contato com a cidade, via de regra, mediado pelos serviços de instituições de assistência social (NASCIMENTO; JUSTO; FRANÇA, 2009).

As populações de rua são vistas como figuras de “comportamento desviante”, carregando estigmas², sendo vistos como indesejáveis ou causando estranheza por onde passam (GOFFMAN, 2006). Vale ressaltar que trecheiros são estigmatizados, principalmente, como sendo alcoolistas, vagabundos, mendigos e horripilantes.

Trecheiros constituem um exemplo paradigmático da personificação da experiência espaço-tempo da atualidade, conforme foi caracterizada por Harvey (1992). São premidos pelo desejo de errância, somado ao desejo de uma vida melhor, e pelas forças cinéticas que operam desde a base econômica do “capitalismo de acumulação flexível” da atualidade (HARVEY, 1992) até a dromologia que impregna a lógica da organização social, do poder, da política e da subjetividade (VIRILIO, 1996). Eles compõem a expressão radical da desfiliação social (CASTEL, 1994), caracterizada pelo desgarre, deserção ou descarte de alguns transeuntes dos fluxos ou corredores de circulação instituídos. Estão em trajetividade, desertaram ou são desfiliaados dos meios e de rotas convencionais que marcam as mobilidades tais como a do capital e do trabalho, a dos consumidores, dos turistas, de manifestantes ou das tribos

² Para Goffman (2006): “En la actualidad, la palabra es ampliada con un sentido parecido al original, pero con ella se designa preferentemente al mal en sí mismo y no a sus manifestaciones corporales” (p.11) / “Na atualidade, a palavra é ampliada com um sentido parecido ao original, mas ela se designa preferencialmente ao mal em si mesmo e não suas manifestações corporais” (tradução nossa).

urbanas nas ruas e de tantas outras formas que fazem parte do cenário dromológico da atualidade.

Os trecheiros fazem movimentos errantes, caminham sem rumo, sem perseguir o objetivo de uma nova sedentarização ou reterritorialização em antigos territórios já habitados de maneira estável. Apesar de muitos deles, tanto em nossa pesquisa quanto em diversos relatos, afirmarem que querem abandonar o trecho, não indicam como, nem têm planos concretos para voltar ou se fixar em algum novo assentamento geográfico. O trecho é marcado por imprevisibilidades, e estar preparado para elas é de extrema importância para viver em trânsito e ter algum bem-estar mínimo nele. Ainda conforme o autor citado anteriormente:

O trecheiro é o habitante do trecho, esse segmento de espaço e tempo que, por poder ser qualquer fração do todo, não é fração alguma. Portanto, o andarilho e o trecheiro não estão localizados em tempo e lugar algum; habitam simplesmente o movimento; são seres dromológicos, por excelência (JUSTO, 2011, p.18).

Se o trecheiro é considerado como o habitante do trecho, o que afinal é o trecho? Ele pode ser uma parte de um percurso ou caminho a ser percorrido, mas conota uma complexidade significativa:

Embora o termo “trecho” designe uma parte de um todo ou um intervalo, conforme consta no dicionário, ele carrega certa imprecisão porque não indica exatamente de qual parte se trata. Pode ser uma parte qualquer e de qualquer tamanho. Quando se refere ao espaço, pode estar em qualquer lugar do todo e, se estiver referida a tempo, pode ser uma fração longa, curta, inicial ou final. Tal imprecisão parece constituir o sentido principal desse nome utilizado pelo andarilho e trecheiro. Quando utilizam a palavra “trecho”, é para produzir um efeito de sentido de vazio, algo sem bordas definidas, sem início e fim. Embora seja uma parte do caminho, o trecho pode designar qualquer dessas partes, além do que o termo “caminho” é absolutamente indeterminado, imprevisível, construído a cada momento ao longo da caminhada ou ao sabor da vontade das entidades que concedem os passes de viagem (JUSTO, 2011, p.117)

Podemos acrescentar que, em muitos casos, o trecho se refere a um estado emocional do trecheiro, alude a um estado de espírito. Ao romper e desertar da vida sedentarizada por assentamentos estáveis em uma residência, família, emprego e vinculações socioafetivas, o sujeito se desterritorializa de um espaço físico-geográfico, social e psicológico e se territorializa na vivência do

trecho. Estar no trecho significa sair do estado sedentarizado e movimentar-se de cidade em cidade em busca, muitas vezes, da próxima cidade.

Seja como for, impelidos por um desejo de errância ou por um processo de desfiliação social que incide sobre corredores de circulação, o que nos interessa destacar e discutir são as reverberações da presença de trecheiros na ecologia humana.

1.2.2 Ecologia humana, os espaços urbanos e diálogos com a psicologia

O estudo da interação do homem com o meio ambiente é chamado de ecologia humana (MACIEL, 1998, p.24; MACHADO, 1984, p.32). Ela não pode ser tratada simplesmente como uma ramificação da ecologia, posto que, ao ter o humano como referência, incorpora aspectos antropológicos, culturais, políticos e psicológicos que não são parte da ecologia geral. Para Begossi (1993, p.2):

Apesar da ecologia humana se basear em conceitos oriundos da ecologia, ou seja, de uma das subáreas da biologia, a ecologia humana não é necessariamente vista como uma das ramificações da ecologia. Para muitos, estudar a 'relação do homem com o ambiente' inclui tantos outros fatores (como econômicos, sociais, psicológicos) que a ecologia humana transcende a ecologia. Para outros, a ecologia humana tem objetivos e metodologias mais específicos que incluem entender o comportamento humano sob variáveis ambientais. Para estes, generalizar acerca da ecologia humana implica em perda de precisão.

Ela se diferencia da ecologia urbana, pois ela está relacionada às questões dos ecossistemas urbanos, segundo Langner (2007): "Urban ecology is the study of ecosystems that includes humans living in cities and urbanising landscapes". A mobilidade amplia as interações do homem com o ambiente, pois transporta-o por vários lugares onde pode se instalar por períodos de tempo mais ou menos longos. Quando se fixa permanentemente num determinado território ou quando apenas passa por ele, acaba provocando certas mudanças no ambiente que podem ser simples, como a construção de uma casa em um lote, ou devastadoras, modificando ecossistemas. Ao mesmo tempo em que modifica o ambiente também é modificado por ele, como muito bem demonstrou Darwin

com sua teoria da evolução das espécies, ou como demonstra a antropologia, principalmente, ao caracterizar as diferentes culturas que afloraram na Terra.

As interações são tão intensas que ecossistemas podem ser destruídos completamente devido às diversas ações humanas, como a agricultura, as queimadas, as barragens, a urbanização, a construção de estradas, entre outras ações (EHRILICH, 1974, p.212). O desequilíbrio dessa interação pode ser tão forte que teóricos como Guattari (2001, p.7) constatam que:

Avanços técnico-científicos geram desequilíbrios ecológicos que podem ameaçar a vida como um todo. Sua solução estaria na ecosofia, a interação ético-política entre meio ambiente, relações sociais e subjetividade humana que não podem ser separados, mas devem unir-se em uma práxis adequada.

As tecnologias desenvolvidas pela humanidade, sobretudo, após a Revolução Industrial e o avanço da tecnociência moderna, alteraram profundamente o jogo de forças entre o homem e o ambiente. A capacidade do homem de operar no ambiente e transformá-lo deu um enorme salto, conferindo-lhe um poder quase ilimitado sobre a construção/criação do seu ambiente, tanto no aspecto físico/geográfico, quanto no biológico, social, psicológico, cultural e outros. A expansão das cidades e a sofisticação das tecnologias urbanas estiveram muito próximas de concretizar um dos sonhos modernistas-futuristas que era o de se poder construir um mundo totalmente artificial.

Após a Revolução Industrial, a mobilidade humana também sofreu grandes mudanças. No que diz respeito a sua capacidade de se deslocar e transitar pelo planeta, as tecnologias de transporte representaram, particularmente, um avanço igualmente fantástico. Os transportes marítimos e fluviais, o rodoviário, aéreo e, mais recentemente, as infovias reduziram consideravelmente as distâncias espaço-temporais, praticamente, possibilitando ao ser humano estar em qualquer lugar a qualquer tempo, ampliando significativamente a mobilidade físico-geográfica, social, psicológica e cultural. Para Cavalcanti et al (2012, p. 366):

O processo de tecnologização das formas de mobilidade se deu a partir do século XIX, como um dos desdobramentos da Revolução Industrial. Os deslocamentos diários passaram a ser feitos por meio de veículos – trens, bondes etc. –, que aumentaram a velocidade de chegada aos destinos visados. Com a redução do tempo gasto desses

deslocamentos, as pessoas se permitiram percorrer distâncias maiores e, em consequência, o espaço 'se dilatou'. Assim sendo, houve uma alteração na configuração do espaço, mais especificamente, na configuração das cidades, modificando também a maneira de os homens se relacionarem com o meio urbano. Com efeito, as pessoas deixaram de ser regidas pela ordem do natural – a terra, o clima, as estações, entre outras coisas – e passaram a ser orientadas pelo que é mecanizado: o natural passou a ser subjugado por imposições econômicas. (p.366)

Se houver modificações na mobilidade, inevitavelmente haverá mudanças ecológicas, transformando também a forma como os seres humanos interagem com o meio ambiente.

Para se compreender a mobilidade como peça-chave da ecologia humana, é preciso tomar o espaço-ambiente, a saber, o espaço praticado, habitado e vivido como suporte dos deslocamentos e trânsitos da humanidade. Segundo Santos (2006), o espaço é constituído por fixos e fluxos, em constante interação mediante ações humanas:

Os elementos fixos, fixados em cada lugar, permitem ações que modificam o próprio lugar, fluxos novos ou renovados, que recriam as condições ambientais e as condições sociais, e redefinem cada lugar. Os fluxos são um resultado direto ou indireto das ações e atravessam ou se instalam nos fixos, modificando a sua significação e o seu valor, ao mesmo tempo em que, também, se modificam (SANTOS, 1982, p. 53; SANTOS, 1988, pp. 75-85). Fixos e fluxos juntos, interagindo, expressam a realidade geográfica, e é desse modo que conjuntamente aparecem como um objeto possível para a geografia. Foi assim em todos os tempos, só que hoje os fixos são cada vez mais artificiais e mais fixados ao solo; os fluxos são cada vez mais diversos, mais amplos, mais numerosos, mais rápidos (SANTOS, 2006, p. 38).

Os espaços humanos se diferenciam dos demais por possuírem diversos fixos artificiais construídos por eles ao longo de sua história:

No começo da história do homem, a configuração territorial é simplesmente o conjunto dos complexos naturais. À medida que a história vai fazendo-se, a configuração territorial é dada pelas obras dos homens: estradas, plantações, casas, depósitos, portos, fábricas, cidades etc; verdadeiras próteses. Cria-se uma configuração territorial que é cada vez mais o resultado de uma produção histórica e tende a uma negação da natureza natural, substituindo-a por uma natureza inteiramente humanizada (ibidem, 2006, p. 39).

Diferentes fixos, artificiais e naturais, formam as cidades, ecossistemas construídos e dominados por seres humanos (ALBERTI, 2003). Para Lencioni (2008), o conceito de cidade comporta diversas inteligibilidades, nas quais se

destacam como elementos centrais a aglomeração, o sedentarismo, o mercado e a administração pública, além de sua historicidade. Porém, segundo a mesma autora:

Ainda, o conceito de cidade é infinitamente mais pobre que o real ao qual ele se refere e existe em movimento, ou seja, se altera segundo referências e segundo o tempo histórico. E, podemos perceber também que o conceito de cidade se relaciona a outros conceitos e só existe se for definido enquanto tal (ibidem, 2008, p. 117).

Desse modo, na teia complexa da cidade existem muitos elementos que escapam a sua conceituação, sobretudo no tocante aos fluxos sociais e políticos que nela transitam. Iasi (2013, p.41) expõe que “a cidade é a expressão das relações sociais de produção capitalista, sua materialização política e espacial que está na base da produção e reprodução do capital”. Essa relação de produção e reprodução de capital só é possível por meio da mobilidade e de suas tecnologias.

Com os conjuntos das condições geográficas do espaço ocupado, com as relações que os seres humanos têm com ele e com a construção de meios de transportes, vias e outros fixos artificiais, a mobilidade humana torna-se possível. Por ser um ecossistema construído, a locomoção é essencial para a sobrevivência humana dentro das cidades. Sem transitar, seria impossível abastecê-las com alimentos, utensílios, produtos de higiene, limpeza e entre outras coisas de uso diário. Até mesmo as moradias humanas, que proporcionam proteção e comodidade, são construídas a partir de materiais que não estão naturalmente próximos dos locais que estão sendo construídos. As localidades também dependem dos fluxos humanos que nela se estacionam temporariamente, por exemplo, trabalhadores volantes, usuários de unidades de saúde e de outros serviços públicos provenientes de outras localidades, de visitantes e turistas, romeiros, consumidores de outras cidades, mercadores, entre outros.

A produção de subjetividade que eclode nos aglomerados humanos das cidades forma uma camada imaterial no espaço, melhor chamada por Santos (2006) de psicofera. Tal esfera do ambiente citadino faz com que os espaços abarquem uma dimensão simbólica, ideológica, sentimental, emocional e identitária. Essas instâncias influenciam a forma como os seres humanos

interagem com o meio que os cerca e entre si. Também os fazem delimitar espaços no ambiente, segregando a cidade em partes.

Para Iasi (2008), a cidade é dotada de contradições que surgem em seus espaços e na vida social, às vezes, invisíveis: “é a unidade de contrários, não apenas pelas profundas desigualdades, mas pela dinâmica da ordem e da explosão. As contradições, na maioria das vezes, explodem, cotidianamente, invisíveis” (p. 41). Vale ressaltar que dentre as diversidades de estilos de vidas humanas dentro da cidade, existem aquelas que são assimiladas e aceitas, e outras que são rejeitadas e malvistas pela população em geral. Há nichos na cidade habitados por populações invisíveis, socialmente excluídas. Segundo Goffman (2006):

Hay también medios urbanos que poseen un núcleo de instituciones auxiliares que proporcionan una base territorial a prostitutas, drogadictos, homosexuales, alcohólicos y otros grupos, ignominiosos. Estos establecimientos son, según los casos, compartidos por diferentes clases de proscritos. Por último, en la ciudad existen comunidades residenciales cabalmente desarrolladas - étnicas, raciales o religiosas - que cuentan con una elevada concentración de personas tribalmente estigmatizadas (a diferencia de muchas otras formaciones grupales existentes entre los estigmatizados), en las cuales la unidad básica de organización es la familia, no el individuo (p. 35)³.

A diversidade dos estilos de vida, a maneira como as cidades se constituem e como se dá a constituição dessa divisão dos espaços entre classes sociais e pessoas estigmatizadas é uma característica da cultura na sociedade capitalista. Uma das principais especificidades do conceito de ecologia humana é sua estreita ligação com a cultura. É pela cultura que os objetos que compõem determinado espaço e as interações entre os seres humanos ganham sentido, inteligibilidade e referências simbólicas, assumindo, portanto, um papel central na constituição do ambiente a sua volta.

³ Há também áreas urbanas que possuem um núcleo de instituições auxiliares proporcionando uma base territorial a prostitutas, drogadidos, homossexuais, alcoolistas e outros grupos, ignominiosos. Esses estabelecimentos são, segundo os casos, compartilhados por diferentes tipos de párias. Por último, na cidade existem comunidades residenciais totalmente desenvolvidas - étnicas, raciais ou religiosas - que têm uma alta concentração de pessoas tribalmente estigmatizadas (ao contrário de muitas outras formações grupais existentes entre os estigmatizados), em que a unidade básica de organização é a família, não o indivíduo. (tradução nossa)

A cultura assegura a diversidade das ambiências do homem e suas possibilidades de expansão. É nela que opera a “psicosfera” como força de mudança e criação assentada em produções subjetivas que brotam dos sentimentos, afetos, cognições, percepções, experiências e registros mnêmicos disparados pelas relações sociais. A psicosfera é o

reino das ideias, crenças, paixões e lugar da produção de um sentido; também faz parte desse meio ambiente, desse entorno da vida, fornecendo regras à racionalidade ou estimulando o imaginário. Ambas - tecnosfera e psicosfera - são locais, mas constituem o produto de uma sociedade bem mais ampla que o lugar. Sua inspiração e suas leis têm dimensões mais amplas e mais complexas (SANTOS, 2006, p.172).

O conceito de psicosfera pode ser tomado como uma importante ponte de ligação da psicologia com a ecologia humana por inserir o psíquico na produção das espacializações e das ambientações do homem. Assim, conforme ressalta Alberti et al (2003), a ecologia humana é formada não apenas elementos por socioeconômicos, políticos e biológicos, mas também por elementos psicológicos.

Das bases de dados consultadas (SciELO, BVS-Psi e Google Acadêmico), constatou-se que há uma carência de pesquisas que relacionam a psicologia e a ecologia humana. Entretanto, nas poucas discussões sobre o assunto, os autores defendem tal aproximação, como é o caso de Maciel (1998), citado anteriormente, dando como um exemplo bastante positivo a Escola de Chicago. As duas ciências trabalham com temas humanos em comum, como por exemplo: saúde pública, bem-estar, segurança, comportamento, entre outros.

No Brasil uma produção importante interligando a psicologia com a ecologia é a de Sylvia Koller (2004), na área da psicologia do desenvolvimento. Essa autora organizou o livro **Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil**, sob a ótica de teorias de perspectiva interacionista, aliada à ecologia, reunindo trabalhos sobre desenvolvimento humano e o ambiente, realizados principalmente com jovens moradores de rua.

Na mesma área, Bronfenbrenner (2002), norte americano, é outra referência importante e traz em sua obra **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**, o aparato teórico para a realização de pesquisas nessa perspectiva.

Carvalho (2005), em sua tese intitulada “**Raízes da ecologia social: o percurso interdisciplinar de uma ciência em construção**”, relata sobre as formas de relação entre psicologia social e ecologia humana. Aponta a possibilidade de uma psicologia ecológica e da ecopsicologia, esta última assim intitulada por Roszack, que a considera como uma síntese entre a psicologia e a ecologia na análise das relações do homem com o planeta, num viés afetivo-emocional.

Kormondy e Brown (2002, p.51) mostram a relação da psicologia com a ecologia humana ao examinarem consequências da superpopulação: “entender os efeitos de uma variável ‘ecológica’ como a densidade populacional requer considerações sobre um conceito psicológico, a percepção da superpopulação.”

Visando a mobilidade, há de indagar sobre sua relevância na produção da subjetividade cidadina, que interessa a psicologia, sobretudo no caso dos itinerantes trecheiros. Em suas andanças por territórios geográficos e psicossociais diversos, travam um contato bastante ativo com os espaços por onde passam. Enfrentam dificuldades, observam atentamente a paisagem e a dinâmica local e também são observados, na maior parte das vezes por olhares preconceituosos; são tomados como objeto de assistência social instituídas por políticas públicas ou de ações de caridade promovidas pela filantropia. Suas andanças de um lugar a outro geram mudanças neles mesmos assim como nos lugares por onde passam.

1.2.3. Os espaços urbanos coletivos e a ocupação dos trecheiros

Para Žižek (2008), o capitalismo global tende a expandir seu mercado combinado ao enclausuramento dos espaços públicos. Eles têm uma imagem característica para as classes dominantes: elas querem a valorização desses espaços conforme seus interesses. Se por um lado há a constatação de que espaços públicos de alta qualidade têm maior atividade social humana, há processos de revitalização urbana que modificam o espaço público conforme interesses políticos e mercadológicos vinculados a empreendimentos imobiliários.

Diversas práticas de revitalização estratégica envolvem interesses de parcerias público-privadas em diferentes bairros, fazendo com que eles sejam mais frequentados para o lazer e, conseqüentemente, para o consumo. Essa forma de revitalização é chamada de gentrificação. Na experiência de gentrificação exemplificada por Leite (2008), o espaço público de permanência temporária (praça) se transformou em espaço público de passagem (largo). A política liberal foca o espaço público como espaço de passagem. O foco são as vias, as estradas e as ruas para melhorar o trânsito até os espaços privados.

Ora, uma vez mais, em termos puramente físicos, recusamos quaisquer limitações na movimentação pública na cidade, inventamos uma tecnologia de transporte para facilitar essa movimentação pessoal absoluta, e ficamos então surpresos com o fato de que o resultado disso é o entorpecimento da cidade enquanto organismo (SENNETT, 1988. p.321)

Quando um espaço é gentrificado, ele deixa de ser uma possibilidade de escolha para a população em situação de rua porque será, inevitavelmente, sonogado a ela.

A experiência de gentrificação dos bairros pode acentuar e aprofundar as desigualdades sociais neles, dificultando os acessos, aumentando o valor dos produtos dos comércios, criando espaços *gourmet*, restringindo opções de lazer e removendo os espaços públicos de encontro por estratégias de marketing urbano. Há experiências de gentrificação que são limpezas sociais, pois nelas há um aumento da vigilância local, retirada de pessoas que ocupam espaços públicos para sobreviver e homogeneização do espaço (JOSÉ, 2010). O comércio local se prepara para atender as classes mais altas e expulsa em nome de seus clientes qualquer um que não seja seu (alto) público-alvo.

A população em situação de rua se instala em um espaço público onde seu tempo de permanência é indeterminado, como por exemplo embaixo de pontes, cantos de praças ou mesmo à sombra de árvores afastadas. Também pode estabelecer moradias em certos espaços privados, como terrenos baldios e casas abandonadas. Ou seja, espaços esquecidos ou ainda que não foram revitalizados. Ela busca, dessa maneira, os não-lugares para sua instalação, espaços definidos como descaracterizados, sem identidade e sem historicidade

(AUGE, 1994). Aqueles que só têm existência notada quando são ocupados por alguém ou quando há alguma intervenção neles.

Além de ocuparem esses não-lugares, a população em situação de rua é uma “população flutuante”, pois são caracterizadas por ocuparem espaços por um curto período de tempo, o que dificulta pesquisas de caráter censitário e outros mapeamentos (FERREIRA, 2006). Os trecheiros também são considerados como parte dessa população e muitas vezes indistinguíveis do restante dela. Porém, eles costumam ocupar esses espaços por períodos extremamente curtos, muito menos tempo que outras pessoas em situação de rua, geralmente para pernoitar ou se proteger de algum fenômeno climático.

Sedoura e Silva (2006) apontam que os espaços públicos com maior qualidade e boas condições climáticas têm maior tendência de ter um maior número de atividades humanas opcionais e sociais (ex.: esportes, lazer, passeios, cultura, comércio, etc.). O espaço público ocupado pelos trecheiros são aqueles de qualidade reduzida, onde a população os utiliza para atividades necessárias, como por exemplo, transitar. Enquanto os outros sujeitos tendem a ocupar os espaços públicos como forma opcional e em qualidades climáticas favoráveis (ex.: em dias ensolarados, sem chuva), os trecheiros ocupam esses espaços como forma de necessidade (ex.: estadia e higiene) e para o abrigo contra as condições climáticas desfavoráveis e perigosas (ex.: chuva, frio). Essas condições climáticas são agravantes para muitos trecheiros, pois vivem com má alimentação, usam drogas como tabaco e álcool, têm péssimas condições de sono, poucos cuidados com a saúde e poucas roupas ou objetos para se proteger (ex.: blusas, cobertas e guarda-chuvas), o que faz com que fiquem mais expostos a doenças. Nessas condições, costumam ocupar certos espaços por um período maior de tempo ou mesmo se albergarem, caso a cidade disponibilize de um abrigo que aceite pessoas em situação de rua que não sejam da própria cidade.

Ocupar o espaço público dá novos significados e funcionalidades a ele. Merhy (2013) menciona o exemplo de uma praça de igreja apropriada por crianças para jogarem bola. No território daquela igreja se permite uma ação limitada: é um lugar para manifestar a crença, não para jogar bola em sua praça, mesmo que se seja tal ação posteriormente. As crianças assim deram uma nova funcionalidade para aquela praça. Há pessoas em situação de rua que

constituem territórios e costumam improvisar barracas e ocupar espaços abandonados para construir, mesmo que de modo precário, uma esfera de intimidade. Enquanto o trecheiro não dispõe de um espaço íntimo-privado. Como ficam pouco tempo nos espaços, tem como experiência privada apenas os acolhimentos filantrópicos e/ou assistenciais que lhes dão pernoites ao lado de diversas outras pessoas em situação de rua. O íntimo se esvai no trecho. É apenas no trajeto a pé que encontram sua solitude, um momento a sós consigo mesmo. Desse modo, suas diversas atividades são feitas em espaços abertos. Mesmo assim, quando ocupam esse espaço público, também dão novos significados e funcionalidades para a área ocupada, como será mostrado adiante em nossa discussão.

1.3 JUSTIFICATIVA

Existem poucas pesquisas específicas sobre trecheiros. Esse modo de vida e suas diversas problemáticas ainda são pouco discutidos. Justo (2012) relata que há uma multiplicidade de problemas encontrados por andarilhos de estrada e errantes, inclusive, relacionados a restrições impostas às suas mobilidades, quando ingressam e circulam pelos espaços urbanos. A pesquisa com esses sujeitos é mais do que necessária para firmar suas existências, dando-lhes visibilidade e apontando suas dificuldades e problemas com o meio pelo qual transitam, incluindo os próprios serviços públicos encarregados de prestar assistência a eles. A maioria dos serviços de assistência social dos municípios, geralmente, concentram suas ações na concessão de passes de viagem para outra cidade, assim que desembarcam na rodoviária local, conforme pudemos constatar em nossa pesquisa de iniciação científica (ESPÓSITO, 2013).

Interessa saber que problemas enfrentam, quais são suas estratégias de sobrevivência, como operam no ambiente urbano e nas rodovias, e como resistem às rejeições que recaem sobre eles. Interessa também resgatar suas memórias sobre o ambiente por onde passaram, focalizando percepções e sentimentos irrompidos em suas andanças tal como um *flaneur* da atualidade (BARRETO; GILSLON, 2013, p. 66-67). Num mundo da velocidade, do consumo

e de estruturas líquidas, o olhar estrangeiro dessa figura conseguiria captar particularidades do ambiente (quase) imperceptíveis?

Para Peixoto (1988, p. 363), “aquele que não é do lugar, que acabou de chegar, é capaz de ver aquilo que os que lá estão não podem mais perceber. Ele resgata o significado que tinha aquela mitologia.” Assim, trabalhamos com a hipótese de que esse viajante tem uma visão diferenciada das pessoas que moram na cidade, interagindo com o ambiente de modo singular devido a sua transitoriedade. Lidando com discriminações, preconceitos, entre outras dificuldades, também desequilibram o meio com suas presenças, pois são vistos como estranhos e indesejados (FREITAS, 2014). Assim, o tema da pesquisa ganha relevância não apenas por dar visibilidade a um tipo de mobilidade que é desconsiderada e oculta, mas também por trazer à tona o olhar desses itinerantes sobre a cidade e mapear as reverberações de sua presença, ainda que de passagem, na ecologia humana e urbana.

Machado (1984, p.29) relata um pequeno histórico sobre os princípios da ecologia humana. Expõe que Thompson, em 1911, fez junções de conhecimentos biológicos e sociais ao levar, para as ciências humanas, termos que eram utilizados para designar interações estritamente biológicas. A partir disso, a noção de ecologia se transformou bastante, não sendo mais considerada como do domínio exclusivo de biólogos, mas podendo ser utilizada nas pesquisas de sociólogos e outros cientistas sociais, convertendo-se em um conceito interdisciplinar. Ainda segundo Machado (1984, p.33), compreende-se a ecologia humana como:

estudo interdisciplinar das interações entre o homem e o meio ambiente, estudo realizado sob a inspiração sistêmica e com objetivos prospectivos. Estudo realizável por qualquer disciplina com a interação de disciplinas adjacentes. Ecologia humana não é uma disciplina isolada, não é uma profissão. É simplesmente um nível superior de pensamento, utilizando metodologia sistêmica.

Assim, ecologia humana torna-se plausível no âmbito da psicologia social (MACIEL, 1998). É possível, a partir desses pressupostos, entender a interação entre trecheiros e andarilhos de estrada e as cidades e seus moradores. A cidade, seus corredores de circulação e as vias que a interligam a outras cidades serão tomados como ambientes ou “espaços de fluxos”

(CASTELLS, 1999) nos quais a presença de trecheiros e andarilhos é parte importante dos sistemas de objetos e do sistema de ações (SANTOS, 2006) que os constituem.

1.4 OBJETIVOS

1.4.1 Geral

Descrever a interação dos trecheiros com as cidades pelas quais transitam, habitando suas vias de circulação/conexão, e analisar as reverberações de seus modos de vida no ambiente urbano e nas vias de trânsito, tomados no seu conjunto.

1.4.2 Específicos

1. Compreender quais são as estratégias que usam para conseguirem viver no trecho.
2. Compreender como enfrentam adversidades como o frio, a fome e a falta de um lugar seguro para repousar.
3. Analisar como ocupam temporariamente os espaços urbanos.
4. Compreender quais são as interferências que sofrem para fazer o trecho.
5. Analisar a socialidade entre os trecheiros.

PARTE II: METODOLOGIA

2.1 MÉTODO

Além da pesquisa bibliográfica sobre a temática de ecologia urbana, migração, errância e população de rua, levando em consideração seus aspectos culturais, dificuldades, coerções, entre outros, por meio de livros, artigos e revistas sobre o tema, a presente pesquisa teve uma parte empírica com coleta de dados e informações mediante observações de campo, e entrevistas com trecheiros em trânsito por rodovias e albergados.

A perspectiva metodológica orientadora dessa pesquisa é a da etnografia e da deriva, por privilegiarem a produção de conhecimento na interação do próprio pesquisador com o campo e dos participantes com o ambiente no qual convivem. A cidade, seus múltiplos espaços e os fluxos que escoam por suas vias de mobilidade foram observados no plano das microrrelações que envolvem andarilhos, trecheiros e pessoas em situação de rua. Segundo Cordeiro (2010), é no plano micropolítico que surgem experiências, subjetividades e particularidades impossíveis de serem percebidas e compreendidas no plano macro. Tal método torna-se fecundo na pesquisa transdisciplinar entre ciências sociais e ecologia (LITTLE, 2006) e na própria psicologia (SATO; SOUZA, 2001).

A etnografia rompe com a clássica dicotomia entre sujeito e objeto, tomando-os como em constante interação na produção de conhecimento (CORDEIRO, 2010; LITTLE, 2006; MAGNANI, 2002. SATO; SOUZA, 2001), “configurando-se o ‘estar no campo’ como um constante diálogo entre a natureza do objeto, as hipóteses de trabalho e o que o campo ‘fala’” (SATO; SOUZA, 2001). Outras dicotomias superadas pela etnografia que interessam a esta pesquisa são aquelas forjadas entre as ciências naturais e sociais (LITTLE, 2006), e entre os sujeitos e as estruturas urbanas, tomando ambos numa mesma análise (MAGNANI, 2002).

A etnografia e a deriva como perspectivas metodológicas geral da presente pesquisa tornam possível investigar, no próprio campo onde se desenrolam, as relações dos andarilhos, trecheiros e pessoas em situação de rua com o ambiente urbano e ambiências que afloram nos corredores de circulação.

2.2 ETNOGRAFIA E DERIVA: POSSIBILIDADES NA PESQUISA⁴

Inicialmente, cabe ponderar que a empreita de conectar a etnografia com a deriva é bastante complexa por se tratar de dois referenciais com origens e trajetórias bem distintas no campo da ciência. Complexidade essa que torna a tarefa ainda mais desafiadora para pesquisadores de outra área que não a da antropologia e da psicogeografia – como é o nosso caso - ou do movimento situacionista de onde surgiram e se desenvolveram, isto é, a etnografia e a deriva, respectivamente. Portanto, estamos tateando um assunto que surgiu da nossa prática em pesquisa com trecheiros urbanos e demanda discussões mais amplas e aprofundadas.

A etnografia se consagrou na antropologia europeia com estudos de povos distantes e desconhecidos, sobretudo da África e das Américas. Segundo Malinowski (1976, p.37-38), “em breves palavras esse objetivo [o da etnografia] é o de apreender o ponto de vista dos nativos, seus relacionamentos com a vida, sua visão de seu mundo”. Excursões a terras distantes, a convivência prolongada com povos e culturas bem distintas e contrastantes com a cultura europeia, registros e descrições meticolosos faziam parte do método e dos instrumentos utilizados pelos etnólogos em suas pesquisas de campo. Recentemente, a etnografia incorporou outras territorialidades e assuntos tais como questões acerca da migração de povos ou questões relacionadas a espaços e manifestações culturais urbanas, sem abandonar inteiramente sua postura metodológica e ferramentas tradicionais. Contudo, a etnografia ainda focaliza sujeitos e objetos em pontos fixos ou pouco dinâmicos, redirecionando sutilmente seu foco, conforme o acompanhamento do fenômeno investigado. Ainda se mantém, como limite e foco das etnografias, territórios bem constituídos e delimitados tais como cidades, aldeias, ruas, estabelecimentos institucionais, dentre outros.

De qualquer maneira, em nossas pesquisas com pessoas em situação de rua e trecheiros – uma população praticamente desterritorializada – orientamo-nos, inicialmente, pela etnografia por nos parecer a que mais correspondia às exigências e à realidade do nosso campo de pesquisa.

⁴ Esse capítulo foi editado em formato de artigo e publicado na revista ECOS.

No entanto, mesmo tomando a etnografia como referência metodológica, passamos a reconhecer a limitação dos seus recursos quando tentamos compreender dinâmismos urbanos, como, por exemplo, a cultura criada na mobilidade, no trânsito, no andar pelas ruas da cidade ou na exploração de seus nichos e recantos. A etnografia também mostra limitações, mesmo que pequenas, quando pretendemos estudar dinâmismos de vida acentuados tais como se apresentam na errância de andarilhos, trecheiros ou mesmo em migrantes sem rumo ou sem algum ponto para se fixar ou lugar que possa habitar. Estudar a relação de trecheiros e demais itinerantes com os ambientes pelos quais passam torna-se um trabalho difícil por não se tratar de ambientes fixos ou territorialidades expostas e demarcadas, como acontece de praxe na etnografia. Muitas das pessoas que precisamos encontrar ou acompanhar em nossas etnografias encontram-se em trânsito, por isso temos também que nos deslocar para manter algum contato com elas.

Foi justamente para podermos rastrear e acompanhar as caminhadas e deslocamentos dos trecheiros de uma cidade a outra e nos próprios espaços urbanos que acabamos por incorporar a técnica da deriva, proposta por Debord (1958), à etnografia que vínhamos praticando.

Como ensejar uma interseção entre a deriva e a etnografia? A primeira estaria na ordem do acaso, enquanto a segunda se encontra na ordem da sistematização de visitas ao campo e de registros. Entretanto, apesar das diferenças não são excludentes, enquanto a etnografia permite focalizar pessoas em interação e suas produções culturais, localizadas num determinado território, a deriva permite rastrear deslizamentos, acontecimentos repentinos e desfocados, os detalhes, as invisibilidades dos arredores de um cenário principal, tal como o psicanalista tenta fazer com as aparições, de assalto, do inconsciente. Assim sendo, podemos pensar a etnografia e a deriva como complementares, e não necessariamente como opostos, na medida em que, num mesmo campo, cada uma consegue captar o que escapa à outra.

Pretendemos, calcados em nossa experiência de pesquisa com trecheiros, realizar uma breve explanação sobre a etnografia e sobre a deriva e, a partir disso, discutir as possibilidades de articulação de ambas nas pesquisas com errantes, nômades e outros sujeitos que se caracterizam pela mobilidade geográfica e psicossocial.

2.2.1 A etnografia e o fazer etnográfico

Etnografia é um método de pesquisa utilizado para se compreender as manifestações culturais. Ao contrário de métodos pautados em teorias que tomam as manifestações de comportamentos humanos como algo estrutural ou inato/aprendido, na etnografia eles são explicados e interpretados por meio de fundamentos culturais e sociais. Bezerra (2010) relata que a etnografia produz conhecimento pelo contato intersubjetivo entre o cientista social e a cultura e costumes de certo grupo. Para tal realização, o etnógrafo utiliza técnicas na pesquisa de campo como a observação participante, a percepção da alteridade e práticas especiais entre sujeito e objeto. A mesma autora também nos alerta que a prática metodológica da etnografia é marcada por uma gama de imprevisibilidades, incidentes e descobertas que fazem com que os etnógrafos prezem a experiência de campo como crucial e ponto alto nesse tipo de pesquisa.

Por algum tempo, a pesquisa etnográfica se interessou por questões concretas sobre tribos e seus espaços. A presença característica da observação na obra de diversos teóricos dá o suporte necessário para investigações de aldeias e espaços urbanos. Assim, o trabalho do etnógrafo é marcado pela sua subjetividade, por uma escuta sensível ao que está sendo dito por outros, geralmente, situados num universo estranho ou pouco familiar ao pesquisador. Seu trabalho é da ordem da compreensão, o que lhe possibilita discutir as funções simbólicas, processos de subjetivação, linhas de poder, significações, construções histórico-sociais e culturais, além de outros aspectos do lugar com seus habitantes.

Dessa forma, a etnografia é utilizada como um método de pesquisa para se compreender não só a cultura de determinado grupo, mas contempla também as questões culturais que estão enraizadas em certo espaço ou local (GEERTZ, 1978). Seu objeto de pesquisa é, portanto, a conjuntura cultural, os costumes, os modos de trabalho e estilos de contato e sobrevivência com o meio (BOAS, 2004). Isso significa que não necessariamente a etnografia pesquise um grupo,

tribo ou outros conjuntos humanos. Ela está atenta à cultura formada e manifestada por eles.

Nesse sentido, há diversos tipos de pesquisa etnográfica, como, por exemplo, a que se atentou a estudar a dinâmica de uma rua famosa (ECKERT; ROCHA, 2003), os sons produzidos pela cidade (VEDANA, 2009), a que aborda os conflitos socioambientais (LITTLE, 2006) e até mesmo as pesquisas com infovias digitais, chamadas ciber-etnografias (WARD, 1999). Nessas etnografias mais recentes não são apenas os focos que mudam em relação aos tradicionais, mas também o modo de os focalizar. Em vez de uma lente macroscópica, utiliza-se, preferencialmente, uma microscópica. Por buscar a compreensão dos fenômenos culturais situados nas localidades, sem a sobreposição de modelos explicativos gerais, ela sai do enfoque da grande narrativa e da imagem universal de homem para voltar-se às especificidades e singularidades da cultura humana, como podemos ver em Sato e Souza (2001)

[...] deslocando-se do eixo das macroanálises para as relações cotidianas que compreendem não somente aspectos microssociais mas que, em sua face local, resgata aspectos da história particular e de sua relação com determinantes sociais e culturais que a cercam (p. 30-31)

Dessa maneira, ao resgatar os aspectos da história particular, ser etnógrafo, como diria Da Matta (1978), é conseguir tornar familiar o exótico das culturas diferentes da dele e ter um olhar sensível para o que é familiar, ser capaz de enxergá-lo como exótico. Para chegar a esse estado, a etnografia passou por diferentes transformações ao longo do tempo: mudou seu foco, ampliou suas técnicas, assimilou novos objetos de pesquisa, aumentando, assim, sua gama de possibilidades. Podemos acrescentar uma breve reflexão sobre mudanças na escrita etnográfica feita por Bezerra (2010):

O proposto para o exercício e a escrita etnográfica é, além de considerar essas possibilidades, pensar em trabalhos que não se dirijam mais a um único perfil de leitor e que forneça a este várias possibilidades de leituras e interpretação. A teoria atual propõe que o texto para ser eficaz precisa se distanciar de intenções do autor para se concentrar na potencialidade criativa do leitor (p.8).

Percebemos que etnografia passou e ainda passa por diversas transformações e ramificações constantes. Alguns teóricos são mais

pragmáticos quanto ao uso dela em certas situações, enquanto outros são mais abertos para anexar uma gama maior de estudos e de técnicas dentro do próprio método. Constatamos, por exemplo, que atualmente há discussões sobre critérios de aproximação e de distanciamento entre o pesquisador e seu objeto de pesquisa, considerando-se que isso pode ser benéfico ou prejudicial à investigação científica. Há discordâncias entre teóricos que se pautam pelo distanciamento e outros que estão mergulhados nas culturas grupais para compreendê-las, inclusive, os discursos relatam o quanto é importante ficar atentos a suas impressões pessoais e outras questões sobre a subjetividade do pesquisador. Há, ainda, algumas discussões sobre o que é considerado ou não como técnica auxiliar e o que é válido como objeto de pesquisa dentro da etnografia. De modo geral, o que toda pesquisa etnográfica exige é uma boa síntese, um bom recorte do que será pesquisado e uma experiência de campo.

Ao falar do ofício do etnólogo, Da Matta (1978) diferencia três momentos da pesquisa. A pesquisa etnográfica já começa a partir do momento em que o pesquisador faz seus levantamentos bibliográficos. Tais leituras aproxima-o da questão a ser pesquisada e prepara-o para posteriormente ir a campo. Na véspera, o etnógrafo começa a se preocupar com questões práticas para sua ida ao campo. A terceira etapa é o momento da experiência. Nela se encontra o ponto em que as culturas, as vivências e os discursos se encontram ocasionando a curiosidade e a imprevisibilidade. Bezerra (2010) afirma que por meio do método etnográfico, o pesquisador está além de apenas descrever as representações culturais e visões de mundo das pessoas que estão no foco da pesquisa. Ele também atua de modo específico na realidade a ser pesquisada como uma relação de troca. Ele compara suas percepções com as do grupo estudado e, neste choque, ou contato intersubjetivo, se produz uma nova compreensão, um caminho de pesquisa diferente ou nova alternativa, que muitas vezes não havia sido previsto ou percebido anteriormente.

Ainda complementando sobre a terceira fase da pesquisa etnográfica, Sato e Souza (2001) expõem três pontos que são importantes para a realização de uma boa etnografia: 1. Estabelecer bem o objetivo da pesquisa, a natureza de seu objeto e como ela se expressa; 2. Seguir o que as pessoas indicam e ouvir suas dicas assegurando a concretude da pesquisa. Nesse momento, o pesquisador sai da posição de saber para a posição didática de aprender, ouvir,

respeitar e seguir o que está sendo dito; 3. Perceber em todo momento as indicações que o próprio campo fornece, incluindo suas insistências, as contradições e ambiguidades. Isso exige bastante atenção aos diversos acontecimentos e paciência para com eles, mesmo que haja alguma espera ou demora. Até mesmo detalhes e casualidades podem ser relevantes para a pesquisa. Não podemos deixar de ponderar que essas relações de atenção com o campo e outras precauções são, na grande maioria das vezes, da mesma ordem de precauções e cuidados que precisamos ter nas relações humanas.

Sobre as relações entre pesquisador e participantes da pesquisa, Sato e Souza (2001) destacam que, de fato, existe em etnografia uma relação de assimetria. O etnógrafo é percebido de modo diferente, como alguém de “fora” do grupo. Ele pode ser visto como o pesquisador que precisa saber algo importante para ajudá-los ou mesmo como alguém de destaque que precisa ouvir uma denúncia ou reclamação. No entanto, essa relação assimétrica entre pesquisadores e grupo a ser pesquisado pode diminuir ou até se extinguir conforme o nível de confiança, de informações repassadas e de aproximação com o grupo. Para tanto, a visão e relações ensejadas pela situação da pesquisa precisam superar a dicotomia “pesquisador-pesquisado” e entrar em uma relação na qual todos se relacionem e sejam vistos como participantes que estão compondo a pesquisa e compartilhando experiências de vida entre pessoas.

Essa assimetria no relacionamento deixa de ser motivo de surpresa quando vemos a pesquisa de campo como um processo de convivência entre pessoas. Sendo assim, não são apenas as regras e rigores metodológicos que nortearão a qualidade da pesquisa, mas a qualidade do relacionamento entre o pesquisador e as pessoas do local pesquisado (SATO; SOUZA, 2001, p. 36)

Importante para a aproximação e ética do pesquisador é deixar claro para os participantes quem ele é, por que está naquele meio, por que ele quer fazer a pesquisa, qual o objetivo dela e qual o *feedback* que ela trará. Assim, a confiança e o fortalecimento de laços recíprocos serão maiores, e haverá a colaboração de participantes para a concretude da pesquisa por meio de dicas e informações que eles mesmos podem dar sobre onde ir e com quem conversar, além de dados importantes para a orientação da observação participante e até

mesmo o oferecimento de relatos memoriais e históricos que podem ser úteis para a compreensão da construção cultural daquele espaço ou grupo.

Apesar de a etnografia focalizar, prioritariamente, a questão cultural, ela não se restringe ao campo do antropólogo. Pode ser utilizada em pesquisas de outras disciplinas científicas, tais como a psicologia, a etnoeconomia, direito e demais campos que possam se beneficiar de aparatos metodológicos para a pesquisa. O que, de fato, não se deve ignorar é que o objetivo mais potente da etnografia é fortalecer o trabalho de restauração, desenvolvimento, visibilidade e proteção das culturas locais. Fazer uma etnografia é também relatar as singularidades das manifestações culturais e como elas resistem à cultura massificada e hegemônica produzida pela indústria cultural.

Da Matta (1978) explora em “O ofício do etnólogo, ou como ter ‘Anthropological Blues’” as questões acerca do ofício do etnógrafo, que extrapolam os manuais tradicionais. Menciona a imprevisibilidade que toma de assalto o trabalho de campo do etnógrafo e que exige dele habilidades, ainda que de forma amadora, além daquelas formais do domínio da profissão de pesquisador. Por exemplo, é comum o etnógrafo ser levado a exercer a função de mediador entre a população, a estabelecer contatos e vínculos com instituições locais ou ajudar a cozer, ajudar na limpeza, nos primeiros socorros, dentre outras situações. O etnógrafo, assim, sai da posição rígida de observador metódico para experienciar as questões humanas, mergulhado na cultura que pesquisa.

Ser um etnólogo, para o autor em tela, conforme o que foi dito, é aprender a “transformar o exótico em familiar e o familiar em exótico” (ibid., p.4), no encontro/confronto com culturas totalmente distintas da sua, na realização de pesquisas longe de casa. Na familiarização do exótico ou no exotismo do familiar, a separação sujeito-objeto do positivismo é impossível, pois a subjetivação está no cerne do processo de estranhar o outro a partir do familiar ou, inversamente, de estranhar o familiar a partir de um olhar distanciado, posicionado no lugar do outro. Nesse processo surgem tanto sensações novas, interessantes, confortáveis, quanto aquelas mais viscerais e desagradáveis que, muitas vezes, não estamos preparados para suportar. Imprevisibilidades, tragédias, tristezas, solidões, despedidas e outros momentos que nos enchem os olhos fazem parte do ofício da etnografia. Verdadeiramente, uma tristeza

nostálgica como o sentir de um *blues*, assim como sugerido em Da Matta (1978). Paradoxalmente, nossa atitude de pesquisador é regida pela racionalidade e até mesmo, para alguns, por uma postura neutra; porém, ainda assim, não estamos imunes à irrupção de nossos sentimentos.

Somos entusiastas, queremos ser o herói desbravador rumo ao desconhecido, estar em contato com questões novas de culturas diferentes ou mesmo ser o *flâneur* do caminhar cuidadoso e do olhar atento aos pontos que outros cidadãos desprezam, mas nunca estaremos tão preparados para o choque de realidade do que iremos encontrar. Contudo, o etnógrafo (ou etnólogo) tem seus momentos de sofrimento com esse contato intercultural, apesar da postura de pesquisador tentar, quase sempre, se pautar pelas prescrições metodológicas e pelo profissionalismo.

Por ser um tabu explicitar a pessoalidade e sentimentos próprios no meio acadêmico, torna-se importante discutir essas questões, sobretudo na pesquisa de campo, quando se incursiona pela etnografia e se deflagra o encontro/confronto com um outro completamente estranho e diferente daquilo que nos é familiar. Embora pouco explicitada e considerada, é exatamente a capacidade de se afetar pelo campo e reagir a ele que fornece as condições para a realização de uma etnografia e para a utilização dos seus recursos técnicos.

A principal e indispensável técnica é a observação participante. Porém, como pondera Lima et al (2010), o etnógrafo pode usar diversas técnicas complementares tais como a entrevista, a narrativa, a história de vida, práticas interacionistas e a análise de documentos. Tamanha amplitude possibilita incluir a técnica da deriva como recurso complementar, conforme pudemos experimentar em nossas pesquisas com trecheiros urbanos.

A observação participante é tida como a principal técnica da etnografia. Com ela, o pesquisador não apenas observa as ações que ocorrem no campo que adentrou, mas está presente ativamente, interagindo nele e se tornando parte dele. Ela consiste em acompanhar e conversar com as pessoas do campo, entrevistá-las e, principalmente, registrar os fenômenos que ocorrem no momento, os acontecimentos do cotidiano naquele campo, além da descrição da paisagem e das estruturas institucionais. A partir do momento que o pesquisador está em campo, as fontes de informação são diversas e imprevisíveis. Trabalhamos, na pesquisa, de modo não estruturado, pois não é possível

estabelecer previamente procedimentos rígidos e nem mesmo roteiros de observação ou de entrevista. Apesar disso, a observação participante, adquire sistematicidade na medida em que vai sendo realizada, e o pesquisador, passado o momento inicial da *flanerie* pelo campo, elege fontes, percursos e procedimentos que se mostrem mais eficazes. A entrada no campo sem categorias de análise estabelecidas previamente é fundamental para uma observação participante menos focal ou dirigida, capaz de captar aspectos relevantes dos acontecimentos em curso que escapam a enquadramentos preestabelecidos. Contudo, é notável em diversos artigos que, mesmo seus autores alertando sobre os prejuízos da utilização de categorias previamente estabelecidas, acaba-se por demonstrar uma ânsia por estruturar categorias de análise e realizar-se direcionamentos focais antes de qualquer contato mínimo com o campo no qual se pretende incursionar.

A imersão no campo pode ocorrer de diferentes formas e em diferentes intensidades. O pesquisador pode estar em campo sem ter um papel atuante e manter certa distância do grupo, opção mais plausível para alguns etnógrafos tomados pelo temor de que um maior contato com o grupo possa dificultar suas análises. Em outros casos, é possível realizar uma observação participante onde o pesquisador seja conhecido pelo grupo ou comunidade estudada e tenha um papel mais ativo. Nessa condição de maior proximidade e participação deve-se procurar manter certa distância, abstendo-se de liderar ou ser um protagonista de relevo no grupo.

Na observação participante não basta apenas colher informações com entrevistas ou conversas informais. O etnógrafo precisa acompanhar todos os processos que estão ocorrendo, para além daquilo que é expresso pela linguagem verbal.

A observação participante implica saber ouvir, escutar, ver, fazer uso de todos os sentidos. É preciso ponderar sobre o momento certo para perguntas e por vezes esperar mais do que o imaginado. As entrevistas formais são muitas vezes desnecessárias, devendo a coleta de informações não se restringir a isso. Com o tempo os dados podem vir ao pesquisador sem que ele faça qualquer esforço para obtê-los e isto pode ajudar significativamente na manutenção do relacionamento estabelecido (BEZERRA, 2010, p. 14).

A técnica ainda exige cuidados e atenção do etnógrafo. Tomando como exemplo a experiência de outros pesquisadores, compreendemos que o etnógrafo precisa estar sensivelmente atento ao modo como se aproxima das pessoas que estão no campo. Como notamos em Berreman (1980), o etnógrafo adentra o campo como um intruso desconhecido, pessoa inesperada e muitas vezes indesejada. As impressões que gera nas pessoas e a maneira como será representado são importantes para acesso às informações e o tipo de dados que serão obtidos. O primeiro contato pode, em alguns casos, fazer com que as pessoas do grupo reajam de forma um pouco diferente da rotineira diante do pesquisador, exigindo dele habilidades e o tempo necessário para obter confiança e ser aceito, sem maiores reservas ou preocupações.

Vemos que, ao contrário de uma entrevista convencional, o pesquisador não tem acesso aos fatos apenas por meio de uma comunicação verbal. Uma vez imerso no universo de uma cultura, o etnógrafo obtém e analisa as informações com todos seus sentidos e com o preparo cuidadoso para tal atividade. Para Lima et al (2010) e Bezerra (2010), na observação participante, o pesquisador usa seus cinco sentidos para perceber as atividades e as inter-relações com o meio no qual está inserido. Para tanto, ele precisa fazer um registro objetivo em seu diário de campo das diferentes impressões e questões que passam a afetá-lo.

Na observação participante, o registro de toda experiência de campo (impressões, percepções, observações, falas, diálogos, sons, imagens, acontecimentos e tantos outros emergentes situacionais) talvez seja a tarefa mais difícil. Em alguns casos, gravador e câmera de fotografia ou de vídeo podem ser muito úteis, porém, na maior parte das vezes, são apenas algumas anotações, quando muito, que servirão de apoio para a elaboração de um relato exaustivo. Conforme indica Lima et al (2010):

Implica considerar que a preocupação maior da etnografia é obter uma descrição *densa* e holística do evento social; em outras palavras, uma descrição criteriosa e detalhada do comportamento dos sujeitos, considerando os olhares, os gestos, o tom da voz, as pausas, as interações, enfim, tudo que seja significativo para a compreensão do mundo social que está sendo investigado (ibid., p.9)

2.2.2 A deriva enquanto método

A deriva é, basicamente, um caminhar sem rumo. Guy Debord (1958), idealizador da teoria da deriva, define-a como uma passagem rápida por diversos ambientes, utilizada para a exploração de paisagens e fenômenos psico-geográficos, mediante uma conduta lúdica-construtiva. Tal passagem por espaços recônditos da urbe se diferencia de trajetos comezinhos realizados cotidianamente, estabelecidos por lógicas tradicionais, justamente porque permite um *delírio* (de-liros)⁵ no caminhar pelas vias e espaços da cidade, isto é, permite um salto para fora das rotas estabelecidas. A proposta da deriva é desligar-se dessa atitude direcionada e, como afirma o autor, “compreende ao mesmo tempo esse deixar-se levar e sua contradição necessária: a dominação das variações psico-geográficas pelo conhecimento e cálculo de suas possibilidades” (DEBORD, 1958, p.1). Essa técnica, à primeira vista, pode parecer um exercício simples ou mesmo superficial, porém, ela é capaz de gerar um riquíssimo acervo de informações para a pesquisa urbana orientada pelo método psico-geográfico, em completude com a análise ecológica⁶:

A análise ecológica do caráter absoluto ou relativo dos cortes do tecido urbano, do papel dos microclimas, das unidades elementares inteiramente distintas dos bairros administrativos, e sobretudo da ação dominante de centros de atração, deve ser utilizada e completada pelo método psico-geográfico (DEBORD, 1958, p. 1)

Aqui, visualizamos uma possibilidade de conexão da deriva e da psicogeografia com a etnografia que utilizamos em nossas pesquisas com trecheiros. Tal conexão permite adotar uma perspectiva ecológica, a saber, permite percorrer trilhas, percursos e entornos diversos pelos quais circulam os trecheiros nos espaços psicossociais e geográficos da cidade. Uma vez que nosso trabalho esteja situado em uma área urbana ou viária, pensar em usar a deriva para coletar informações sobre a complexidade das ruas torna o trabalho rico em detalhes que nossa atenção e lógica racional jamais conseguiriam

⁵ Etimologicamente, a palavra “delírio” surgiu da associação do prefixo “de” (fora) com o radical “liros” (sulcos), designando aquilo que foge de um centro ou escapa a um caminho sulcado na terra.

⁶ Aqui se trata de ecologia no sentido de “totalidade”.

captar. A deriva nos leva a lugares recônditos, esquecidos, ignorados ou de pouca visibilidade que, talvez, nem mesmo um etnógrafo atento seria capaz de detectar mediante observações participantes, que podem ser atraídas por movimentações e acontecimentos, assumindo uma posição mais central no cenário urbano.

Debord (1958) nos expõe como o pesquisador age ao usar a técnica da deriva:

O sujeito é convidado a se dirigir só, a uma hora determinada, em um endereço que se lhe fixa. Ele está liberado das penosas obrigações do encontro ordinário, já que ele não espera nenhuma pessoa. Todavia, esse “ponto de encontro possível”, tendo-o levado de improviso em um lugar que ele pode conhecer ou ignorar, leva-o a observar arredores. Pode-se ao mesmo tempo dar ao mesmo local um outro “ponto de vista possível”, a alguém cuja identidade ele não pode prever. Ele pode mesmo jamais a ter visto, o que incita a entrar em conversação com diversos transeuntes. Ele pode não encontrar nenhuma pessoa, ou mesmo encontrar por acaso aquele que fixou o “ponto de encontro possível” (DEBORD, 1958, p.3)

O mesmo autor ainda exemplifica quais situações sustentam o sentimento da deriva:

Assim, o modo de vida pouco corrente, e mesmo algumas brincadeiras consideradas duvidosas, que sempre estiveram sob benevolência em nosso entorno, como por exemplo se introduzir de noite nos pisos das casas de demolição, percorrer sem parar Paris de carona durante uma greve dos transportes sob pretexto de agravar a confusão, fazendo-se conduzir não importa aonde, entrar nesses subterrâneos das catacumbas que são proibidos ao público, destacariam um sentimento mais geral que não seria outro senão o sentimento da deriva (DEBORD, 1958, p. 3).

Apesar de falar desses locais mais perigosos, onde nossa atenção está aberta a tudo, Debord enfatiza que é esse tipo de sentimento que temos que ter em nossas rotas de pesquisa ou mesmo em nossos passos quando estamos usando a técnica da deriva.

Em nenhum momento a deriva se constitui em um trabalho árduo, no sentido de ser desagradável ou degradante. Quando se diz que ela é uma técnica lúdica, ninguém melhor do que Maffesoli (2000. p.77) para dizer, como faz logo no começo do capítulo sobre a arte da deriva, que é preciso “desligar-se para saborear melhor a proximidade das coisas”. Assim também faz o turista impressionado com cada pequeno detalhe da rua em que está passando, sendo

possuidor do olhar estrangeiro, conforme dissertado por Peixoto (1988). A deriva está nas atitudes de Hélio Oiticica, relatadas por Paola B. Jacques (2012), ao mostrar que o artista caminhava sem rumo pelas ruas do Rio de Janeiro, em um gesto que chamava de “*delirium ambulatorium*”, enquanto fazia anotações em um bloquinho, o “*Index cards*”. Ele foi se modificando, se confundindo com as ruas, se integrando a elas e (re)descobrimo labirintos em uma mistura homogênea de arte e vida cotidiana, sem dissociação.

Outro exemplo da deriva na pesquisa pode ser encontrado detalhadamente na dissertação de mestrado de Duarte-Alves (2007, p.30). Nessa dissertação sobre histórias e memórias de ribeirinhos desalojados de sua antiga vila à beira do rio por causa de construção de uma hidrelétrica, a autora descreve como foi seu trabalho de campo. Deslocava-se pelas ruas da nova vila, construída como compensação pelo alagamento da anterior, sem um roteiro ou rumo previamente definido. Ao longo de sua deriva pelo pequeno vilarejo ia abordando pessoas que encontrava pelas ruas e praças ou defronte as casas. Entabulava conversas com as pessoas do lugar sobre suas histórias, sobre a experiência de terem sido desalojados da beira do rio e reassentados naquele novo núcleo urbano. De acordo com suas próprias palavras:

As histórias foram colhidas em espaço público, em grupos com mais de três pessoas. Debaixo de sombras de árvores, sentados em banquetas nas calçadas ou mesmo nas sarjetas, entabulávamos com os participantes conversam sobre suas histórias e sobre a vida atual. Faziam uso da palavra livremente. Um entrava na história do outro, corrigiam-se, complementavam relatos ou acrescentavam detalhes que julgavam importantes nos episódios que estavam sendo narrados (DUARTE-ALVES, 2007, p.30).

É oportuno aproveitar o exemplo desse procedimento descrito pela autora para acrescentar outros conceitos intimamente relacionados à deriva proposta e praticada por Debord e os situacionistas. A Internacional Situacionista foi um movimento de intelectuais e artistas preocupados com o urbanismo e a vida urbana, que surgiu na Itália, em 1957 e se prolongou até a década de 1970. Entendiam eles que a transformação das relações sociais e a arte nesse processo dependiam, fundamentalmente, das práticas urbanas entendidas como jogos que se desenrolam no cotidiano, imbuídos de sentimentos, afetos, paixões e de um caráter lúdico que se opõem à racionalidade do urbanismo moderno

(JACQUES, 2003). Para tanto, a principal ferramenta seria a criação de “situações” capazes de romper com a lógica unitária e totalizadora da racionalidade que preside a cidade e o urbanismo modernos, e produzir “momentos”, “vivências” e subjetivações singulares nos quais os cidadãos se instituem como protagonistas e deixam de ser meros personagens de enredos estabelecidos e cristalizados.

Assim como os situacionistas procuravam criar situações disruptivas na cidade, a deriva na pesquisa cria “situações” no campo. Duarte-Alves (2007), ao percorrer a pequena vila, como uma *flâneur*, produziu situações incomuns naquele lugar (rodas de conversa nas calçadas, debaixo de árvores e, sobretudo, reuniões de pessoas para rememorar e elaborar coletivamente suas experiências de desalojamento). Ainda que não de forma deliberada, grande parte das pesquisas de campo junto a comunidades e outros coletivos, quando não são orientadas por procedimentos rígidos preestabelecidos e realizadas em espaços estruturados, produzem “situações” semelhantes à dos situacionistas.

Uma atitude assim se coaduna perfeitamente com procedimentos científicos, tais como o do etnólogo em campo ou do pesquisador participante e tantos outros casos dentre a variedade de métodos e procedimentos de pesquisa.

2.2.3 Articulação entre deriva e etnografia

Queremos discutir a justificativa da inserção da técnica da deriva na etnografia, mais especificamente, na etnografia urbana. Para tanto, faremos, a seguir, um pequeno apanhado sobre esse modo de etnografia e indicações de como pretendemos articulá-lo com a técnica da deriva.

Existem diferenças entre fazer uma etnografia da cidade e uma etnografia na cidade. A primeira se refere a tentativas de se compreender as questões culturais da cidade, das suas ruas, espaços, manifestações, singularidades, etc. A segunda está pautada em compreender as dinâmicas dos atores sociais e grupos dentro do ambiente da cidade. Nessas perspectivas, Magnani (2002), pontua duas modalidades de atuação da etnografia. Uma é chamada de “passagem”, que consiste em fazer trajetos pela cidade,

observando seus espaços, instituições, monumentos e situações que ocorrem nela; a outra pressupõe um posicionamento “de perto e de dentro”, onde acompanhamos o ator social em sua trajetória e suas ligações entre grupos, instituições e demais espaços. O mesmo autor ainda propõe, em seus trabalhos de análise, uma articulação entre ambos.

Por sua vez, a deriva não é uma técnica que tomamos apenas para a etnografia da cidade, mas podemos usá-la junto ao acompanhamento de participantes da pesquisa, cuja característica marcante seja o caminhar sem rumo, como, por exemplo, os trecheiros (JUSTO et al., 2014) e os andarilhos de estrada (JUSTO; NASCIMENTO, 2005). Caminhando sem rumo junto a eles, conseguimos descrever seus costumes, estratégias de sobrevivência, lógicas, visões de mundo e da vida, linguagem, gírias, valores, simbologias e tantas outras coisas que fazem parte desse modo de viver. Quando realizamos pesquisas de campo com errantes, posicionamo-nos na perspectiva “de perto e de dentro” junto à deriva. Lembramos que ela é diferente da denominada “passagem”, porque esta última já impõe trajetos cotidianos, e “o fio condutor são as escolhas e o trajeto do próprio pesquisador [...]” (MAGNANI, 2002, p. 18). Fazendo assim, o etnógrafo pode cair na grande narrativa hegemônica da cidade, pois fará justamente os trajetos já conhecidos por ele ou passará por ruas famosas, espaços tradicionais, lugares turísticos ou midiáticos.

Somente esse modo de caminhar em deriva faz-nos sair das rotas de pesquisa óbvias, aquelas mesmas estabelecidas pela grande narrativa da cidade e associada às representações da cidade midiática. Derivar faz-nos sair da rota tradicional da cidade para nos aventurarmos em singularidades pouco visíveis. Assim, para o estudo da cultura urbana, o etnógrafo não é aquele que deve mostrar o já exposto, aquele que indica o que já está no cartão postal da cidade. Ele mergulha no complexo emaranhado cultural da cidade, derivando-se para descrever acontecimentos, dinâmicas, sensações e ocorrências conforme seu caminhar. A deriva, assim, torna-se um recurso para que o etnógrafo veja a cidade para além do estereótipo dela. Trata-se de um recurso simples, mas que provoca mudanças no olhar do pesquisador que o fazem descobrir novos desdobramentos da cidade.

Foi feita uma breve introdução sobre a etnografia e introduzida a questão da técnica da deriva na práxis do etnógrafo, tendo como referência nossas

pesquisas com trecheiros. Nelas, deparamo-nos com o desafio de buscar recursos metodológicos capazes de corresponder tanto a um contato com um mundo estranho ou diferente do nosso, quanto à mobilidade que marca a vida dos trecheiros.

O desafio de se lançar a um universo desconhecido, com suas simbologias, idioletos, estratégias de sobrevivência, valores, costumes, práticas de relacionamento, enfim, com uma cultura própria, poderia ser enfrentado com os recursos da etnografia. No entanto, o desafio de acompanhar as movimentações dos trecheiros pelos espaços urbanos e interurbanos pelos quais transitam e nos quais vivem, ou seja, o desafio de praticar a etnografia num “não-lugar”, exigiu buscar, além dela, outros recursos ou complementos metodológicos. Diante disso, a psicogeografia e a deriva surgiram como recursos complementares capazes de oferecer os (des)caminhos e ferramentas necessários para acompanhar as movimentações erráticas e imprevisíveis dos trecheiros.

Associando a etnografia à deriva é possível apreender, ao mesmo tempo, estabilidades e instabilidades, centralidades e periferias, visibilidades e invisibilidades, totalidades e singularidades, caminhos, rotas e corredores de circulação e seus desvios, atalhos e vias secundárias. Com tal associação, é possível realizar uma etnografia do movimento, das movimentações e até mesmo da errância.

Contudo, o que mais interessa ao estar em campo é uma atitude atenciosa e sensível para com as questões culturais dos grupos, comunidades ou locais que se estiver percorrendo. Isso também implica que utilizar a técnica da deriva não dispensa essas qualidades do pesquisador em nenhum momento.

Por último, é importante frisar que a etnografia, como já diria Clifford Geertz (1978), se trata de uma descrição densa, pois o etnógrafo enfrenta uma multiplicidade emaranhada de estruturas complexas. Fazer uma etnografia é um exercício que vai além de estudar teoricamente o método, mas seu aprimoramento está em seu denso trabalho de campo. Portanto, deixamos aqui uma das frases lapidares de Geertz (1978) que não poderia retratar melhor este ofício:

Fazer a etnografia é como tentar ler (no sentido de “construir uma leitura de”) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado (ibid., p.20).

Acrescentando a deriva à etnografia, diríamos que etnografar à deriva é se deixar levar por fluxos que escoam ou escapam dos reservatórios e de canalizações da subjetividade, ou produzir deslizamentos dos sulcos cravados nos territórios psicossociais constituídos na vida urbana para poder captar, acompanhar e compreender produções anímicas e processos de subjetivação constituídos em trânsito, em movimentações, em transumâncias, em trajetividades, em errâncias e nomadismos. O modo de viver e as subjetivações dos trecheiros, assim como em outros casos, não estão localizados e nem registrados num determinado lugar. Acompanham os próprios trecheiros e são carregados por eles em seus trajetos erráticos e imprevisíveis. Por isso mesmo não há outra forma de compreendê-los a não ser rastreando-os com derivas, a saber, abandonando localizações e posições estáticas e se dispor a buscas incertas e a encontros/confrontos não com um outro estranho, assentado em determinado lugar, mas com um outro estranho, móvel, fugidio, cujo mundo é igualmente estranho pela sua volatilidade e movimentação constante.

2.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa foi realizada na cidade de Assis, com aproximadamente 100.000 habitantes, localizada da região oeste do Estado de São Paulo. Essa cidade situa-se num importante corredor de circulação de trecheiros, andarilhos e outros itinerantes, formada por entroncamentos rodoviários que ligam o norte e o sul, o leste e o oeste do Estado, e outros Estados vizinhos, tais como o do Paraná, Mato Grosso do Sul e Minas Gerais.

Foi utilizada a observação participante e a entrevista aberta com os participantes da pesquisa (trecheiros e pessoas em situação de rua) nos ambientes que frequentam, tais como logradouros públicos, acostamentos de rodovias, albergues, “casas de passagem” e serviços de atendimento destinados a essas populações.

Foram observados todos os preceitos éticos, conforme o estabelecido pelo Conselho Nacional de Ética na Pesquisa (CONEP), mediante a submissão do projeto a esta agência, pela Plataforma Brasil.

Os diálogos com os trecheiros e as observações participantes focalizaram as formas de interação dos mesmos com o meio que transitam. As observações foram descritas cursivamente, mediante registros escritos e por meio de gravação de imagens (fotografia e vídeo), quando possível e autorizado pelos participantes em diário de campo. As observações procuraram contemplar tanto as condutas dos sujeitos focalizados na pesquisa quanto o ambiente à sua volta.

As observações participantes e, conseqüentemente, as entrevistas iniciaram-se na rodoviária da cidade de Assis, onde funciona uma Unidade do Centro de Referência Especializado da Assistência Social (CREAS) destinada ao atendimento dos trecheiros que desembarcam na cidade. A observação participante prosseguiu para outros espaços da cidade, por onde o trecheiro se dirigia espontaneamente, como os bares e outros estabelecimentos da redondeza, ou para onde ele foi encaminhado pela equipe da UAM, como no caso, a casa de passagem, o ônibus para outra cidade, a delegacia, o Hospital Regional de Assis ou o hotel conveniado para pernoites.

Todos os participantes da pesquisa que são citados ao longo dos textos tiveram seus nomes mudados por questões éticas.

2.4 BREVE CENÁRIO DE PESQUISA

Nosso ambiente da pesquisa, como já dito anteriormente, se situa numa rodoviária de uma cidade localizada numa importante rota de ligação entre o Estado de São Paulo e o Estado do Paraná. Muitos trecheiros passam por ela por ser um importante corredor rodoviário, normalmente utilizando passagens rodoviárias cedidas por serviços de assistência social. A prática comum de tais serviços de assistência é a de conceder uma passagem rodoviária até uma cidade próxima, independentemente do destino desejado pelo usuário-trecheiro, para diminuição de custos. Para tanto, no caso da cidade em questão, foi instalado no terminal rodoviário um estabelecimento da assistência social

vinculado ao Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) que concede passagens de ônibus interurbanos para aqueles que não são naturais da cidade e pretendem ir embora ou consentem em partir, por sugestão de algum agente social, declarando, no entanto, não poder arcar com os custos da passagem. A estratégia mais comum dos agentes da assistência social é desestimular a permanência de trecheiros na cidade e enviá-los para outra localidade, evitando, dessa forma, o aumento das pessoas em situação de rua.

No espaço rodoviário há também a atividade delegada, que consiste em rondas da polícia militar em certos espaços ditos como potencialmente perigosos ou que possam servir de abrigo ou de permanência de trecheiros e demais pessoas em situação de rua. A atividade delegada são serviços prestados pela Polícia Militar à prefeitura municipal, mediante convênio que permite a remuneração adicional de policiais por trabalho realizado em seus horários de folga. Outros espaços dessa prática são o cemitério e alguns parques da cidade. Por diversas vezes, os trecheiros são abordados por policiais a serviço da atividade delegada e encaminhados ao estabelecimento da assistência social ou, nos fins de semana, despachados pela própria política militar para outras cidades.

Há relatos de casos cuja abordagem policial fora violenta para com alguns trecheiros, como por exemplo, Sabino, de 45 anos. Ele estava há um ano no Mato Grosso do Sul trabalhando em uma lavoura e estava voltando para a casa de alguns familiares para tentar arranjar emprego. Relatou que na manhã de então estava dormindo em um banco, esperando o estabelecimento de passagens abrir, quando foi acordado violentamente por um policial.

Sabino: *Eu fui acordado com uma bicuda. Está doendo até agora... bem aqui no quadril ele me chutou. Não precisava disso. Está bem roxo.*

A praça na qual essa pessoa estava dormindo fica ao lado da rodoviária. É um espaço no qual os agentes da assistência social e da rodoviária permitem que os trecheiros descansem, durmam, deitem nos bancos, consumam bebidas alcoólicas e fumem. O espaço da rodoviária é interditado a eles. Como, durante o período da realização da pesquisa, a assistência social não pagava mais pernoite em hotéis baratos para os que vêm de fora, eles eram obrigados a

aguentar o frio da madrugada nos espaços que lhes era permitido. Essa informação circula entre trecheiros, o que faz com que, no inverno, se alberguem em outras cidades. No município no qual a pesquisa foi realizada, foi extinto um antigo albergue e um Centro de Triagem e Encaminhamento do Migrante (CETREM) que oferecia pouso e alimentação, em média por dois dias. No lugar foi criada uma Casa Abrigo que atende prioritariamente a população local em situação de rua.

Ao chegar à cidade, o trecheiro, vindo de alguma outra por meio de uma viagem de ônibus ou mesmo a pé, dirige-se ao estabelecimento institucional que fornece passagens de ônibus intermunicipais de curta distância – circulares - para a cidade mais próxima. Ele já sabe como funciona o serviço, por meio da troca informações com outros trecheiros ou “pardais”, outro termo para designar um tipo específico dentre os trecheiros. Caso ele não vá ao estabelecimento, o agente institucional da assistência social é chamado para encaminhá-lo para outra cidade, impedindo que estacione na cidade.

PARTE III: RESULTADOS e DISCUSSÃO

3.1 OBSERVAÇÕES GERAIS: A DIVERSIDADE DOS TRECHEIROS

A maneira de percorrer o trecho e enfrentar suas adversidades é diferente para cada trecheiro que o percorre. Essas diferenças incluem as formas de se transportarem, as relações estabelecidas, os objetos que carregam, as ações que tomam e os espaços que temporariamente ocupam.

Conforme nossas observações, os trecheiros costumam viajar de diversos modos. Grande parte pede passagens de ônibus para estabelecimentos da assistência social para chegarem até a cidade de sua preferência. Geralmente as passagens não são para destinos a longa distância. Elas são concedidas até cidades próximas por meio de ônibus interurbanos, o que faz com que eles demorem muito mais tempo para chegarem aos lugares que desejam. Há trecheiros que andam de bicicleta pelo trecho, percorrendo rodovias de todo o país. Alguns ainda conseguem fazer suas viagens subindo em trens cargueiros. E se não houver nenhuma opção de transporte, eles enfrentam o trecho a pé, por andanças que podem demorar dias, semanas ou meses, parando em postos de combustíveis no meio da estrada e em acostamentos. Depois que chegam ao destino que queriam ou precisavam, já pensam em ir para outro lugar.

Eles estabelecem, mesmo que temporariamente, diversas relações com o meio que transitam. Alguns trecheiros sabem que é melhor fazer determinados percursos a pé porque os postos de combustíveis pelas estradas podem ajudá-los de alguma maneira. Outros dormem em meio a matagais ou plantações, usando cobertores para forrar o chão. Há aqueles que quando chegam na cidade, logo procuram outras pessoas em situação de rua para lhe passar algumas informações, como por exemplo, saber onde existe algum albergue, onde podem conseguir passagens de ônibus, onde podem conseguir comida e saber se os agentes institucionais da cidade (policiais, guardas, assistentes sociais) costumam tratar de modo violento ou ríspido a população em situação de rua. Além de trocarem informações, costumam também se juntar para pedir alimentação ou dinheiro de modo cooperativo ou compartilharem cachaça.

A população em situação de rua é muito diversificada, tal característica não seria diferente ao ser tratar dos trecheiros. Como cada um deles faz o trecho de modo diferente, também costumam carregar objetos distintos conforme o

modo que transitam. Os objetos são ferramentas que ajudam os trecheiros a se relacionarem com o meio que estão temporariamente inseridos. Alguns objetos têm sentido apenas para seu possuidor, que faz uso específico deles conforme seu modo de vida. Os trecheiros que percorrem bastante o trecho a pé, por isso, não costumam carregar malas grandes, enquanto outros carregam cobertas para dormirem em matagais e conseguem se proteger do frio. Alguns trecheiros ainda reinventam a funcionalidade de certos objetos, como, por exemplo, a técnica de fazer um pequeno fogão usando uma lata de alumínio, álcool, um pedaço de pano e alguns tijolos para se protegerem do frio ou mesmo para cozinhar.

Como cada trecheiro adota um modo diferente de se fazer o trecho, suas ações são muito distintas. Por exemplo, há trecheiros que percorrem o trecho de modo solitário, alegando que em conjunto fica mais difícil receber dinheiro e alimentação de doadores. Enquanto outros andam em duplas, por conseguirem se proteger melhor contra roubos. Vemos essas diferenças também na maneira de conseguir dinheiro: alguns trecheiros preferem pedir dinheiro e mantimentos nas ruas, prática que chamam de “manguear”. Outros conseguem trabalho temporário em zonas agrícolas ou outros espaços.

Os trecheiros se apropriam temporariamente de diversos espaços durante suas andanças. O principal tipo de espaço que eles procuram é um lugar seguro para poderem dormir. Alguns trecheiros preferem não dormir em albergues ou mesmo há cidades que não disponibilizam um. Suas preferências estão nos matagais próximos aos acostamentos das estradas, nas portas de igrejas, ou mesmo em regiões próximas à rodoviária. Poucos deles dormem em praças, pois a ameaça de que podem ser incendiados por alguém enquanto dormem ou mesmo espancados assombram-nos constantemente.

A seguir faremos, separadamente, as discussões dessas questões acima apresentadas: como os trecheiros se relacionam com o meio que transitam, os modos de sobrevivência, as formas que encontram para conseguir dinheiro, as relações de grupalidade que vão estabelecendo, as ações que tomam e os espaços que temporariamente ocupam, as violências que sofrem e a vida social dos objetos que carregam.

3.2 O (RE)COMEÇO: PRIMEIRAS IMPRESSÕES DO CAMPO, PRIMEIRO TRECHEIRO E A CONSTRUÇÃO DAS DIRETRIZES DA PESQUISA

O primeiro encontro com o cenário de pesquisa apontou diretrizes de como seria trabalhar nele e como pensar na construção de nossa etnografia. Eram mais ou menos 8:00 da manhã. Precisávamos ir até Marília para assistir à primeira aula de uma disciplina oferecida pela pós-graduação de Ciências Sociais chamada “Etnografia das migrações e das mobilidades”. Achamos que essa disciplina poderia fazer uma grande diferença na nossa pesquisa e no modo como pensávamos sobre ela. Fez mesmo. Quanto à pesquisa de campo, não sabíamos por onde poderia começar. Já havia se passado pelo menos seis ou sete meses desde o nosso último contato com trecheiros. Já parecia tudo muito distante e estávamos tímidos quanto ao recomeço após um período de iniciação científica fazendo levantamentos de pessoas atendidas com passes concedidos pela Unidade de Atendimento ao Migrante (UAM). Aproveitando a ida à rodoviária para a viagem, fizemos o contato com funcionário da UAM para comunicar que continuaríamos nossa pesquisa com trecheiros.

Por volta das 9:00, chegamos à rodoviária e passamos pela Unidade de Atendimento ao Migrante (UAM) para conversar com o Boca, o funcionário. Ele nos contou que andava estressado com o trabalho e que acabara de ligar para o CREAS pedindo férias. Quando disse que ainda precisava conversar com a coordenadora do CREAS, logo ele nos afirmou: “venha quando quiser. Quem manda aqui sou eu”. Foi um discurso diferente de quando nós o havíamos encontrado rapidamente semanas atrás, “Sim, é bom conversar com a chefe”. Ele parecia estar bem farto da condição de trabalho e das formas de tratamento que estava recebendo da coordenação.

Depois que conversamos, quando estávamos prontos para nos despedirmos, um homem chegou pedindo uma passagem para Presidente Prudente-SP. Esperamos mais um pouco. Afinal de contas, o homem poderia ser um trecheiro e ficamos curiosos para ouvir o diálogo entre o Boca e o homem.

Ele começou a explicar para o Boca que veio para a região porque precisava tirar uma segunda via da certidão de nascimento. Pensamos em sair do estabelecimento para esperar o ônibus. Despedimo-nos dizendo que voltaríamos na semana seguinte para continuar a pesquisa com os trecheiros,

deste modo, visando a elaboração da dissertação de mestrado. O homem ouviu e reagiu dizendo:

Duarte: *Entrevista com trecheiro? Então pode falar comigo, meu amigo!*

Nós estávamos despreparados. Não tínhamos nenhum gravador ou caderno para anotar suas falas ou reações. Nós nos lembramos de alguns detalhes e de boas risadas que demos com a televisão ligada. Há alguns pontos que ficaram na memória para que pudéssemos posteriormente registrar. Não pudemos sem um “caderninho” ou gravador colocar suas frases exatas, mas os pontos da lembrança são muito interessantes.

Ele começou a nos contar sua trajetória de vida e como entrou no trecho. Trabalhava montando torres de energia em uma cidade próxima ao local da nossa pesquisa há cerca de 20 anos, até o dia que chegou em casa e encontrou a esposa na cama com outro homem. Saiu de casa, deixando a esposa e quatro filhos. Como havia dito anteriormente, ele foi à região fazer a segunda via de um documento para poder conseguir trabalhos sazonais em lavouras e outros espaços. Costumava assim trabalhar na colheita e, quando precisava, pedia ajuda que não necessariamente era monetária, mas muitas vezes se tratava de um alimento, como pacotes de bolacha.

Focamos muito na questão dos materiais que os trecheiros carregam para que consigam dar rumo ao trecho e assim viver nele. Em sua mochila havia dois pacotes de bolacha, um salgado que vem com três unidades de pacotes e um doce. Também havia um par de chinelos para andar mais confortavelmente, um cobertor para se proteger do frio e dormir, um barbeador para, segundo ele, ficar apresentável para conseguir trabalho, algumas roupas e outro sapato. Ele também andava com uma garrafa de água nas mãos, ainda com o rótulo, mas posteriormente nos disse que era cachaça para esquecer as lembranças.

Para dormir, raramente ia a um estabelecimento institucional. Costumava se ajeitar em algum posto na estrada ou no meio de algum matagal ou plantação.

Duarte: *Entro no mato, forro o chão com meu cobertor e só rezo a Deus para não ser atacado por nenhum bicho.*

Perguntamos a ele se já precisou ficar em um hospital. Ele nos disse que precisou ficar quinze dias internado por conta de uma pneumonia que pegou no trecho. Não andava em grupo, pois se estivesse com mais alguém seria difícil conseguir alguma ajuda como dinheiro, comida e trabalho, segundo ele.

Ele nos disse que já andou da Transamazônica ao Uruguai e começou a fingir falar outra língua como se fosse o espanhol. Era uma língua inventada. Ficamos só concordando com a cabeça nessa hora, sem reação às suas falas. Um outro fato curioso para além dessa cadeia de sílabas que ele proferiu dizendo ser língua espanhola foi o fato de que também havia nos dito sobre um trecheiro famoso que fez um discurso na ONU de Curitiba-SP em prol da condição de vida dos trecheiros, o qual foi muito importante para a vida de todos os que estão no trecho. Quando chegamos em casa, tentamos fazer buscas sobre alguma fala desse tipo em algum órgão. Foi uma tentativa sem sucesso de achar qualquer coisa sobre isso.

Seu sonho era o de reencontrar os quatro filhos que deixou para trás, ainda mais por estar perto de casa. O que o fez ficar emocionado. Ele nos disse que a mais velha tem 19 anos, o que soou contraditório, porque havia dito que tinha 20 anos de trecho. De qualquer modo, pensando na veracidade ou não do relato, foi muito interessante conversar com ele sobre as impressões e seu modo de viver no trecho. Demos algumas boas risadas vendo televisão e acabamos nos despedindo com um abraço.

Nosso ônibus chegou e fomos viajar para assistir à aula. Esse primeiro relato foi tão rápido e simples, mas não poderia faltar em nosso diário, já que foi o primeiro trecheiro com quem conversamos antes de começar a de fato fazer a pesquisa.

Reservas de bolachas, da Transamazônica ao Uruguai, discurso do trecheiro famoso na ONU em Curitiba-PR, questões familiares, espanhol macarrônico (e imaginário), relato sobre pneumonia e proteção contra animais no meio de matagais. A conversa com Duarte expôs diversos assuntos interessantes que nos chamavam a atenção para a construção da pesquisa. Nós levantamos alguns pontos sobre esse primeiro contato que influenciou todo o andamento de nossa investigação.

O encontro anunciou algumas temáticas que poderiam ser interessantes para serem discutidas. Um exemplo foi uso de objetos para possibilitar as interações entre os trecheiros com o meio por onde vão transitando. Duarte mesmo carrega um cobertor para possibilitar que ele consiga descansar em meio aos matagais; barbeador para ter uma aparência que chame a atenção de empregadores e bolachas para assegurar que não passe fome no trecho. Os espaços estratégicos que ocupa temporariamente para conseguir descansar e os perigos de se fazer o trecho (no caso dele, o perigo de contrair uma pneumonia) também foram interessantes para começar a compreender como são as vivências dos trecheiros pelos ambientes pelos quais transitam.

Os discursos fantásticos sobre a ONU ou mesmo a língua imaginária não necessariamente indicam uma mentira. No nível do senso-comum, ou à primeira vista, as histórias podem parecer absurdas ou fantasiosas. Porém, inúmeras situações podem ter ocorrido para ele chegar a contá-las dessa maneira. A questão da ONU, por exemplo, não indica uma mentira, mas pode ser uma história que foi contada entre diversas pessoas e foi se distorcendo, sendo aumentada, mudando personagens e instituições. São discursos importantes para serem ouvidos. Eles indicam o que o trecheiro quer ressaltar e como ele quer interagir com o pesquisador.

A primeira impressão também mostrou a importância do preparo para o campo. Instrumentos de campo como o gravador e o caderno de campo começaram a ser objetos essenciais a serem carregados na bolsa. Os detalhes, os discursos e os fatos teriam sido muito mais ricos nesse primeiro encontro para gerar a criação do diário de campo se tivéssemos como registrá-lo imediatamente. Nesse caso de nosso encontro com Duarte, de fato, não havíamos nos preparados para começar a pesquisa, mas serviu de exemplo pessoal para não esquecer esses materiais para futuros registros. Outro ponto importante é que o campo nunca se fecha, sempre há como notar novas questões em antigos registros e em pontos que não havíamos percebidos na pesquisa por estarmos focando em outras questões.

Nos dias decorrentes, o Boca começou a falar sobre a situação da prefeitura, da assistência social, sobre a condição das passagens, sobre ter ou não passado trecheiros no local e onde alguns poderiam estar pela cidade. Também por diversas vezes chegou a falar aos trecheiros que apareciam na

Unidade de Apoio ao Migrante (UAM) se eles não gostariam de participar de uma pesquisa e apresentava-os a mim de modo mediador por ser um funcionário da assistência social. Dessa maneira, ele se tornou nosso principal informante. Na etnografia, o informante é uma figura importante que sabe indicar onde, quem e o que instigar e pesquisar. Mesmo não tendo total ciência sobre o tamanho de sua ajuda, o informante pode indicar várias pessoas para virarem participantes da pesquisa, mostrar locais onde eles estão e até mesmo ser um mediador entre esses participantes e o pesquisador. Alguns informantes são previamente escolhidos, outras pessoas acabam virando um de modo casual e/ou situacional.

O fato inusitado de ter encontrado o Duarte ajudou em como construir a nossa etnografia. O inusitado, o trânsito, o rápido contato com o ser individual, mas intenso no que diz respeito ao ser social caracterizou nossa pesquisa. Como consequência, nossa etnografia incorporou os aspectos metodológicos e técnicos da deriva.

3.3 ARTE DOS “MANGUEIOS”

Para conseguir viver no trecho, uma das ações mais comuns para os trecheiros é o ato de *manguear*⁷. À primeira vista, ele consiste basicamente em pedir dinheiro às pessoas que passam pelo seu caminho. Vimos boa parte dos trecheiros que acompanhamos *mangueando* pelas ruas, praças ou mesmo na rodoviária. Presenciamos alguns diálogos entre as pessoas que eram abordadas e os trecheiros. Também não ficamos de fora, pois muitas vezes os trecheiros participantes da pesquisa também nos pediam dinheiro. Mas o que nos chamou atenção foi a técnica e o discurso deles em relação a esse próprio ato de pedir.

Em nossa pesquisa, nós encontramos Rodrigo, Devanildo e Osiel, três trecheiros que estavam em cidades distintas e nunca haviam se visto antes. Quando chegaram em Assis, eles se conheceram nas portas da Unidade de Atendimento ao Migrante e foram até a praça para descansar. Depois

⁷ Embora seja uma gíria utilizada pelos trecheiros, manguear é uma palavra dicionarizada que, segundo o dicionário Priberam de língua portuguesa, significa, no Brasil, “guiar a nado ou conduzir (animais), para a mangueira (curral)” e, segundo o dicionário Caldas Aulete, no sentido figurado significa “Procurar enganar manhosamente”. É exatamente nesse sentido figurado que os trecheiros usam essa palavra: um pedido de ajuda, principalmente em dinheiro, feito com “manha”, com esperteza, para convencer o possível doador.

combinaram em manguear em pontos diferentes da cidade, pois se fizerem tal atividade juntos, alegam que as pessoas não os veem com bons olhos e acabam se assustando. O Rodrigo tem 32 anos, e desde seus 10 anos de idade já não vivia em família, mas não sabe ao certo quando começou o trecho. Devanildo, o mais velho dos três, está há 45 anos no trecho e tem 66 anos de idade. Osiel tem seis anos de trecho e 39 anos de idade.

Devanildo *mangueou* para ir embora da cidade sem precisar da ajuda da assistência social. Desse modo, ele pode pegar o ônibus que desejar ao invés de ter que viajar de cidade a cidade em ônibus circulares. Apesar de estar no trecho há tanto tempo, ele afirmou que tem uma casa em Presidente Prudente e retorna para lá de vez em quando. Isso indica um fato muito comum: Nem sempre estar no trecho é sinal de que o sujeito não tenha moradia. Osiel e Rodrigo são usuários de drogas e, além de *manguear*, costumam buscar drogas para outras pessoas e assim tirar a parte deles para também usar ou para ganhar algum dinheiro.

Acompanhamos suas atividades *mangueando* e, depois que eles se reuniram na praça, nós perguntamos como haviam começado no trecho. A conversa tomou outros rumos; começaram a falar sobre o próprio ato de *manguear*.

Nós: *Como vocês começaram no trecho?*

Osiel: *Bom, na verdade, às vezes a gente não faz as coisas por vontade. Mas necessidade pela situação que você vive. Às vezes você bebe não por vontade, necessidade. Às vezes você pede não por vontade, mas pela necessidade que você está vivendo. É isso que você faz.*

Rodrigo: *Tudo o que você está passando. É tipo um castelo. Você tem que fazer o teu castelo. Tipo sobreviver, você tem que...manguear.*

Devanildo: *Sabe o que é manguear?*

Nós: *Sei, pedir dinheiro.*

Devanildo : *Isso. É o que nois faz. Eu mesmo agora vim de Paraguaçu. Pra mim trabalho um pouco, trazer um dinheiro pra nois comer. Tem que fazer compras. Tem criança, aí tem que comprar leite. Entendeu? Comprar uma misturinha, comprar um gás. Meu gás acabou. Estou usando fogão à lenha. Eu tenho que buscar dinheiro. Comprar um gás.*

Porque nois não pode roubar. Nois tem que pedir. Entendeu? Eu nunca roubei. Eu nunca fui pra cadeia. Entendeu? Aí eu preciso de ajuda. Então, nois estamos atrás de ajuda, entendeu?

Nesse momento, um jovem apareceu com metade de um baseado e deu de presente para Rodrigo. Todos ficaram felizes e disseram que adoram. Tentaram vender a ele um dichavador⁸ que eles tinham. O rapaz riu e disse que já tinha um. Eles acenderam o baseado e começaram a fumar.

Osiel: *Eu gosto disso aí que nem lasanha, neguinho! Que moleque da hora, meu. Então cara, a dificuldade no trecho...Ela...Na verdade a dificuldade é o que? A noite tem muito frio, quando você não tem uma coberta, você está deitado numa praça e ali você tá passando frio. Então, essas são as dificuldades, mas graças a Deus a gente não tem dificuldade. Porque quando você é uma pessoa extrovertida que sabe conversar, você não passa dificuldade. Entendeu, amigo?*

Osiel apontou uma característica importante para manguear: ter carisma. É preciso usar do carisma e ser extrovertido para ter coragem tanto ao pedir quanto no modo de convencer as pessoas a darem dinheiro para eles. Quando vimos Osiel *mangueando*, nós ficamos a certa distância para não atrapalhar, mas percebemos que ele pedia de modo contente, sorrindo ou mesmo fazendo brincadeiras com as pessoas que passavam. *Manguear* não é apenas um sinônimo para mendicância. Além da palavra ser usada para amenizar a expressão “mendigar”, que se tornou pejorativa, os trecheiros que participaram da pesquisa relataram que existe certo jeito, modo ou técnica de se fazer tal atividade. Rodrigo complementa dizendo que tem que ter inteligência para convencer alguém a doar dinheiro.

Rodrigo: *Vou falar bem a realidade. Nois tá no trecho porque nois é aventureiro. Porque nois é inteligente. Do jeito que você é inteligente porque tá estudando, nois também é. Pra entrar na mente do cara pra*

⁸ Aparelho para moer fumo.

ele abrir a carteira para tirar um dinheiro do bolso, o cara tem que ser inteligente. Não é qualquer um que faz isso não. Se o cara não for inteligente, ele está fodido.

Em outro dia de pesquisa, nós fomos à rodoviária acompanhados pela Júlia, orientanda de iniciação científica que pesquisa mulheres no trecho. Ela trabalha usando entrevistas. Nós encontramos Sandro, um trecheiro de 52 anos. Entre outros assuntos, ele explicou como começou a manguear. Ele aprendeu como se deve pedir com um trecheiro mais velho. Isso indica como valorizam a prática como um saber. Na mesma conversa, disse que costuma ficar longe dos trecheiros que bebem álcool etílico porque pode ser perigoso.

Sandro: *Comecei a correr trecho... conheci um trecheiro, um velho... que me ensinou a manguear, a pedir. Aí comecei a manguear e comecei a gostar da coisa. É complicado, já vi até trecheiro tomando álcool de posto. Ele pega álcool mesmo às vezes... mistura com groselha... mas eu não ficava perto desses aí não, porque é perigoso, né. E eles fica com umas ferida no corpo que vai crescendo, vai crescendo...aí às vezes pipoca a ferida e quando pipoca é a morte, né.*

Manguear costuma ser um ato solitário e que pode ser arruinado se o trecheiro estiver acompanhado por mais alguém. Os trecheiros que foram acompanhados na pesquisa relatam que precisam saber pedir dinheiro ou mesmo outros objetos, caso contrário, passarão ainda mais dificuldades, pois muitas vezes a ajuda assistencial e/ou filantrópica não está presente em diversos tipos de auxílio. Além de um ato solitário, uma consequência de uma necessidade vital para conseguir viver no trecho.

3.3.1 Relatos de Sidney: histórias sobre manguear e conseguir recursos no trecho

As histórias que Sidney tinha para contar sintetizam as dificuldades e as estratégias sobre o ato de *manguear*. Aponta para relações comuns tanto de

solidariedade quanto de submissão e outras relações monetárias entre pessoas no trecho. Ele é um trecheiro de 47 anos que está de passagem por Assis. Há 20 anos está no trecho. Ele relatou que aos 27 anos largou a esposa por conta de uma depressão e saiu para o trecho.

Sidney: *Só que quando eu saí pro trecho, eu não saí de ônibus, eu saí andando a pé. Saí por aqui, por Minas, por baixo, onde você pensar eu conheço.*

Ele relatou sobre as mudanças no trecho e suas atuais dificuldades em conseguir trabalhos temporários. Muitos trecheiros não vivem apenas de *manguear*, mas fazem diferentes atividades no trecho. Alguns ainda usam o mangueio como atividade complementar para conseguir dinheiro para viajar de ônibus quando não há a disponibilidade de passagens ou para outra atividade. Para Sidney, as ajudas assistenciais estão diminuindo, e hoje não mais compensa entrar no trecho. Ele acredita que se alguém atualmente se tornar trecheiro, provavelmente acabará sendo usuário de drogas.

Sidney: *Olha, deixa eu te falar, o trecho já foi bom. Estou no trecho há mais de 20 anos. Eu vou para trabalhar, estava no Mato Grosso. Ontem eu passei em três estados. Mato Grosso, São Paulo e Paraná. Eu voltei pra cá de novo porque não tinha nada não. Eu sou de Osasco, o trecho já não presta mais, já foi o tempo em que foi bom. Dava pra fazer um dinheiro, você fazia muito dinheiro com o trecho se quisesse. Mas agora, eu estava em uma carvoaria ganhando R\$15,00 por dia. Num lugar que não tinha luz nem água. Eu estou registrado aqui. Hoje para o trecheiro tá muito ruim. Hoje sair de casa para ir para o trecho não dá, não. Tem cara que gosta de trecho. Eu vou te falar uma coisa para você: o cara que é novo que sai pra ir pro trecho, ou vai entrar na droga ou na bebedeira. Eu não faço isso. Mas já bebi pra caramba na minha vida. E hoje não tem mais muita assistência. Antigamente tinha assistência, tinha albergue para dormir. Tinha lugar para tomar banho. Hoje está acabando isso aí, até para conseguir passagem fica difícil ainda. A*

mulher me deu passagem aí e é uma vez por ano, só. Eu já tinha passado ano passado.

Além do manguieio, os trecheiros também podem fazer trocas de favores para realizar suas jornadas. Consiste em um ato de ganho, não de ganhos de dinheiro ou de objetos, mas de ajudas em geral que podem ser desde um banho a um espaço para pernoitar. Sidney costuma se acomodar em postos de combustíveis quando faz o trecho a pé.

Nós: *E onde você dormia quando você estava andando a pé?*

Sidney: *Eu dormia em posto de gasolina. Hoje em dia não dá mais. Hoje não tem mais posto para você dormir. No Graal mesmo não deixam. Graal você pode esquecer. Ele e aquele outro posto que esqueci o nome... O Frango Assado. Pode esquecer também.*

Nós: *Mas posto de gasolina desses de caminhoneiro ainda dão [comida e estadia]?*

Sidney: *Esse você consegue um banho. Chega lá, troca ideia. Consegue um mantimento. Eles dão, sim. Churrasco, uma carne. Alguns, hoje não é mais todos. Antigamente dava pra arranjar um serviço ali. Hoje não tem mais nada. Em Minas, um tempo atrás, uns dez anos atrás, o carro parava na rua para te dar serviço para você fazer. “Você quer trabalhar, tem um serviço.” Você saía do serviço com 3 ou 4 mil reais. Ganhava bem. Pena que sai gastando o dinheiro, né? Se guardasse o dinheiro no trecho, hoje eu estava sossegado. Não precisava trabalhar. Ganhei muito dinheiro no trecho, muito dinheiro mesmo. Já mexi com construção... Hoje você pode esquecer, já não tem mais nada não, só café. Assim fica difícil. Aí tem que contar com bolsa família ou alguma outra coisa que você consegue por aí. A situação ficou difícil. Eu vim de Goiás a pé até Luziânia (GO) porque eu não consegui [passagem]. Fui de lá a pé e fui parar em João Pinheiro. De João Pinheiro, eu fui até Minas. Eu conheço tudo isso aí. Meu pé está todo rachado de tanto andar a pé. Se tiver passagem eu não ando a pé. Eu vou até Marília e quero chegar até Osasco.*

No trecho é muito perigoso acumular dinheiro ou bens. Não é uma trajetória que permite carregar muitos objetos de valor porque os roubos são comuns. Por isso é muito difícil acumular qualquer quantidade de dinheiro em espécie proveniente de trabalhos temporários.

Sidney: *Só uma mulher me roubou uma vez. Roubou R\$11.000,00 meus. Onze pau, seiscentos e alguma coisa. Chamava Lorane a mulher. Não esqueço o nome da desgraçada. Nunca mais achei ela. (risos). Eu levava meu dinheiro e ela roubou. Maloqueiro vai te encher o saco às vezes para usar uma droguinha. Agora, quando você tá sozinho em lugar perigoso, você procura algum lugar para dormir, onde não seja ponto de tráfico.*

Depois de um tempo de conversa, Sidney percebeu que a rodoviária estava começando a ficar cheia. Ele se retirou para manguear enquanto esperava o ônibus. Parou algumas pessoas, pediu dinheiro a elas, recebeu algumas moedas, foi para o bar comprar um pouco de cachaça e retornou para conversar conosco. Ele nos contou com orgulho como conseguiu convencer uma multidão a ajudá-lo por meio de suas habilidades para *manguear*. Segundo ele, ser trecheiro é conseguir criar um personagem que não tem vergonha de pedir.

Sidney: *O trecheiro é um ator. Você faz um personagem que não é você. E esse personagem é forte. Ele consegue domar uma pessoa. E você só, não consegue. Você já bebeu no bar, com os amigos e quando bebe você fica diferente, conversa mais com outras pessoas. Não tem vergonha das coisas. Você cria outro personagem. Perde a vergonha de pedir uma comida. Se você souber, sai até água do olho. Eu já chorei em velório. Eu entrei num velório de um cara que não era nada meu e chorei. E me perguntaram: “Porque você está chorando por alguém que você nem conhece?” E então eu respondi: “Não é que eu não conheço. É que essa pessoa, ela está feliz com Deus aí. Não está passando fome. Eu estou na rua. Eu que gostaria de estar no lugar dela, não era para ela estar nesse lugar. Eu mereço estar, não tenho nem onde viver. Agora, nesse momento, eu estou morrendo de fome. E eu sei que essa alma já*

não tem mais fome.” “Ah, mas se quiser, eu te ajudo e tal.” “Ganhei mais de R\$300,00 num velório (risos, muitos risos). Primeiro eu pesquisei o nome do defunto e como ele se chama. Eu entrei e falei que era gente boa. Quando deu certo, eu dei o bote. Todo mundo ali sofrendo porque perdeu um ente querido e eu tirei ali minha bagagem. O ser humano faz isso.

Aproveitou essa história para exemplificar outras oportunidades que já teve em outros casos em que recebeu ajuda monetária ou de favores.

Sidney: *Lá em Brasília, um cara me deu R\$ 1.600,00. Tem muita gente boa nesse mundo, cara. Teve cara que já deu a cama pra eu dormir. Ontem mesmo, eu não tinha dinheiro para comer nem nada. Uma moça veio e me deu dinheiro sem eu pedir. Ela ouviu a minha conversa sobre eu ganhar R\$15,00 por dia na carvoaria e me deu R\$15,00 sem eu pedir. Mas o trecheiro, se não souber dar uns botes para sobreviver, ele tá fodido. Eu já entrei na Rocinha. Já dormi na casa de traficante que me deu abrigo.*

Sidney nos disse que uma das melhores estradas para se andar é na Dutra, por ser um trecho em que passam muitos romeiros. Eles costumam dar comida para você conforme vão passando. Aproveitou para falar sobre as trocas sexuais de que é ciente em relação aos trecheiros.

Sidney: *Lugar para andar a pé é a Dutra. Na Dutra você está no céu. Porque ali é para ir para Aparecida do Norte, tem muito romeiro. Quando você passa necessidade, você vai ter as coisas com eles, vão te apoiar pra caramba. Vão te dar apoio e vai ter comida porque é romaria. Na Aparecida do Norte já não pode pedir. Lá, se você pedir você é até preso. O padre pedir pode, você não. Agora, tem lugar aí tipo em igreja que para te ajudarem, tem que comer o padre. Tem padre que só te ajuda se você fizer serviços sexuais para ele. Por aqui tem um, em Minas tem outro. Padre se oferece para você, se transar com ele dá um dinheirinho. Tem história de que aqui em Dourados tem delegado de polícia federal*

que sai por aí catando latinha só para transar com trecheiro. Só pega trecheiro (risos). Ele fica indo atrás dos caras para ir dormir com ele. Não é qualquer merda, não. E fala grosso. E é isso aí que você vai ver.

Quando Sidney voltou a falar sobre o quanto o trecho está mudando, outro trecheiro que também estava manguendo nas ruas se aproximou e começou a interagir na conversa e falar sobre o assunto, apontando as mudanças no trecho em relação à questão da toxicodependência.

3.3.2 Drogadição no trecho e as dificuldades para se conseguir recursos

Michel, Sidney, Anderson e Sandro relataram que atualmente as pessoas estão sendo menos solidárias ao ajudá-los e relacionam esse fato à questão da drogadição e do alcoolismo no trecho. Eles reclamaram que ao *manguearem*, algumas pessoas querem que eles gastem o dinheiro com bebidas ou que sejam “honestas”, ou seja, que digam que vão usar o dinheiro para beber. Sabendo disso, pedem para que as pessoas comprem algum lanche na rodoviária para eles, caso achem que estejam pedindo dinheiro para beber.

Sidney estava falando da doença que teve no trecho quando Michel ouviu um ponto da conversa sobre as dificuldades no trecho. Ele parou de *manguear*, se aproximou e começou a conversar conosco.

Sidney: *Já. Eu já tive mal súbito. Esses dias eu tive mal súbito. Lá no Mato Grosso. Eu caí no chão. Eu machuquei até aqui [mostrou a perna]. Fui para o hospital. Foi esses dias mesmo. Por isso que eu vou parar para o trecho. Eu vou sobreviver em São Paulo mesmo, aí eu fico ali na Vila Madalena ou em Pinheiros trabalhando, ganhando meu dinheiro. Não preciso ficar andando, não, besteira minha. Minha mãe mora em Paulínia. Faz 6 anos que eu não vejo minha mãe. Eu vejo minhas filhas. Mas eu fiquei 15 anos sem ver minhas filhas. Estão até fazendo faculdade e tudo, e eu não sabia. Mas se fosse por mim, elas não estariam porque o pai delas é um irresponsável. Agora que eu estou parando no lugar de novo. Voltando ao normal, mas a vida é isso, cara.*

Você vai encontrar pessoas normais no trecho, que agora eu não sei se a tendência dele é piorar e não melhorar... e você não consegue um pão para comer mais, cara. Você tá com fome e não tem nada para comer. Eu estou com fome. Aqui ninguém ajuda ninguém. Você passa necessidades.

Michel: *Agora, chega um drogado, chega um pinguço para você ver. Aí eles dão. Tinha um cara que recebeu um lanche e jogou no chão porque queria é pinga.*

Nós: *Qual é o seu nome?*

Michel: *Michel.*

Nós: *Michel, quanto tempo faz que você está no trecho?*

Michel: *Cara, como é que eu vou te falar... eu não estou bem no trecho. Eu estou desde novembro.*

Sidney: *Agora começou, não para mais. Deixa eu sair aqui, vocês me dão licença.*

Michel: *Eu parei, casei e agora eu voltei de novo. Desci do Espírito Santo para o Paraná e vou ver minha filha.*

Nós: *Da outra vez você chegou a estar quanto tempo no trecho?*

Michel: *5 anos. Parei e agora eu voltei de novo.*

Sidney: *Tá vendo? É uma doença! (risos).*

Michel: *Mas agora eu vou parar.*

Sidney: *É uma doença, já você volta!*

Sidney acredita que o trecho seja um vício. Quando Michel disse que iria parar de andar, Sidney não acreditou na determinação dele, afirmando que logo menos ele voltará ao trecho. Desse modo, ficam entre o “vício” de andar e os problemas de se estar no trecho. As dificuldades de se conseguir recursos foram intensificadas por conta de outro vício:

Michel: *Eu vou parar porque não dá, não. Não consegue nada. Nada, nada, nada. Se você parar para pedir, os outros não ajudam não. As coisas estão piorando, fazer o que, né?*

Nós: *E está piorando como?*

Michel: Ah, o povo não está ajudando mais. O problema o que que é? Trecheiro passa em uma cidade, fica um ou dois dias, no máximo três ou quatro dias para arrumar emprego. Não arrumou? Vai embora. Só que tem muitos trecheiros que chegam numa cidade e ficam três ou quatro meses. Aí, o que acontece: ele acaba estragando a gente que tá de passagem.

Sidney: Entrou uma coisa no meio do trecho: droga.

Michel: Hoje ninguém te dá nada. O cara te dá dinheiro se você falar que é para usar droga.

Sidney: A molecada que tá aí no trecho hoje em dia é tudo para o crack. Se você precisar de ajuda, você não vai ter porque quem usa droga tá na frente.

Sidney e Michel relataram que o trecho está mudando muito e que *manguear* está ainda mais difícil depois da chegada do crack. Segundo eles, muitos dos novos trecheiros foram para o trecho por conta do crack e pegam oportunidades de ajudas que poderiam ser daqueles que estão no trecho em busca de melhores condições de vida. Essa introdução do crack no trecho modificou a relação entre trecheiros e cidadãos da cidade. Michel também relatou que há pessoas que compraram bebidas para ele, mas não compram alimento algum, por mais fome que estejam ou insistam.

Michel: Se eu peço dinheiro, perguntam se é para usar droga. Se você fala que é para usar droga, dão dinheiro. É assim agora. Tem gente que pensa que você tá mentindo. É diferente. Quando eu peço, eu digo para ou me dar o dinheiro ou comprar um lanche para mim. Maringá mesmo. A moça disse... eu fui manguear dinheiro lá... aí ela disse: “Você está com fome?” “Eu disse: “Tô”. Eu pedi que eu queria um lanche. Agora, se você falar que quer dinheiro, capaz de achar que é para usar crack. É duro. Igual aqui, ó. Antes de eu começar a pedir, o moço ali já falou “não”. Vou pegar meu fundo de garantia aí e parar.

Nós: Você está pensando em parar agora de novo. Para onde você vai, Michel?

Michel: Para o Espírito Santo.

Nós: *Você é de lá?*

Michel: *Não, sou de Toledo. Com a minha família não dá certo, não. Porque eu sou tipo a ovelha negra da família. Aprontei muito na minha vida. E agora eu preciso de ajuda, e seja o que Deus que quiser. Levantar as mão pro céu e pegar o trecho. Até surgir uma oportunidade. Eu vou para Marília, vamos ver. Se eu arrumar um servicinho, eu fico lá mais uns dias. Se eu não arrumar, eu fico no máximo um dia. Ou arrumo passagem ou eu vou a pé. De a pé não tá tendo como. [ele havia quebrado o pé muito recentemente].*

Nós: *Você quebrou o pé?*

Michel: *Eu ando duas quadras e tenho que parar. Eu quebrei o pé no trecho. Na chuva. Tinha uma vala assim e eu caí. Ainda tá um pouco inchado. Eu nunca passei fome no trecho, cara. Agora eu tô passando. Agora começou, por causa desse maldito crack. Porque você pede para os outros e o pessoal pensa que é para usar droga. Fazer o que, né? É a vida.*

Em outro momento da pesquisa, um trecheiro chamado Anderson começou a conversar conosco sobre como ele vive no trecho. Tem 29 anos e é de Ribeirão Preto. Em sua fala enfatiza que pedir comida é algo que poucas vezes dá certo e muitas vezes é rejeitado com discriminação.

Anderson: *Ah cara, é muita humilhação o que a gente passa. Em Chapadão do Sul mesmo, uma mulher disse para eu nem chegar perto do carro dela. Em um restaurante, o pessoal jogava comida no lixo, mas não dava pra gente comer nada. Já pedi um copo de água, mas aí o cara disse: “Eu pago pela água que eu tomo”.*

Às vezes, Anderson não tem o que comer e nada que não seja alcoólico para beber, situação que é enfrentada no cotidiano de muitos trecheiros. Ele engana sua fome e se protege do frio tomando cachaça. Ainda nos disse sobre certas pessoas que não aceitam dar dinheiro ou comprar algo para ele comer, mas se for para comprar pinga ou pagar uma para ele, elas aceitam.

Anderson: *Tem muito cara que quer matar a gente assim: se você pede dinheiro para comer, eles te dizem que só dão se for para comprar pinga ou só pagam algo pra gente se for pinga. Um cara aqui na cidade me disse pra tomar vergonha na cara, que eu tinha cara de “pingaiada” e que só me daria dinheiro se fosse para comprar pinga. Ele me disse “Toma vergonha na cara! Olha sua cara de “pingaiada”! Tem que tomar é pinga. Dinheiro para pinga eu tenho para você!”* Aí, eu às vezes fico com muita fome e engano na pinga. Eu bebi para esquecer, bebo para tirar a fome. A pinga engana a fome, ela mexe com o psicológico. Para comer, ninguém dá nada, não te dão comida, mas pinga dão.

3.3.3 Para além do “mangueio”: outras formas de conseguir recursos

Os trecheiros acompanhados na pesquisa não apenas *mangueiam* para conseguir dinheiro. Pablo, por exemplo, tem 54 anos e há mais de 10 anos está no trecho. Ele já tem muita experiência em sua trajetória. Nesses anos, disse que passou pela Bolívia, Paraguai e Argentina. Andou pelo Nordeste e Centro-Oeste brasileiro. Trabalha sempre em lavouras para continuar seu trajeto. Quando ele chegou ao estabelecimento da assistência social, conversou sobre a possibilidade de arranjar um trabalho temporário em lavouras, com diversos trecheiros que estavam na fila por passagens. Ele os chamou para irem com ele em busca desse trabalho porque tem contatos em uma lavoura em Garça (SP). Quatro trecheiros mudaram suas passagens para irem juntos com Pablo.

Muitos trecheiros costumam tentar arranjar trabalhos sazonais em lavouras por todo o país. Eles ficam sabendo onde haverá colheitas para trabalhar por algumas semanas por meio de outros trecheiros ou mesmo indo até locais de plantio para se informar. Trecheiros que estão há muito tempo no trecho e que costumam fazer esses trabalhos sazonais já sabem aonde ir em determinadas épocas do ano para conseguir uma vaga para fazer a colheita.

Os trabalhos nessas colheitas não são feitos com carteira assinada e são por vezes realizados em condições precárias. Concomitantemente, não há nenhum respaldo caso haja algum acidente no trabalho. Adelson, de 48 anos e

38 anos de trecho⁹, não tem uma perna, anda de muletas, acompanhado por Júlio César, de 30 anos e 10 anos de trecho. Ele nos relata que perdeu a perna há 8 meses trabalhando com maquinário agrícola. Por ser um trabalho irregular, não houve nenhuma forma de indenização. Desde esse tempo, Júlio César anda com ele ajudando-o no trecho. Preferem *manguear* do que trabalhar esporadicamente, principalmente agora que Adelson perdeu a perna. “Que Deus me perdoe o que eu vou falar, mas agora o pessoal até ajuda mais por causa da minha condição”.

Também temos egressos do sistema penitenciário que acabaram indo para o trecho por não conseguirem trabalho fixo. Encontramos mais de cinco trecheiros nessa condição. Dentre eles, Cristiano, um ex-presidiário que pegou 10 anos em regime fechado. Tem 36 anos e está há 3 anos no trecho, desde quando saiu da prisão. Ele não conseguiu trabalho fixo, nem se fixar em uma cidade depois disso. Quer arranjar locais de festa para trabalhar. Junto com ele estavam duas pessoas que também estão atrás dessas festas. Ele é de Maceió e disse que os melhores lugares para dormir no trecho são as faixadas de igrejas e os postos de combustíveis.

A identidade de suas profissões está sempre presente na fala dos trecheiros: “Sou pedreiro”, “sou marceneiro e trabalho com pallets”, “sou confeitoiro e padeiro”... Costumam se apresentar desse modo, mesmo se não exercem essas profissões há anos. A questão do trabalho é muito importante para os trecheiros. Muitos têm anos de contribuição na previdência social e alguns são aposentados.

Wilson, por exemplo, não costuma *manguear* muito, prefere arranjar trabalhos temporários e está a um ano de se aposentar, por ser contribuinte do INSS. Considera o trecho como uma vida de dificuldades.

Wilson: *Só dificuldades. Só dificuldades. Existem pessoas que ajudam, tem pessoas que não ajudam. Eu não sou muito de pedir não. Eu só trabalho. Servente de pedreiro e tudo. Se der serviço, eu trabalho. Capino um pasto. Bater uma laje, eu vou. Eu tô todo documentado. Em*

⁹ Acreditamos que ele tenha saído de casa aos dez anos de idade, porém, na condição de criança em situação de rua. Ele não faz distinção, desta maneira, do tempo de trecho e do tempo de situação de rua.

fevereiro eu faço 65 e aí vai diminuir um pouco a dificuldade. Se Deus quiser.

Percebemos que ele tem muito apreço pelos seus documentos, pela carteira de trabalho, que registra sua vida trabalhista, e pelo R.G., que o identifica. Por inúmeras vezes vimos que trecheiros destinavam suas passagens para cidades com Poupatempo, para os lugares onde trabalharam ou foram registrados para buscar uma segunda via do documento perdido. Usam o R.G. para conseguir vagas em albergues, passagens de ônibus em estabelecimentos da assistência e provar em delegacias que não cometeram crimes, caso sejam encaminhados para uma.

Mário Antônio estava na rodoviária, bebendo, quando um casal de pastores o acolheu em um local. Como ele era padeiro e confeitoiro, o casal disse que poderia fazer esses serviços em uma casa de acolhimento que mantém para pessoas em situação de rua. Segundo ele, havia quatro outras pessoas no espaço. Ele ficou com abstinência de álcool e saiu do local. Não se lembra mais onde exatamente era a casa e por isso apareceu no estabelecimento da assistência social destinado à emissão de passagens. Por outro lado, ele se lembra onde foi parar: em uma festa dada por um vereador que ganhou as eleições. Havia banda, dançarinas e bebidas, muitas bebidas que, segundo ele, foi bebendo enquanto via as mulheres.

O funcionário iria com ele procurar a casa. Eu me ofereci. Fomos. Tentamos achar a casa de qualquer maneira; batemos em algumas portas, perguntamos para algumas pessoas sobre o pastor, sua mulher e afins, e nada. Sempre que batíamos em uma casa, ele se escondia, não queria que o proprietário o visse, esperava eu explicar a situação. As pessoas que encontrávamos indicavam outros lugares que poderia ser a casa do pastor. Em determinado momento, ele começou a apontar qualquer casa que poderia achar que fosse. Não era nenhuma delas. Conversamos muito, sobre os motivos do trecho, porque quer parar, os locais que já trabalhou, etc. Ele nos mostrou o local onde se protegeu na noite em que ficou na rua: em um saco de lixo, em meio aos escombros de construção com um pouco de lixo reciclável e orgânico em um terreno baldio, não muito longe da rodoviária. Ele estava com muito medo de não achar a casa de volta porque todos seus documentos ficaram no local.

Relatou também que o casal de pastores lhe disse que para continuar na casa tinha que fazer serviços. Limpou peixes como forma de ajuda na casa. Voltamos para a assistência social e dissemos para o agente ligar em uma instituição semelhante àquela onde ele estava. Provavelmente eles saberiam de quem se tratavam. No outro dia, ele se lamentou e foi para Marília fazer novos documentos e continuar sua jornada.

Há trecheiros que geram renda catando materiais recicláveis dos acostamentos das estradas, que provavelmente são jogados para fora pelos motoristas dos veículos. Teodoro, de 40 anos, pega latinhas em todos os lugares que vai. Dentro das cidades, quando para por alguns dias, procura algum lugar onde possa vendê-las. Também conhecemos na pesquisa diversos viajantes que fazem artesanatos para ganhar dinheiro e conseguir sustentar suas viagens.

Neide é uma trecheira de 50 anos que está no trecho junto com seu companheiro, Walter, de 54 anos. Ela nos disse que não fazia um mês que voltou da Bahia. Estava com seus braceletes e tornozeleiras em um cano aveludado para suas vendas. Seu acompanhante estava com palhas de coqueiro para artesanato. Precisam ir até São Paulo e passaram por Marília (SP) para chegar até lá. Walter nos mostrou suas peças. Eram todas feitas de palha de coqueiro: dois gafanhotos e uma rosa. Perguntamos quanto custava a rosa; ele nos vendeu por R\$5,00, preço que varia conforme o cliente que analisa. Poderia tê-la vendido por R\$2,00 ou R\$10,00; ele achou que tínhamos R\$5,00 para pagar por ela. Na hora que compramos a peça, uma amiga estava chegando perto para nos cumprimentar. Entregamos a rosa de presente para ela.

Além do artesanato, eles costumam pedir dinheiro *mangueando*. Também não perdem a oportunidade de colher frutos em árvores que encontram pelo caminho. Conseguem se alimentar nos albergues e postos de combustíveis de meio de estrada. Além de instituições filantrópicas que fornecem alimentos. Há também as trocas de serviços por comida e estadia que podem encontrar em certos lugares, onde ficam temporariamente acolhidos. Essas práticas os fazem economizar dinheiro.

Existem práticas de roubo no trecho para conseguir recursos e objetos quando a vítima, também em situação de rua, está distraída de alguma maneira. Essa questão é melhor discutida no tópico 3.4.4.

Eder: *Sempre tem uns que vai nesse caminho. Eu perdi meus documentos. Levou minha bolsa, os documentos, levou tudo. Sustentando um cara cinco dias aí praticamente. A hora que eu dei uma deixa, ele me roubou. Outro trecheiro. Não, aquele lá, eu acho que tinha algum problema familiar, mas não era trecheiro, não. O cara não pedia comida, não manguitava, não fazia nada. Achava estranho.*

Desse modo, as estratégias de sobrevivência são diferentes de trecheiro para trecheiro. Há aqueles que apenas sobrevivem de *manguitar*, outros fazem suas rotas de colheita em colheita. Há os que fazem ambas as coisas. Outros não comem em postos de beira de estrada porque nunca andam a pé. Sendo assim, cada trecheiro tem sua singularidade ao operacionalizar a maneira de sobreviver ao trecho.

3.3.4 Síntese

Usamos o termo “manguitar” ao invés de “mendigar” ou “pedir” porque se trata de um termo usado na própria cultura dos trecheiros. Além de um ato para conseguir viver, *manguitar* é a principal forma dos trecheiros interagirem com as pessoas que moram na cidade. Souza (2010) aponta que os trecheiros têm um extenso vocabulário próprio usado entre eles. Nos acompanhamentos que fizemos com os trecheiros da realidade pesquisada, percebemos que, ao interagir com algumas pessoas da cidade, eles não usam certos termos porque sabem que não seriam compreendidos. Eles só os usaram conosco porque nos apresentávamos para a pesquisa e perguntávamos sobre questões de manguiteio. Alguns trecheiros também admiraram o fato de sabermos de tais palavras. A mesma autora aponta que a prática de *manguitar* também pode ser chamada de “acharque”. Em seu relato de pesquisa, há trecheiros que se juntam a mulheres para encenar que são casais e, com isso, conseguir dinheiro manguitando. A pessoa que está sendo usada para encenar junto ao trecheiro é chamada de “viola” ou violinha”. Se houver crianças junto, elas também serão chamadas assim.

Muitos trecheiros consideram a ação de *manguitar* um tanto quanto humilhante, e, para fazê-la, recorrem ao uso do álcool a fim de perder a vergonha (BROGNOLI, 1996. NASCIMENTO; JUSTO, 2005). Acompanhamos alguns

trecheiros que bebiam grandes quantidades de cachaça antes de começarem a *manguear* pela rodoviária, avenida ou praça.

Saber *manguear*, usar certos discursos para tanto, torna-se uma atividade vital para muitos trecheiros que transitam pelo trecho. Costumam *manguear* sozinhos, pois em duplas pode ser mais difícil de receber ajuda, porque, segundo eles, as pessoas ficam mais desconfiadas. Mas, por outro lado, quando encontram outros trecheiros na mesma situação, podem formar um grupo temporário onde cada um mangueia em um determinado espaço diferente para depois se juntarem e compartilhar o que conseguiram. Nem sempre todos desse grupo voltam ou cooperam de fato, mas é uma estratégia de organização e de ajuda cooperativa que expõe ao grupo em quais trecheiros se deve confiar. *Manguear* é uma atividade que pode ser muito diferente de trecheiro para trecheiro, e pode-se obter resultados diferentes de cidade para cidade.

Os trecheiros participantes consideram a cidade da pesquisa pouco promissora para ficarem por mais de três dias. Justamente pelo fato do município não disponibilizar de um Centro POP ou de albergues, nem de ordem municipal ou filantrópico.

Por outro lado, a cidade disponibiliza uma gama diversificada de passagens para migrantes que estão transitando, sendo propício aos trecheiros para fazerem suas rotas passando pela cidade da pesquisa. As passagens dadas pela assistência social dos municípios são para localidades próximas, cujo transporte é realizado por ônibus suburbanos. Os trecheiros consideram a cidade da pesquisa propícia para a prática de *manguear*, enquanto esperam por suas passagens. O município concede transporte até para fora do Estado, sendo um ponto de entrada e saída para outros Estados. Dificilmente um trecheiro que queira ir até o Paraná ou ao Mato Grosso do Sul não passa pela cidade da pesquisa, pois ela fica na divisa com o primeiro e está na rota para o segundo. Em nosso diário de campo, há um trecheiro que tem ciência de que a cidade é um ponto onde diversos trecheiros passarão:

Josiel: *Aqui é cidade de rota de passagem, né? Trecheiro passa aqui para ir no Paraná, para o Mato Grosso, pro Mato Grosso do Sul, lá pro Sul. Entrar e sair de São Paulo... Vão tudo passar aqui.*

Mesmo com essas dificuldades por conta do álcool e do crack, ainda preferem essas cidades médias e grandes para manguear, pois em cidades pequenas conseguir alguma coisa é bem mais difícil por conta de seus cidadãos não estarem habituados a serem abordados no seu cotidiano. Existem diferenças para conseguir manguear de cidade para cidade. Há locais onde a violência contra a população em situação de rua é maior, tanto por parte da população quanto por parte policial. Enquanto em outras cidades as pessoas são mais solidárias.

Alexandre: *Se for cidade muito pequena, aí não vira nada. Tem que ser cidade grande. Aí vou pra Ourinhos agora para ver se eu acho um tratamento.*

Dentre diversas questões que vimos, acompanhamos e perguntamos para João e Matias (apresentados no tópico 3.4), o primeiro nos disse que há um enorme problema em conseguir ajuda em pequenas cidades. Se a cidade da pesquisa não lhe der passagens, terá que passar a pé por algumas. Ele alega que “o povo é mais desconfiado” nessas cidades. João e Matias foram até um bar e ficaram por lá, antes de tentarem conseguir passagens. Foram pelas praças e ruas até esse bar e conseguiram a ajuda de alguns cidadãos que estavam passando pelo caminho. A realidade é diferente em cidades pequenas, pois, segundo eles, “em cidades pequenas não tem como pedir porque o povo não ajuda”.

Além das cidades pequenas serem lugares mais difíceis para *manguear*, também podem ser ambientes hostis, como afirma Eder, trecheiro que anda com sua companheira Deise:

Nós: *Vocês já sofreram violência policial?*

Eder: *Acontece todo dia.*

Deise: *Ah, isso aí é rotina. (risos)*

Eder: *Todo dia, isso é todo dia. Principalmente cidade pequena. Porque os caras já conhecem quem é de lá e quem não é, entendeu? Então fica difícil. Mas é embaçado.*

Os trecheiros só transitam por cidades muito pequenas quando estão fazendo o trecho a pé ou quando ganham passagens cuja localidade mais próxima de seus destinos é um desses municípios. A última hipótese é mais difícil de acontecer, pois se a cidade é muito pequena, ela não vai disponibilizar de passagens ou albergues para a população em situação de rua.

Porém, esses relatos entram em contraste com a afirmação de Freitas e Justo (2016) de que as cidades pequenas são mais “acolhedoras” e “tolerantes” com os trecheiros. A pesquisa desse artigo é conduzida a partir da relação dos trecheiros com as instituições sociais, enquanto a nossa está nesse ponto expondo a visão dos trecheiros com as pessoas da cidade. Mesmo assim, as realidades estudadas são diferentes. Podemos concluir que nas cidades pequenas, o ato de pedir (*manguear*) não é bem visto pelos cidadãos, enquanto a assistência social os acolhe melhor. Exatamente o modelo propagado nos artigos e campanhas das instituições assistenciais que criminaliza a prática de pedir nas ruas e “acolhe” os trecheiros para as instituições sociais (FREITAS, 2014). Esse “acolhimento” funciona como cerceamento e controle dos trecheiros e restrição às suas práticas que fazem na errância (NASCIMENTO; JUSTO, 2016).

Vale destacar que nos trabalhos anteriores sobre a temática do trecho, trecheiros e errância, não encontramos nenhuma menção sobre o fato do crack entrar no trecho, nem mesmo sobre as mudanças que ele proporcionou na relação entre os trecheiros e as pessoas da cidade, como apontam os relatos vistos acima.

3.4 TRECHEIROS E A VIDA SOCIAL DE SEUS OBJETOS¹⁰

A vida de trecheiro não permite acumular ou levar consigo muitos pertences. Carregam o mínimo e necessário, que varia de um para outro.

Uma mala, uma mochila, uma bolsa ou mesmo um saco de estopa são objetos comuns e muito importantes, até porque é o que permite armazenar e transportar outros objetos. Para percorrer o trecho, tais objetos se tornam essenciais. Embora utilizados como guarda e transporte de outros objetos,

¹⁰ Este capítulo foi editado em formato de artigo e submetido à revista Ser Social.

possuem sentidos diferentes daqueles da mala do turista, do viajante ou do peregrino. Em boa parte dos casos dos trecheiros, todos os seus pertences estão na mala, mochila ou no saco que carregam consigo. Alguns objetos que levam são de alto valor de sobrevivência, porém, nem todos carregam as mesmas coisas. Conforme pudemos ver na experiência de campo, o que levam consigo depende do universo de significação singular de cada um e das estratégias que utilizam para percorrer e viver no trecho. Há trecheiros que só andam de ônibus e só param em cidades que sabem que lhes darão passagens, porque preferem viajar assim ou porque carregam malas pesadas. Há outros que viajam de ônibus e andam a pé nos acostamentos das estradas quando querem ir a uma cidade e não há a disponibilidade de passagens gratuitas até ela. Há, ainda, aqueles que, por enfrentarem o asfalto quente das estradas, carregam consigo pouco peso, dispensando certos objetos que lhes podem trazer dificuldades no trecho.

Vimos em outro tópico (3.2) o encontro que tivemos com Duarte, um trecheiro que na sua mochila carregava dois pacotes de bolacha, uma embalagem de salgado com três unidades de pacote e um doce. Havia também na sua mala um par de chinelos para andar mais confortavelmente, um cobertor para se proteger do frio e dormir, um barbeador para ficar apresentável para conseguir trabalho, algumas roupas e outro par de sapatos. Andava com uma garrafa de água nas mãos, ainda com o rótulo, que, posteriormente, disse-nos ser de cachaça, pois bebia para se esquecer das más lembranças.

Em outro relato, encontramos Flávio e Mário. Flávio tem 29 anos e 6 anos de trecho, nascido em Belo Horizonte (MG). Mário tem 46 anos e 15 anos de trecho, nasceu em Pedra Azul (MG). Eles são uma dupla de trecheiros que percorrem o trecho juntos há mais de dois anos, desde quando se conheceram em um albergue em Belo Horizonte (MG). Um achou o outro responsável para serem companheiros de trecho. Desse modo, ofereceram segurança e companheirismo um para o outro. Além de dividirem momentos e experiências, eles compartilham objetos de suas malas.

Nelas haviam produtos de higiene pessoal que sempre carregam consigo, como o barbeador, que usam todo dia, a escova de dentes, pasta e sabonete. Eles se preocupavam com a aparência por três motivos, segundo disseram: trabalho temporário, manguieio e mulheres. Procuram, sempre que possível, diminuir o peso na mala. Não carregam cobertores porque, apesar de

poder usá-los para proteger do frio, atrapalham para fazer o trecho devido ao seu tamanho e peso. Para o trecho, uma das estratégias para eles é carregar pouco peso e também fazê-lo apenas durante o dia, andando a pé até às 17:00 e começando a andar às 6:00.

Flávio: *Uma mulher nos deu uma manta de casal assim (mostrou com as mãos o tamanho). Eu acabei dispensando junto com a mala grande.*

Este é mais um exemplo dos poucos pertences que trecheiros possuem e carregam consigo e da rigorosa seleção que fazem daquilo que transportam em suas bagagens, conforme as estratégias que adotam para viver no trecho. Outra situação com esses trecheiros nos chamou a atenção: eles pegaram preservativos na recepção. Aproveitamos a ocasião para perguntar sobre relações sexuais.

Flávio: *(Risos). Esse aqui gosta é de levar pica na bunda. (Risos). Não, é brincadeira, ele não gosta, não.*

Mário: *Ele pega mais mulher do que eu, é mais jovem, né?*

Flávio: *Eu sei fazer artesanato com palha de coqueiro. Um outro amigo nosso, que também faz, até tem medo de eu roubar as palhas dele. Quando vejo uma mulher que estou interessado, eu faço algum bicho com palha e chego nela entregando o de presente.*

O preservativo, nesse caso, é utilizado com as mesmas finalidades do uso geral e comum, e não representa nenhum incômodo, para eles. O que disseram sobre a sexualidade também não se diferencia do senso comum, até mesmo quanto a preconceitos e posturas machistas. No entanto, a resposta que deram à pergunta sobre a sexualidade tocou em outro aspecto da questão principal da pesquisa: os objetos que carregam e os sentidos que assumem na vida trecheira.

No universo de significação de um deles, um pouco de palha de coqueiro que, para muitos, pode ser visto apenas lixo orgânico ou como resíduo imprestável de uma árvore, para ele é um material valioso que representa a

chance de conseguir algum dinheiro, uma possibilidade de conseguir recursos além da prática de *manguear*. Também lhe dá a chance de se aproximar e se relacionar com pessoas que o atraem. No caso desse trecheiro, a palha de coqueiro é útil e valiosa porque a utiliza como matéria-prima de seu artesanato e faz dessa atividade, bastante compatível com a vida no trecho, uma estratégia de vida, não apenas para geração de renda, mas também para se aproximar e conquistar a simpatia de mulheres. Além de terem mencionado o artesanato como uma atividade no trecho que pode gerar alguma fonte de renda, também disseram que costumam pedir dinheiro *mangueando*.

Essa dupla de trecheiros demonstrou bastante preocupação e cuidado com a aparência pessoal tanto em suas falas quanto por meio dos produtos de higiene que portavam consigo. Em suas bagagens haviam sabonetes, desodorantes, pentes, shampoos e aparelhos de barbear. Disseram que tais produtos de higiene eram necessários para manterem uma boa aparência pessoal e, assim, terem mais facilidade para conseguir um trabalho ou se aproximar das pessoas e serem bem recebidos.

José e Matias são outra dupla de trecheiros que encontramos. Eles têm uma relação muito diferente com o trecho se comparados a Flávio e Mário. Desse modo, os objetos que levam consigo para conseguirem interagir e viver com o meio que transitam são diferentes. Ambos são de Assis. Vieram passar uns dias na cidade, mas não aguentam mais ficar nela. Eles se conhecem há mais de 20 anos, mas começaram a andar o trecho juntos há poucos meses. Quatro meses depois a mãe de José faleceu e ele reencontrou o amigo, que já estava no trecho havia seis meses. Um propôs para o outro começarem a fazer o trecho juntos. Eles contaram um pouco de suas histórias quando perguntamos:

José: *Balançou minha cabeça... a vida perde o sentido, cara. Porque, você sabe o que acontece na cabeça do ser humano, cara? Você é psicólogo. Acontece um negócio na cabeça, você nunca perdeu... a gente... é terrível. Eu morei quarenta e sete anos com a minha mãe. Eu e ela, lado a lado. Tá entendendo? A gente perde o mundo, cara. Só que nós não é vagabundo, nós não fica pedindo. Nós somos trabalhador. Só*

*que você perde a coluna. Aquela pessoa que dá inteligência para você...
Aí você começa a largar, mano!*

Matias: *Estou há seis meses no trecho. Eu é a mesma história do rapaz aqui. Eu perdi minha mãe também. Eu tenho carro, tenho onde viver, só que na minha casa não dá mais para viver. Fica lembrando... Vai fazer oito meses que ela faleceu. Há seis que eu tô andando. Daqui para Sorocaba, Bauru, Cornélio [Procópio], Andirá, Itapetininga... Onde você imaginar aqui na região, eu já passei. Profissão eu tenho. Eu sou pintor, pintor industrial e automotivo. Ela sai... Eu trabalhava aqui em Assis.*

José abiu uma garrafa plástica de corote e começou a beber depois que contou o fato. Era uma das poucas coisas que carregava. O que era diferente nesses dois trecheiros em relação aos objetos era o fato de não carregarem quase nada para viverem no trecho. Disseram que preferem não carregar quase nenhum peso, pois receiam que uma quantidade maior de pertences pode atrair a cobiça e expô-los a assaltos e agressões. Enfatizaram bastante o “perigo da rua”.

Matias: *Na rua, a gente dorme com um olho aberto e outro fechado.*

Quando perguntamos se eles não usavam nada para se protegerem do frio, eles responderam que não usam nada. João tem em sua bolsa apenas uma muda de roupas e uma garrafinha de cachaça. Coincidentemente, a bolsa era do Congresso Latino-Americano de Psicologia, evento muito conhecido entre os psicólogos. Matias não carrega nada. Ele já foi roubado no trecho, segundo ele, por um pardal, uma pessoa em situação de rua que migra entre cidades vizinhas e se acomoda por algum período de tempo em uma delas.

Tanto o frio quanto o roubo são desconfortos e perigos que os trecheiros enfrentam constantemente no trecho. São duas preocupações que, além da busca por alimentos, fazem-nos se precaver e se proteger o máximo que podem.

Se compararmos as vivências das duas duplas, veremos como existe uma singularidade quanto ao uso dos objetos no trecho, conforme as interações que os trecheiros vivenciam. José e Matias dormem constantemente em

albergues por conta da segurança. Enquanto Flávio e Mário preferem achar um lugar seguro nas ruas do que em um albergue por conta da liberdade em poderem beber sem seguir nenhuma regra institucional. José e Matias não carregam muitas coisas porque sempre que possível estão se albergando. Há cobertores e materiais de higiene em muitos albergues. Já a outra dupla está preocupada também em arranjar empregos e fazem caminhadas mais longas; por isso carregam material de higiene, diferentes mudas de roupas e comidas quando possível.

3.4.1 Vivendo no trecho com a ajuda de objetos

As estratégias para correr o trecho vão depender do universo de significação de cada um, dos seus processos de subjetivação e da forma de se produzir e habitar o trecho. Um dos primeiros problemas de se estar nas ruas e nas estradas é o frio. Há diversas campanhas de doações de agasalhos, mas nem sempre eles chegam a todos e se chegam, ainda não é o suficiente para aguentar o vento, o sereno e a geada das ruas. Desse modo, alguns trecheiros usam dois objetos muito importantes para sobreviverem ao frio: um cobertor e um fogão improvisado.

Em um grupo que encontramos, havia dois trecheiros já que estavam com passagens marcadas para viajar até uma cidade vizinha; um homem em situação de rua e outro homem há uma semana nas ruas. Rodolfo, de 29 anos, está no trecho há dois anos por problemas com o alcoolismo e por ter se separado da esposa, enquanto Manoel, de 49 anos, está há quatro anos no trecho, desde quando se separou da esposa. Pedro, de 29 anos, está há uma semana nas ruas pela mesma situação: bebia muito e acabou se separando da mulher. Por fim, Josias, de 39 anos, uma figura já conhecida entre as pessoas que trabalham na assistência social e por algumas pessoas da cidade. Ele está em situação de rua há 17 anos. Todos passaram a noite fria nas ruas. Perguntamos primeiramente como passaram essa noite de frio. Eles nos mostraram várias cobertas que ganharam pedindo e que dividiram. Além disso, relataram uma técnica que utilizam nessas situações: cortam uma latinha ao meio, pegam uma estopa molhada no álcool de posto, colocam dentro da latinha

e acendem. Se colocar em volta uns tijolos achados pela rua, vira um fogãozinho improvisado. Para cozinhar pedem algumas panelas velhas pelas casas da região, dividem as tarefas de buscar alimentos e, assim, conseguem cozinhar e preparar a própria refeição.

***Josias:** O pessoal se junta, entendeu? Aí cada um vai tentar achar uma coisa. Um pega panela, outro tenta arranjar macarrão. Outro faz um fogão com latinha, um pano e álcool. Aí nois come.*

Em outro momento, encontramos Carlos, um viajante mochileiro que estivera há pouco tempo no Rio Grande do Sul, onde quase morreu de frio, segundo disse. Porém, ensinaram-lhe a mesma técnica da latinha: cortou uma lata ao meio, um pedaço de pano e álcool. Segundo ele, para usar esse recurso e não morrer de frio, às vezes é necessário cortar um pedaço da roupa para manter viva a chama do fogão improvisado, queimando o álcool e aquecendo.

O fogãozinho, dessa maneira, é uma ferramenta importante para sobreviver ao frio e conseguir se alimentar. No dia em que encontramos o grupo, eles não estavam fazendo o fogão na praça para não chamar a atenção e serem, eventualmente, repreendidos ou expulsos do local. No entanto, improvisaram o artefato há menos de um quilometro da rodoviária, onde há um pequeno parque desativado e abandonado, transformado em pasto, com uma nascente e uma torneira de água. Nesse espaço, o risco de serem admoestados era baixo para não correrem nenhum risco. Ali tomaram banho, lavaram as roupas e cozinham. No mesmo local encontraram um tênis para Manoel, que estava sem sapatos descentes.

Vimos em outro tópico (3.2) que Duarte usa o cobertor como proteção contra animais que podem atacá-lo no meio dos matagais, e que costuma dormir em algum posto de combustível na estrada, em matagais ou plantações. Rômulo, 30 anos de trecho, também usa essa técnica para dormir nos matagais. Ele carrega consigo uma mala e um cobertor infantil. Comenta conosco que tem muito afeto e apego pelo pequeno cobertor.

Rômulo: *Isso aqui é o meu totó. Sabe? Totó de criança, de ficar segurando e puxando pra lá e pra cá. Uma mulher viu isso aqui e me perguntou quanto que eu queria pra jogar isso aqui fora. Nossa, eu senti um tapa na cara, sabe? Eu fiquei com uma raiva, aquilo me subiu. Eu falei para ela se o filho dela não tinha um totó quando era pequeno. Ela disse que sim. Então! É isso aqui que eu carrego comigo.*

Disse que quando chega a um matagal pela noite, apenas sai chutando o local em que vai dormir e grita “sai cobra, sai cobra” para espantar qualquer animal que esteja no caminho. Depois disso ele reza para não ser atacado e forra o chão para se deitar.

Há também aqueles trecheiros que estão procurando trabalho. Nesses casos, registramos um deles em quem pudemos observar a extrema preocupação em encontrar algum tipo de serviço e os apetrechos que carrega como ferramentas de trabalho. Barnabé, de 63 anos. Usava na cabeça um capacete de segurança e proteção no trabalho e segurava um chapéu sombreiro em uma mão. Sua mochila era um saco de estopa e carregava uma barra de ferro na outra mão. Usava um colar de conchas em seu pescoço.

Perguntamos de onde ele era. Não entendemos muito bem à princípio. Era na verdade de Ibaiti (PR). Falava muito sobre o trabalho. Na verdade, era um excesso de falas sobre viajar para trabalhar, mostrando para que servia cada coisa que possuía. O ferro na mão, para serviços de mecânica. O capacete, para trabalhar na construção. O sombreiro, para a lavoura. O trecho? Um caminho para o trabalho. Ele nos disse que sabe trabalhar de tudo: pedreiro, mecânico, pintor, agricultor, padeiro. Avisaram-lhe que não teria passagem alguma para Ourinhos; apenas para Marília. Ele balançou a cabeça nervoso, saiu da rodoviária em direção a uma rua que termina na estrada. Vai a pé ao seu destino de trabalho.

Menezes (2002) mostra as condições de vida de migrantes paraibanos e de suas famílias que saem de suas terras para trabalhar na lavoura, em condição de semiescravidão. Existem estreitas conexões entre trecheiros e migrantes em busca de trabalho. Por isso mesmo, alguns carregam consigo instrumentos de trabalho e migram acompanhando a sazonalidade das lavouras ou outras oportunidades de trabalho temporário como em feiras agroindustriais.

Portanto, os modos de sobrevivência no trecho dependem de uma gama de estratégias para enfrentar adversidades como o frio, a fome e a submissão ao trabalho mal remunerado e precário.

3.4.2 Relações intermediadas por objetos/mercadorias na cultura trecheira: trocas, dádivas e compartilhamentos

Os objetos que os trecheiros carregam possuem outra utilidade essencial no mundo deles: são utilizados entre eles como objetos de troca, assumindo o papel de mercadorias.

Torna-se importante pensar que uma mercadoria não é concebida como tal apenas por seu valor econômico, estabelecido pela sua negociação no mercado, mas se constitui como um objeto de troca, que pode ocorrer nas relações cotidianas informais, mesmo que este ato não seja recíproco de imediato (APPADURAI, 2008). Uma de suas características é estabelecer um vínculo entre duas ou mais pessoas, ou seja, vínculos sociais.

As coisas podem assumir diferentes funções e sentidos ao longo do histórico, associadas a sistemas simbólicos e/ou econômicos. Os objetos utilizados pelo homem não geram consequências apenas pelos efeitos de sua funcionalidade prática. Braga (2012), ao estudar a relação de imigrantes piauienses em São Paulo com o local de origem, assinala que o ato de enviar produtos da terra natal para os que foram é uma maneira de fortalecer o sentimento de pertencimento ao local de origem e de lembrar seus hábitos, familiares e rotinas conterrâneas. Assim, junto ao ato de troca, também estão vinculados os afetos, o sentimento de pertencimento, a manutenção da união de ambas as partes, as redes de solidariedade, a ajuda mútua, etc. Mesmo os chamados negócios étnicos, intermediados pelo dinheiro – compra e venda de produtos nativos entre imigrantes de uma mesma nacionalidade – ultrapassam o sentido econômico mais imediato e se desdobram em efeitos de sentido de fortalecimento de vínculos baseados em sentimentos de identidade e de trânsito, e aproximação entre povos e culturas (GUELL et al, 2015).

Entre os trecheiros existe um trânsito específico de objetos-mercadoria que pode ser intermediado por dinheiro, mas comumente se realiza por meio de

trocas diretas por outros objetos ou por serviços e favores. O hábito de presentear ou doar coisas, solidariamente, uns aos outros é bastante presente e faz parte dos valores da cultura trecheira. Muitos trecheiros compartilham mercadorias entre eles de modo solidário, como as cobertas ou bebidas e outros objetos. Nas trocas ou no comércio entre eles não estão submetidos às leis do mercado, nem ao imperativo da acumulação, conforme acentua Brognoli (1996). De forma ainda mais autônoma do que os imigrantes em seus negócios étnicos, os trecheiros se norteiam mais pelo valor de uso do que pelo valor de troca dos objetos ou mercadorias, e mesmo o valor de troca é estabelecido entre eles mesmos ou no que poderíamos chamar de “mercado trecheiro” que, embora mantendo conexões com o mercado geral, por exemplo, quando compram cachaça e repassam para colegas em troca de outros produtos ou serviços, possui bastante autonomia e regras próprias quanto, principalmente, ao estabelecimento de valor econômico, porque prevalece, de qualquer maneira, o valor de uso dos objetos materiais e imateriais. Além disso, o “mercado trecheiro”, se é que podemos chamar assim as relações de troca de objetos e transações comerciais entre eles, é flexível, e a moeda, talvez, mais corrente seja a solidariedade. Sinteticamente, é possível afirmar que os objetos na vida dos trecheiros possuem um valor de uso próprio e de troca com os pares mediante os quais se desenvolvem relações de solidariedade, de ajuda aos outros e de compartilhamento quando utilizam coletivamente objetos e equipamentos.

3.4.3 Objetos e mercadorias da cultura trecheira

3.4.3.1 O álcool

Neste tópico, não pretendemos focar nas discussões dos vícios ou males que o consumo de álcool pode trazer para os trecheiros. Nem estabelecer discussões acerca da relação deles com a bebida, ou sobre o álcool e a constituição do sujeito, pois o trabalho de Nascimento (2006) já tratou o assunto dessa perspectiva. Apesar de usarmos alguns de seus apontamentos para construir nossa discussão, o que estará aqui exposto é seu uso mercantil no

trecho e sua importância para estabelecer redes de informações entre os trecheiros. Obviamente, as trocas de outros objetos de valor por bebidas alcoólicas ou seu uso compartilhado para conseguir informações e redes com outros trecheiros gera produção de subjetividade. Como afirma Hardt (2002), a produção de subjetividade ocorre a todo momento.

Quando João falou sobre o falecimento de sua mãe e começou a beber cachaça, um terceiro trecheiro apareceu e perguntou se iria mesmo beber cachaça em nossa presença. João disse que sim, pois disse que nós sabíamos que ele bebe e que não tem nada a esconder. Nós dissemos que não havia problema algum em beberem na nossa frente, que não estávamos ali para dizer o que pode ou não ser feito, mas sim para ouvi-los. Eles compartilharam do álcool e aproveitamos para perguntar exatamente sobre isso, se eles costumam compartilhar bebidas pelos lugares que passam. João respondeu de modo interessante. Ele afirma que, no trecho, a bebida e a comida são compartilhadas; mesmo tendo apenas dois meses de trecho, logo nos diz que se estiver com uma marmitex, não deixaria o outro passar fome. Dessa mesma maneira, fazem com a bebida, usada, segundo ele (e muitos outros), para se esquecer das coisas da vida, porque logo que a bebida acaba, “as lembranças voltam tudo outra vez”.

Dessa maneira, álcool pode ser uma mercadoria a ser trocada por informações ou mesmo uma dádiva que se reverte em prestígio e fortalecimento dos vínculos identitários. Além de ser utilizada como forma de conseguir informações da cidade, das rotas, dos perigos, também auxilia na ampliação de relacionamentos com outros errantes, tais como a população de rua local e “pardais”, outro tipo de população em situação de rua migrante:

Os pardais e os alcoolistas são os mais associativos, e entre eles há um fluxo de informação maior. Quando chega numa cidade, o pardal já procura encontrar outro que esteja há alguns dias naquele lugar para se juntar aos seus pares e obter as informações necessárias sobre a cidade: onde pedir, onde dormir, como se proteger dos perigos ali existentes e assim por diante. Aliás, como um anfitrião, é comum o pardal que recebe o parceiro oferecer bebida ou comida e já entronizar o recém-chegado na rede local dos pardais (JUSTO, 2012, p. 79).

Desse modo, a bebida é como um ator-rede que une trecheiros e informações, gerando interações entre eles e com outros grupos de atores próximos. A partir deste ponto, podemos pensar no aparato da teoria ator-rede para compor nossa análise. As interações são tão diversificadas quanto parecem

e formam incontáveis redes heterogêneas: "...a sociedade, as organizações, os agentes e as máquinas são todos efeitos gerados em redes de certos padrões de diversos materiais, não apenas humanos (LAW, s/d, p. 2)". Assim, as redes são formadas por uma gama incontável de materiais heterogêneos, desde seres humanos, a animais e objetos. O que compõe o social não é simplesmente humano, mas é formado por essa heterogeneidade. Nossas relações são mediadas por objetos, instituições e outros diversos. Desse modo, a teoria do ator-rede descentraliza o ser humano como aspecto principal: "de uma posição analítica, ela nega que as pessoas sejam necessariamente especiais (Ibid., p.4)". Nessa mesma posição de análise, na teoria do ator-rede, um ator é também uma rede. As redes são tão complexas que são poucas as vezes que percebemos seus funcionamentos e/ou suas complexidades. Nesse ponto, a bebida pode gerar sociabilidade entre os trecheiros que buscam informações, se divertir ou até mesmo que procuram outros que possam ajudá-los caso bebam demais.

O uso compartilhado do álcool parece indicar também que a socialização da bebida pode estar relacionada com a preocupação que o trecheiro tem de se precaver dos possíveis transtornos que ela pode causar para a sua saúde. Nesse caso, a organização em torno da bebida tende a ser eventual e somente na presença do outro que pode socorrê-lo em caso de extrema embriaguez, além de atuar como um instrumento de contato e intercâmbio de informações, ou seja, o álcool pode funcionar nessas microrrelações sociais como um ritual para descobrir novas direções de rotas a percorrer em busca do trabalho temporário que permite manter a sobrevivência no trecho (NASCIMENTO, 2006, p.106).

O álcool não é a única uma maneira de troca de informações e solidariedade entre os trecheiros no trecho. Eles também interagem com pessoas distantes, por meio da negociação de outra mercadoria.

3.4.3.2 O uso do telefone

Lobo (2010) expõe em sua etnografia sobre a emigração de mulheres de Cabo Verde para países como a Itália. Elas fazem uma rede de troca de informações e mantém familiares utilizando as trocas de cartas e telefonemas, ações eficazes para a proximidade entre emigrados e locais. Assim, também ficam sabendo sobre as notícias da ilha. O telefone é uma importante ferramenta

para que a mulher emigrante participe das tomadas de decisão de sua casa, outro fator que ajuda a fortalecer as relações de pertencimento ao local.

Percebemos a utilização do telefone presente na jornada dos trecheiros. Muitos deles não tiveram a total perda de laços familiares ou distanciamento permanente de seus entes queridos. Apesar de estarem no trecho e muitos terem abandonado os familiares em suas cidades, alguns ainda mantém contato enquanto migram de cidade em cidade. Fazem ligações esporádicas, combinam de aparecer na casa de seus familiares no final do ano ou em alguma data especial, discutem com eles sobre documentos importantes que precisam e às vezes marcam uma visita apenas por questão de saudades.

Temos o exemplo de Saulo. Ele está indo para São Paulo visitar a irmã. Ligou para ela avisando. Ao contrário de seus dois irmãos em Loanda (PR), ela não sabe que ele está no trecho. Assim, costuma parar em algum albergue para tomar banho antes de ir até a casa dela. Dessa vez, não fará isso, irá direto para a casa dela assim que chegar em São Paulo. Disse que para no Arsenal da Esperança quando está em São Paulo.

Há casos em que compram cartões telefônicos para ligarem para a família ou usam telefone de algum albergue em casos em que o trecheiro precisa provar sua procedência. No trecho também há como se obter celulares usados por preços baixos, como exposto na fala abaixo:

Saulo: *Ah meu, o que mais tem para vender é isso aí [celular]. Usuário de droga rouba e depois tenta vender para comprar droga. Tem também esse pessoal da rua que já não quer o aparelho e vai vendendo também. Vai passando de um para outro. Com R\$ 10,00 ou R\$ 20,00 você compra um. Aí é só comprar um chip que você usa.*

O uso do telefone, dessa maneira, é um gesto muito importante para mostrar de modo afetivo que não perderam completamente seus vínculos com seus familiares, que ainda mantêm relações com as pessoas presentes em suas lembranças. De modo prático, fazer uma ligação é muito importante para conseguirem ajudas burocráticas de amigos e familiares sobre questões que deixaram para trás ou para resolver certos documentos que precisam.

3.4.3.3 A informação

A informação é outro bem essencial para a vida no trecho. Podemos tratar a informação como um objeto imaterial (ATEM, 2008; GOMEZ, 2009) que carregam consigo, cuja utilização é indispensável, sobretudo a informação que adquirem diretamente e trocam, também diretamente, com os pares. É extremamente valioso para eles saber que tipo de tratamento está sendo dispensado a eles em outras cidades, que equipamentos e serviços de assistência existem, como albergues, casas de passagem, concessão de passes de viagem, hospedagem em hotéis conveniados com prefeituras, e assim por diante.

A transmissão de conhecimentos e tecnologias, como parte do processo de informação e de comunicação, contribui significativamente para o que poderíamos chamar de cultura trecheira, de domínio exclusivo deles, e que dá o suporte coletivo para a construção e lapidação desse modo de viver. Afinal, não se aprende na escola ou em qualquer outra instituição social viver no trecho, da mesma forma que se aprende viver sob o jugo de sedentarizações produzidas pelo trabalho/emprego, residência fixa, relacionamentos e vínculos psicossociais sólidos e estáveis. Não apenas não se ensina a vida errante como, adicionalmente, esse tipo de vida é condenado, desestimulado, silenciado e até mesmo reprimido. Trata-se de uma vida insurgente que precisa insistir e resistir para poder se viabilizar e conquistar algum espaço social, ainda que seja em penumbras e recantos da sociedade.

Por isso, a troca de informação, de conhecimentos, de tecnologias, objetos, serviços, da produção simbólica é essencial. Trata-se de uma práxis fundamental enquanto atividade coletiva que dá sustentação e torna possível tal forma de viver. Práxis que, segundo Blikstein (2003) está no início do processo de construção do signo e da produção simbólica enquanto local de produção dos referentes - imagem dos objetos forjada na percepção da realidade social – aos quais se ligam o significante (ou símbolos) e o significado (ou referências), completando o tripé do signo. Esse autor ilustra a teoria da constituição triádica do signo, dando o exemplo da neve para um esquimó. Segundo ele, um esquimó é capaz de perceber trinta tipos diferentes de neve, e isso é fundamental para a significação polissêmica da neve que amplia suas possibilidades de ação, sendo

imprescindível para a sobrevivência nesse tipo de clima extremamente frio. Essa percepção da neve, forjada na práxis, na qual intervêm padrões perceptivos socialmente criados, inseridos em corredores sem constituir o referente (imagem mental dos objetos concretos ou abstratos) “neve”, a partir do qual serão conectados significantes e significados, elevando o objeto/referente “neve” ao nível da linguagem e da representação simbólica.

Analogamente ou baseando-se nessa teoria do signo e da linguagem, podemos entender que os objetos utilizados pelos trecheiros e que carregam consigo constituem os referentes forjados na práxis trecheira, na qual assumem uma determinada imagem, investida de valor, a partir da qual serão associados palavras, gestos ou outros significantes e significados correspondentes que permitirão orientar as condutas de cada um e a comunicação e transmissão de informações e de conhecimento entre eles. A mochila, o saco de estopa, a mala, o fogareiro improvisado, o boné e todos os demais objetos desse universo são símbolos investidos de valores intimamente relacionados à maneira como tais objetos são apreendidos na práxis errante, ou seja, à maneira como são fabricados, enquanto referentes, na cultura, na cognição, na percepção desse mundo ou realidade vivido por eles.

3.4.4 Avessos da solidariedade: “Roubaram minha bolsa”

“Roubar bolsa de trecheiro é muita sacanagem!”, exclamou Aníbal, um de nossos participantes da pesquisa. Ele foi roubado no trecho e estava indo para Marília (SP), tirar uma segunda via de documentos, como o R.G., a carteira de trabalho e a certidão de nascimento. Posteriormente iria para Guarulhos. Além de ser roubado em uma cidade, teria sido roubado no dia anterior em outra, enquanto tentava dormir. Estava sem mala alguma devido a isso.

Os roubos no trecho são muito comuns. Muitos trecheiros aparecem para pegar passagens no estabelecimento da assistência social na rodoviária sem mala alguma, segundo declaram, por terem sido roubados em momentos em que estavam mais vulneráveis.

Denis: *Ah meu, fui roubado por pardal no trecho. Pegam a mala enquanto você não está vendo para trocar por droga por aí.*

Quando se pergunta quem os roubou, a resposta é quase sempre a mesma: “um pardal”. Tal denominação geralmente é utilizada para indicar pessoas em situação de rua que andam de uma cidade a outras cidades próximas, realizando mangueios, pequenos furtos ou “chupinhando”, como dizem, outros trecheiros ou pessoas em situação de rua. O “pardal” é uma figura ambígua entre os trecheiros. Ao mesmo tempo em que é desvalorizado e visto com desconfiança, é também admirado pelas suas experiências de vida *underground*, esperteza e capacidade de enfrentar situações difíceis e adversas. Registramos dessa maneira a conversa de Manoel e Rodolfo, os dois trecheiros já citados acima que estavam prestes a embarcar para Marília. Rodolfo estava preocupado em não saber andar em Marília, mas Manoel o acalmou quanto a isso:

Manoel: *Sou pardal lá de Marília, ou! Lá cê tá comigo, pode ficar tranquilo.*

No grupo das quatro pessoas, já acima citados e no qual se encontravam os dois acima mencionados, nos deparamos com manifestações de preocupação com furtos, com relatos de vítimas de roubo e com a atitude de precaução de um deles, que acabou pagando uma taxa no guarda-volumes da rodoviária. Em contrapartida, observamos atitudes de solidariedade quando deram para Manoel, que estava com sapatos surrados, um par de tênis encontrado no banheiro que haviam utilizado para tomar banho. Rodolfo contou que tinha sido roubado na rodoviária anterior e, por sorte, achou colegas que dividiram cobertas com ele. Enquanto Pedro, mesmo há uma semana nas ruas, sabe dos perigos que pode sofrer, decidiu pagar todos os dias R\$3,00 para o guarda-volumes da rodoviária, para proteger suas coisas:

Pedro: *Eu sou daqui da cidade vizinha e agora estou procurando emprego por aqui. Eu deixo minhas coisas no guarda-volumes para*

não ter perigo de me roubarem. Deixo as coisas aí e vou tomar um banho e pedir dinheiro no Posto Paulista.

A preocupação com os objetos se torna constante pois, normalmente, todos os objetos que possuem estão na única mala que carregam. Conseqüentemente, um roubo implica um grande prejuízo, incluindo a perda de documentos como R.G., carteira de trabalho, certidão de nascimento e título de eleitor. Documentos essenciais para se conseguir passagens, provar inocência caso sejam acusados de algo, conseguir emprego sazonal. Quando perdem documentos, costumam tentar tirar novas cópias o mais urgente possível.

3.4.5 Síntese

As interações mediadas por objetos entre os trecheiros são fundamentais para a construção das condições de vida errante e de uma cultura trecheira que assegura a produção e transmissão de representações simbólicas, conhecimentos, valores, tecnologias, formas de relacionamento, estratégias de vida e tantas outras produções fundamentais para essa forma de existência. Os poucos objetos que carregam consigo e que são tudo que possuem para viver assumem funções diversas no cotidiano e disparam relacionamentos vários entre eles, predominando relações de solidariedade, pela qual se ajudam mutuamente, doam e compartilham com outras coisas que possuem alto valor de uso e sentido para a sobrevivência. É possível consubstanciar com a experiência dos trecheiros que o objeto é “dotado de significação social, religiosa, mágica e econômica, utilitária e sentimental, jurídica e moral.” (LEVI-STRAUSS, 2009 apud BRAGA, 2012, p. 91) e acrescentar que os objetos também assumem uma dimensão desejante e de poder, simbólica e normativa.

O mundo dos trecheiros é caracterizado pelo trânsito. Eles circulam frequentemente de uma cidade a outra, mudando constantemente a paisagem de seu cotidiano, objetos e pessoas com os quais se relacionam. Nessa condição de errância, os objetos dos trecheiros acabam por serem errantes também. São objetos transitórios, com os quais permanecem pouco tempo. Não é possível acumular e nem fortalecer sentimentos de propriedade ou de posse nessa forma

de viver. Os objetos são usados, consumidos de forma relativamente rápida ou são doados, trocados, vendidos ou, ainda, roubados, como também acontece. Nessa efemeridade acentuada, cada dia é um novo dia, a saber, o que se repete de um dia para outro é muito pouco relativamente a objetos e pessoas com os quais o trecheiro se relaciona. O lugar onde está não é exatamente o mesmo; é uma cidade, mas outra cidade; as pessoas com as quais estabelece relações são trecheiros, assistentes sociais, cidadãos e outros como já encontrou tantas vezes antes, mas não são exatamente como são, para os sedentarizados, seus vizinhos, colegas de trabalho, familiares e conhecidos das cidades nas quais residem.

Como as provisões se resumem praticamente a roupas e calçados que carregam no próprio corpo e duram por algum tempo, tudo o mais que é necessário para o dia precisa ser providenciado a cada instante. Vivem um verdadeiro “*just in time*”¹¹ no qual cada coisa que necessitam num determinado momento precisa ser providenciada nessa ocasião, nesse “tempo exato”, no tempo oportuno. Por isso mesmo, a criatividade e o improviso acompanham a polissemia da vida no trecho.

Os objetos, retirados do mercado convencional e inseridos na cultura trecheira, assumem outras significações, outros sentidos. Primeiro, são desinvestidos do fetiche que os caracteriza enquanto mercadoria que transita nas relações, com a intermediação do dinheiro e destinada a gerar lucros cada vez maiores, impulsionados pelo consumismo, pela obsolescência programada e pelo descarte. As relações com os objetos e o valor que assumem são orientados, na cultura trecheira, pela utilidade e sentidos que possuem na práxis, ou seja, na construção coletiva dessa condição de existência. Por isso, o valor de uso se sobressai, e os objetos são moldados, recriados, refuncionalizados para atenderem as necessidades, demandas e desejos dos trecheiros, numa criação poética semelhante àquela preconizada por Manoel de Barros (1993):

Desinventar objetos. O pente, por exemplo.
Dar ao pente funções de não pentear. Até que
ele fique à disposição de ser uma begônia. Ou

¹¹ Expressão utilizada para designar um sistema de gestão de produção baseado no princípio do fluxo constante e na de redução do tempo ao mínimo entre as diferentes fases do processo, incluindo o consumo do produto. Tudo deve ser feito no “momento exato”, instantaneamente, sem intervalos de tempo, sem reservas, sem estoque.

uma gravanha.
 Usar algumas palavras que ainda não tenham
 idioma.

Os trecheiros “desinventam” objetos ao transformarem em fogareiro um fundo de lata cortada preenchida com estopa embebida em álcool, com tijolos ao redor; ao usarem palavras que não têm idiomas, com suas gírias, ou quando dão a palavras dicionarizadas – que têm idioma – sentidos próprios, como fazem com a palavra “achaque” – que pronunciam “acharque” - com a palavra “manguear”, com a palavra “cascuda”¹² e tantas outras.

3.5 O QUE (NÃO) PODE UM CORPO (ERRANTE): AS PRÁTICAS DE CONTROLE E VIOLÊNCIA NO TRECHO¹³

Existem diversas linhas de força que controlam a vida no trecho. A mobilidade é uma das principais características da vida dos trecheiros (JUSTO, 2012). O desenho dos trajetos dos trecheiros não é feito apenas por eles, pois sofre a influência e interferência das forças/formas políticas e policiais. Na sociedade de controle, essas forças/formas políticas e policiais não estão apenas na instituição polícia. Ela é encontrada em todas as outras instituições.

Na lógica disciplinar, as instituições são bem definidas, suas fronteiras eram visíveis geograficamente e perceptíveis emocionalmente, enquanto uma das principais características da sociedade de controle é a ausência do fora, o que faz com que as instituições estejam em todos os lugares (DELEUZE, 1992). Suas fronteiras não são mais definidas, e não há lógica temporal para entrada ou saída de uma delas. A delimitação da entrada e saída de um sujeito de uma instituição a outra desapareceu. Porém, o controle não é uma oposição à lógica disciplinar. Ele é sua intensificação. As estratégias disciplinares continuam a

¹² “Cascuda”, na linguagem dos trecheiros, significa recipiente para comer. Pode ser uma vasilha de plástico ou de lata.

¹³ Esse tópico foi editado em formato de artigo e foi aprovado para a apresentação no II Congresso Internacional de Política Social e Serviço Social: desafios contemporâneos, III Seminário Nacional de Território e Gestão de Políticas Sociais e II Congresso de Direito à Cidade e Justiça Ambiental, que será realizado no período de 04 a 07 de julho de 2017 na Universidade Estadual de Londrina (UEL).

funcionar em diversos estabelecimentos institucionais, mas o que ocorre é a não existência das fronteiras bem definidas. As instituições estão em crise e funcionam se esfacelando. Assim como o sistema capitalista, esse funcionamento não as faz perderem forças, mas sua crise fortalece-as, pois as características de uma instituição podem ser encontradas em todas as outras, conforme Hardt (2000):

Não se deveria pensar que a crise da família nuclear tenha acarretado um declínio das forças patriarcais; pelo contrário, os discursos e as práticas que invocam os “valores da família” parecem investir todo o campo social. A crise da prisão significa igualmente que as lógicas e técnicas carcerárias se estenderam, progressivamente, a outros campos da sociedade. A produção da subjetividade na sociedade imperial de controle tende a não se limitar a lugares específicos (p. 369).

Goffman (2006) relata em diversos casos que a tarefa de abordar pessoas com algum estigma social era feita anteriormente pelos agentes da polícia. Na realidade pesquisada, os serviços de assistência social das cidades são chamados para fazer essa abordagem, principalmente com pessoas que estejam em situação de rua. A instituição polícia está inserida na assistência social e também presente em outros estabelecimentos por onde os trecheiros passam. Ela é responsável pela vigilância, gerenciamento e coordenação dos movimentos da cidade.

A polícia é um tangível, uma construção, que podemos equiparar à arquitetura, pois ela é principalmente o agente que garante a reprodução e a permanência de modos predeterminados de circulação individual e coletiva. A polícia, em outras palavras, coreografa. Ou seja, é ela que garante que, desde que todos se movam e circulem tal como lhes é dito (aberta ou veladamente, verbal ou espacialmente, por hábito ou por porrada) e se movam de acordo com o plano consensual do movimento, todo o movimento na urbe, por mais agitado que seja, não produzirá nada mais do que mero espetáculo de um movimento que, antes de mais nada, deve ser um *movimento cego ao que o leva a mover-se*. Ou seja, o que importa é uma fusão particular de coreografia e policiamento – coreopoliamento. O fim do coreopoliamento é o de *desmobilizar ação política por via da implementação de certo movimento* que, ao mover-se, cega e, consensualmente, é incapaz de mobilizar discórdia; um movimento incapaz de romper com a reprodução de uma circulação imposta (e reificada como natural à imagem própria da cidade como espaço para o espetáculo permanente do movimento supostamente livre (LEPECKI, 2012, p. 54).

Desse modo, a assistência social-polícia da realidade de nossa pesquisa manipula as dromopolíticas (VIRILIO, 1996) que cercam os trecheiros, agindo diretamente na mobilidade de populações itinerantes quando decidem que estes devem sair da cidade. Os trecheiros são encaminhados para algum lugar que seja provavelmente mais próximo possível da residência de seus familiares. Quando as prefeituras não repassam recursos para a emissão de passagens ao estabelecimento assistencial responsável, pode faltar a passagem próxima ao destino desejado ou mesmo não haver a emissão. Desse modo, os trecheiros mudam suas rotas. Pegam passagens remanescentes para a cidade de destino dela, ou fazem o caminho desejado a pé. No estabelecimento assistencial da realidade pesquisada há um *software* que registra na hora das emissões das passagens, onde o trecheiro estava e aonde ele vai. A coreografia da errância, dessa maneira, depende dos aspectos de decisões políticas exercidas pelas instituições assistências e policias, e pelas empresas privadas, como as concessionárias e as viagens.

Ao policiarem as ruas, o serviço social do território pesquisado acolhe pessoas em situação de rua, mas dão a elas diferentes encaminhamentos, diferenciando aqueles que são considerados trecheiros daqueles que são moradores de rua fixos.

Quem está se deslocando recebe passagens, a chance de tomar um banho, um lanche e ganha pernoite dos estabelecimentos de atendimento da assistência social. Aqueles que são moradores de rua fixos da própria cidade não acessam tais serviços e não são encaminhados para uma casa de passagem. Eles vão para albergues para não ficarem perambulando pelas vias públicas causando desconforto aos demais moradores da cidade. Enquanto isso, trecheiros e pardais recebem passagens para sair do município por serem indesejadas no local. Do ponto de vista do município, torna-se financeiramente mais viável emitir passagens para trecheiros com destino a outra cidade do que mantê-los em algum ambiente institucional.

Em nossa etnografia, não apenas fizemos observação-participante com os trecheiros, mas também estávamos presentes em ambientes institucionais da assistência social que interagem com os trecheiros. Quando fomos autorizados

para ter livre acesso a esses ambientes para fazer pesquisa por uma pessoa (ela não trabalha mais no cargo) da assistência, ela fez a seguinte afirmação:

Coordenação: *Esse pessoal que não é daqui vem pra cá, e se a gente não mandar embora, eles já se juntam com gente daqui pra usar um crack. Ficam viciados e acabam ficando por aqui. Isso é muito ruim pra gente, o custo é bem maior. Aí rouba, faz crime, é internado por aqui e não dá. Melhor dar a passagem e eles saírem daqui.*

Em outro momento, nós fomos convidados para falar em uma mesa redonda no evento do Dia Nacional de Luta da População em Situação de Rua em uma cidade média próxima. Um alto representante municipal afirmou palavras semelhantes quando foi discursar na abertura do evento.

Prefeito: *Nosso serviço está virando referência! Mas nós recebemos aqui apenas as pessoas do nosso próprio município. Porque as outras pessoas não são daqui. Nós damos passagens para elas irem para outras cidades. Não tem como deixá-las aqui.*

Quando são reconhecidos como parte da população em situação de rua, os trecheiros recebem ajuda esporádica de albergues, de instituições filantrópicas, dos órgãos de assistência social como o Centro de Referência Especializado em Assistência Social (CREAS). Porém, faltam políticas públicas que compreendam as necessidades e demandas específicas dos trecheiros, dos andarilhos de estrada e dos outros modos de vida itinerantes (JUSTO *et al.*, 2014). A desfiliação não habita uma zona ou territorialidade, mas acompanha os sujeitos em suas viagens pela errância, itinerância, peregrinação ou nomadismo.

Quando se trata da mobilidade, os pontos a serem percorridos podem ser muito diferentes. Dependerá de como o corpo se move e do que as pessoas fazem quando se movem. A prática da mobilidade não se constitui apenas nisso. Inclui uma rede de narrativas, moralidades e estéticas que entram em contraste com as formas mais mecanizadas de movimento, representadas de modo estereotipado, rígido e repetitivo. Para esse tópico é importante pensar que a mobilidade está relacionada às formas de poder: “Importantly, these forms of

mobility (walking, driving, etc) and these aspects of mobilities (movement, representation, and practice) are political - they are implicated in the production of power and relations of domination”¹⁴ (CRESSWELL, 2010, p.20).

As políticas de mobilidade são associadas à produção e distribuição social de poder, envolvendo uma complexidade de dimensões humanas. A mobilidade é distribuída de maneira desigual, mediante sanções, aprovações, coerções, recursos financeiros, entre outros mecanismos de controle. Alguns podem realizar determinados trajetos, enquanto outros são impedidos, barrados, censurados ou criminalizados. Tudo depende das estratificações e hierarquizações das relações sociais, construídas em torno da mobilidade. Conforme acentua Paul Virilio (1996), no mundo dromológico o poder reside no acesso e controle das mobilidades e velocidades, no campo econômico, político, cultural, subjetivo e em todos os outros; portanto, a disputa por elas é decisiva e é o que, substancialmente, institui relações de dominação e de subalternidade, assim como preconceitos. É o que diferencia um turista de um vagabundo errante, conforme pontua Bauman (1999), ou executivos de grandes empresas, em constantes viagens de negócio, dos imigrantes em busca de trabalho.

3.5.1 Um exemplo sobre a disciplina dos corpos errantes

Não é por não estarem constantemente em ambientes institucionais que os trecheiros não os conheçam bem. Seus corpos também são disciplinados. Mudam o modo de se portar dentro e fora de uma instituição. No estabelecimento assistencial que emite passagens, eles sabem se portar de modo moral, mais polidos, com bons modos para pedir e para sentar. Diferentemente da área externa, onde podem ser da maneira que preferirem. Para fazer a pesquisa, avisamos que começaríamos os acompanhamentos no estabelecimento que emite passagens, onde os trecheiros costumam aparecer. Na primeira vez que fomos fazer a pesquisa de campo, os agentes institucionais acharam que

¹⁴ “Substancialmente, essas formas de mobilidade (caminhar, dirigir, etc.) e esses aspectos de mobilidades (movimento, representação e prática) são políticos - eles estão envolvidos na produção de poder e relações de dominação”. (tradução nossa)

entrevistaríamos os trecheiros, em vez de fazer um acompanhamento de cunho etnográfico. Eles até nos deram uma sala para as entrevistas.

Decidimos verificar o que isso poderia gerar. Começamos uma conversa com os trecheiros que entraram na sala. Eles foram encaminhados pelo agente responsável por emitir as passagens. Todos falavam sobre suas condições de vida sem se ausentarem da sala. Até o momento em que o agente chega na porta e anuncia que o lanche está pronto para eles: um sanduíche com margarina, bolachas e chá mate. Os trecheiros, que estavam conversando sobre assuntos triviais conosco nesse momento, não comiam desde o dia anterior. Mesmo assim, permaneceram parados, sem muitas falas e olhando fixamente para nós quando foi anunciada a comida. No momento não havíamos entendido porque eles permaneceram imóveis e não se levantaram para ir comer. Nós dissemos que eles poderiam ir comer e que a “entrevista” já havia acabado. Imediatamente, todos os quatro se levantaram rapidamente para sair e pegar o lanche.

O fato de não irem de imediato comer assim que o agente anunciou que a comida estava pronta indica o processo de disciplinarização dos seus corpos perante as normas institucionais, conforme vemos em Foucault (1987). Eles compreendem os discursos inseridos portas adentro da instituição. Na visão dos trecheiros, nossa entrevista era um procedimento institucional. Então esperaram a nossa ordem de dispensa para poderem comer. Mesmo não sendo obrigados a passar pela entrevista, temem que se não obedecerem às sugestões do agente, poderão ser prejudicados. Nunca mais usamos a sala para fazer pesquisa. Durante todo o resto da pesquisa campo, saíamos do estabelecimento logo após nos apresentarmos, falávamos sobre a pesquisa e após o aceite, íamos acompanhá-los pela rodoviária, ruas, praças e bares.

3.5.2 Relatos da violência policial

Quando conseguem habitar a cidade sem serem interceptados, costumam fazer do espaço público um território para suas necessidades. Precisam achar lugares para alimentação, banho e descanso. Alguns trecheiros buscam albergues para descansar, enquanto outros costumam dormir em locais

que consideram seguros pela cidade. Estar dentro de um albergue nem sempre é sinal de estarem seguros, assim como indica o depoimento de Flávio sobre os albergues:

Flávio: *A gente estava na fila para comer num albergue. Aí apareceu um cara com um facão e disse: “Não gosto de preto nem de viado!”. E matou o cara que estava na nossa frente na fila. Ele foi libertado da cadeia dois dias depois.*

Mesmo assim, o albergue ainda é um dos locais mais seguros para se dormir. Quando relatam que dormem na rua, alguns deles relembram um antigo ensinamento: “Na rua a gente dorme com um olho aberto e outro fechado”.

Eles enfrentam diversos perigos de violência de ação humana nas ruas. Júlio César tem 30 anos e 10 anos de trecho. Ele estava com um ferimento em volta da parte superior do olho esquerdo. Disse que estava dormindo em um banco e foi acordado por um grupo de skinheads batendo nele. Por ser negro, ele fica exposto a violências causadas pelo racismo.

Júlio César: *Os caras não gostam de preto, então se você encontra um deles, eles vão querer te bater.*

Mas não são apenas ladrões de malas e agressores que os trecheiros temem. Existem diversos casos de violência policial contra eles. Nós encontramos quatro trecheiros, já mencionados anteriormente (3.4), em uma praça quase anexa à rodoviária. Permite-se que nela eles e outras pessoas em situação de rua se deem no banco, fumem, bebam e peçam dinheiro e outras coisas às pessoas que passam por lá, práticas proibidas sobre o solo da rodoviária. Por saber dessa proibição, perguntamos se já sofreram, em qualquer situação, violência policial:

Manoel: *Está vendo essa cicatriz abaixo do joelho? É de acordar tomando cassetete.*

Josias: *Violência é todo dia. Eles têm um celularzinho assim [faz gesto com a mão] com choque. Já tomei spray de pimenta e é cassetete direto, meu. Eles vão lá pra Marília, lá a borracha come solto.*

Manoel: *Ah, em Ourinhos também. Principalmente da guarda.*

Manoel relata que viveu dois anos na Cracolândia; diz que em São Paulo a violência policial é realmente muito maior do que no interior:

Manoel: *Lá eu acordava na bicuda todo dia. Eu dormia ali na porta da estação da Luz. Aí umas 4 da manhã as coisas começavam a funcionar e tinha que sair de lá.*

Em outro dia, também durante o trabalho de campo, encontramos um trecheiro chamado Régis, de 43 anos e 15 anos no trecho. Ele está no trecho por questões de álcool e drogas. Disse-nos que a guarda municipal costuma ser violenta com os trecheiros, enquanto a polícia militar faz uma abordagem pacífica.

Régis: Quem é violenta mesmo com os trecheiros é a Guarda Municipal que já chega batendo e xingando. A Polícia Militar não porque chega averiguando quem são com uma abordagem pacífica e fazendo o trabalho dela. Agora a GM...

Os outros trecheiros que estavam juntos confirmaram o relato e disseram coisas semelhantes. Em um momento, Régis nos disse como foi chamado pela Guarda Municipal:

Régis: *Eles pararam a gente e vieram xingando: “Vocês são um bando de lixo, vou limpar a rua de vocês, seus lixos!”*

A criminalização da pobreza justifica os atos de violência contra os trecheiros: no mundo capitalista, aquele que não tem trabalho é criminalizado (COIMBRA, 2006). A justificativa da violência policial contra certos sujeitos não

é pelo que se fez, mas o que potencialmente pode fazer (FOUCAULT, 1987). Jairo nos afirmou que, pelo fato de ser gago, já foi muitas vezes violentado.

Jairo: *Agora melhorou, não sei se você reparou, mas eu sou gago. E por ser gago já me judiaram muito na rua. Uma vez me enquadraram e ficaram umas duas ou três horas batendo em mim. Eles não chegam batendo em uma classe social que tem dinheiro.*

Em certos casos, equipes de policiais abusam da violência e poder. A agressão já se naturalizou no cotidiano de muitos trecheiros. Eles chegam a achar que é normal serem parados e agredidos:

Michel: *No dia 28 de dezembro, lá em Vitória, eu fui espancado no dia 28 e fiquei lá até o dia primeiro. Os próprios policiais que me agrediram me levaram para o hospital. Chegaram lá, disseram que me encontraram caído na estrada. Mas na verdade, quem me bateu foram eles. Olha aqui (mostrou a cintura), só aqui que eles batem. Demora para sarar, demora meses porque afetou o rim, né? Eu cheguei a mijar sangue por três dias. Fazer o que? É a sua palavra contra a de cinco, seis policiais. Melhor ficar quieto. Eram mais, eram oito ou nove policiais. É normal. Agressão a gente sofre mesmo.*

Para não enfrentar o perigo das agressões, alguns trecheiros preferem dormir em plantações ou matagais próximos aos acostamentos. Rômulo havia dito que, quando chega a um matagal pela noite, sai chutando o local em que vai dormir, dizendo: “sai cobra, sai cobra”, para espantar as coisas que tem por lá. Anderson é outro trecheiro que nos relatou que prefere descansar nos acostamentos do que na cidade. Já teve seus objetos furtados, relatando que os ladrões de trecheiros geralmente são outras pessoas em situação de rua. Por essa questão relata que não dá para dormir direito em uma praça ou espaço aberto. Ele nos mostrou uma marca de faca na perna que levou de uma pessoa em situação de rua que tentou roubar a bolsa dele. Na cabeça, há uma marca grande de um cassetete que levou de um policial gaúcho que, segundo ele, não gostam de paulistas; por isso apanhou desse modo.

Anderson: *Igual em Campo Grande; lá eu levei um pé na cara, eles me expulsaram da cidade. Aí, pra não apanhá, eu dormi na BR.*

Desse modo, a estrada também é um espaço de relativa proteção ao roubo e à violência policial. O trecheiro se protege de certos perigos urbanos que podem ser muito mais violentos do que os perigos da estrada. Perguntamos a ele se ele dorme sempre em estradas. Ele nos disse que se a cidade tem albergue, costuma ficar em um. Reclamou que as pessoas da cidade deram informações falsas para ele sobre onde fica a casa de passagem, o que o fez não a procurar mais. Nos dias que estive nas ruas da cidade, ele pediu comida pelas casas. Em uma delas xingaram-no de vagabundo.

Anderson: *Nessas três casas me chamaram de vagabundo, jogam comida fora para não te dar! É humilhação pra caralho!*

Ele nos relatou que para se proteger do frio usa seu cobertor, bebe cachaça e faz a técnica do fogão, que também serve para cozinhar. Mas para improvisar um fogão, precisaria de álcool, o que ele não tem. Também havia desistido de pedir panelas para fazer sua comida. O frio já o deixou um mês internado com uma pneumonia em Coxim. Ainda assim, prefere ficar à beira da estrada passando frio e com o risco de pegar doenças, pois nas ruas dos centros urbanos pode sofrer com violência policial ou ser violentado por outras pessoas.

3.5.3 Síntese

Procuramos, nesse tópico, expor as formas de violência sofridas pelos trecheiros, as mudanças de rotas obrigadas, as agressões que recebem dos policiais, o controle que é exercido sobre eles e a disciplina institucional. As pesquisas com trecheiros ainda são muito recentes e escassas, do mesmo modo que a violência policial e institucional contra a população em situação de rua ainda é pouco pesquisada e denunciada. Modos de violência que ainda são pouco comentados e até ignorados.

A população que os vê como maus elementos exige sua retirada das ruas. Desse modo, para suprir esse desejo, fazem duas intervenções: albergam a população em situação de rua da própria cidade e despacham aqueles que não são residentes dela para outro lugar qualquer.

O fato de os trecheiros não estarem enclausurados em uma instituição não quer dizer que não sofram violência por meio do Estado. Mesmo que estejam andando aparentemente livres pelas ruas e estradas, isso não quer dizer que estejam livres dos olhos e das intervenções do Estado, do abuso de poder, ou mesmo do sadismo de seus representantes.

3.6 OCUPAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO E SENSAÇÃO DE (IN)SEGURANÇA

Os trecheiros são uma figura estigmatizada quando identificada como parte da população em situação de rua. Quando habitam o espaço público, geram desconforto e medo em diversos indivíduos que passam por eles. Em nossos acompanhamentos etnográficos, vimos que em muitos casos, conforme os trecheiros se aproximavam, algumas pessoas seguravam seus objetos com mais força e/ou se distanciavam deles. Em certa cena, um trecheiro brincou com um homem que passava usando uma camiseta de time de futebol. Esse homem teve uma reação de susto ao olhar para o trecheiro que estava em grupo brincando com ele. Durante diversas vezes presenciamos pessoas trocando de bancos para espaços mais distantes dos lugares em que estavam sentados os trecheiros.

Para Mendonça (2007), o espaço público é onde predomina uma heterogeneidade e nele se constrói, com apoio midiático e governamental, o medo e a desconfiança, associados à violência, que ocorrem no meio urbano. Segundo a mesma autora, as classes mais altas justificam com o medo a segregação de novos espaços público/privado e exigem novas tecnologias de controle/vigilância em ambos. Coimbra (2006) expõe que a elite dominante do século XIX começa a caracterizar a rua e as multidões como sinônimo de perigo. A autora também aponta que a modernização da cidade do Rio de Janeiro no século passado fez das ruas espaços de velocidade para o fluxo laboral. Existe um sentimento às avessas do espaço público. Ele se torna o espaço do perigo, da falta de expressão e do sentimento de enclausuramento. Por não poder

expressar-se livremente, formam as máscaras sociais, a impessoalidade e expectadores passivos do espaço público (SENNETT, 1988). Assim, vai ser no espaço privado que o sujeito vai se sentir seguro e “livre”.

Na cidade da pesquisa, os espaços públicos de maior circulação heterogênea e frequentados por diferentes classes sociais são vigiados com a atividade delegada que consiste em inspecionar esses espaços com patrulhas policiais. Os principais lugares são o cemitério, o principal parque da cidade e a rodoviária. Locais de grande circulação heterogênea e frequentados por todas as classes sociais da cidade. A polícia, que é responsável por fiscalizar e manter a ordem do domínio público e pela proteção do espaço privado, inspecionará em nome da segurança e contra o medo, os trecheiros que estiverem transitando pelos locais, assim como constantemente acontece com Sidney, trecheiro já citado.

Sidney: *Fui parado ontem, fui parado antes de ontem. Ontem eu fui parado em Goiás. Fui no Paraná. Fui parado aqui no Estado de São Paulo. Fui parado no Mato Grosso. Eles cruzaram com você na rua, eles vão te parar. É difícil assim. Eles não são agressivos. Eles vão conversar com você. Falam para colocar a bolsa no chão. Em termo de querer te prender, eles não vão, não. Vão falar “uma boa viagem aí, vai com Deus”. Mas perto de Sorocaba ali tem um posto de gasolina, três vezes passei ali e três vezes fui parado. Guarda municipal é difícil parar. É só polícia que me parou até hoje. Federal. Uma vez fui para Rondonópolis e a polícia me parou dentro do ônibus. Tinha tanta gente, mas foi logo no início. Eu tava de bermuda assim e chinelo, e falou: “deixa eu ver sua bolsa”. Eles depois também não falaram nada. Disseram que é “nossa rotina do dia-a-dia, desculpa aí”. Mas é normal.*

Além das práticas policiais exercidas pela própria polícia, para Augusto (2011), na sociedade de controle, a biopolítica se transforma surgindo novas condutas dos sujeitos em seu campo social, como a figura dos policiais-cidadãos. Em nossa realidade de pesquisa, não é difícil identificar tal conduta em diversos trabalhadores da rodoviária ou da assistência social do local. Em nossos acompanhamentos, por diversas vezes estávamos presentes quando um

funcionário da rodoviária estava abordando trecheiros que estavam sentados na praça ao lado ou mesmo no ambiente rodoviário, dizendo-lhes de modo imperativo que ali é preciso se comportar e que é para que cada um vá até o estabelecimento da assistência social na rodoviária para pegar passagens. Também os proibia de fumar cigarros ou beber nas dependências. De modo similar, o agente institucional responsável pelas emissões de passagens também dava esses tipos de ordem.

Há também em uma das gavetas do estabelecimento um cassetete para caso haja alguma confusão nas dependências. Em nenhum momento vimos o objeto ser usado, porém está presente no estabelecimento como uma prática de vigilância: verificar se não há pessoas que estejam vagando pela rodoviária e seus arredores e tomar as devidas providências diante disso.

Há trecheiros que se apropriam de espaços delimitados com funções específicas, dando novos significados a eles conforme suas necessidades, como o caso de Alexandre. Ele se apropria dos chafarizes das praças para tomar banho:

***Alexandre:** Banho não estou conseguindo tomar, não. Nem chafariz eu acho. Eu tomava banho... Gosto de tomar banho de chafariz. Sabe chafariz, assim? (Risos). Aí eu compro sabonete só pra... Ribeirão Preto... Nossa. Mas a água não era muito boa, não. Polícia do GARRA, policial feroz mesmo, policial que é monstrão. Parou eu, e eu com droga no bolso: “Aí não pode tomar banho não porque aí a água é suja, está entendendo?” Aí eu olhei assim no negócio e vi: “É a GARRA ainda, hein?”*

A ocupação de espaços específicos também está ligada à segurança. Existem muitas histórias de horror sobre pessoas que foram queimadas vivas por grupos que tem algum tipo de preconceito contra a população em situação de rua, pessoas negras ou usuários de drogas. Essas histórias já tão enraizadas na subjetividade dos trecheiros faz com que, para sobreviver, poucos procurem locais totalmente abertos para dormirem. Além disso, existem muitos casos de trecheiros que têm suas bolsas roubadas quando estão dormindo ou muito bêbados. Mas pelo fato de que em albergues e outros abrigos é proibido portar

bebidas alcoólicas, alguns trecheiros preferem ficar nas ruas para poderem beber pela noite antes de dormir. Também há cidades que não possuem albergues ou só aceitam pessoas que sejam do próprio local. Se de alguma forma não usam esses abrigos, apropriam-se de espaços públicos para dormirem. Cada trecheiro busca seus espaços de preferência dentro da cidade que estão.

Osiel: *Você anda 24 horas, às vezes seu corpo não vai aguentar. Mas você tem mais acesso e informações do que o próprio morador da própria cidade. Por quê? Porque você está 24 horas. Tem medo de deitar, tem hora. Você não sabe se alguém vai chegar e vai te atacar fogo ou vai te dar uma paulada na cabeça. Isso traz o medo em cima de quem corre o trecho. Essa parte é de qualquer um. Portanto, cada um procura a sua segurança para dormir. Ele procura a dele. Onde eu vou dormir é um lugar que é excesso de gente, porque se for correr um perigo alguém vai ver.*

Nós: *Essa é a sua estratégia para dormir?*

Osiel: *Não só a minha, mas a dele e a de várias pessoas que fazem o trecho. Quer deitar em um lugar onde tem movimento porque você está correndo menos risco. É ou não é?*

Rodrigo: *Ah, eu não penso assim, não. Eu deito em qualquer lugar. Eu não penso assim, não. Se for para morrer, vai morrer, em qualquer lugar. Não adianta você correr, tá ligado? Se morrer ou matar também. Porque já tamo dormindo em cima de uma pedra e você não faz nada demais pra ninguém, você não tira ninguém e agora vem folgado? Aqui cola muito folgado que vem folgar aqui.*

Há modos diferentes de se conseguir abrigo, como exemplificado no trecho acima. Há trecheiros que procuram ser bem informados sobre onde possa existir seu tipo de espaço preferido para se abrigar, como há também casos em que não se importam muito qual o melhor lugar para se abrigar, mesmo sabendo que correm algum risco maior neles.

Um dos trecheiros nos disse que o melhor lugar para dormir protegido é a igreja, pois não há muitas pessoas que fazem algo contra alguém que dormem

embaixo de uma. De certa forma, há um peso simbólico proporcionado pela religiosidade entre os que fariam algum mal a eles e aqueles que dormem embaixo dela buscando proteção. Wilson, que já foi citado anteriormente (3.3.3) relatou que se apropria das fachadas de hospitais por serem bem vigiadas. Ele pergunta para o segurança se pode se sentar logo em frente. Geralmente lhe é permitido, desde que não deite no local.

***Wilson:** Tem vez que fico em terminal rodoviário, vejo se não tem nenhum perigo. Já fiquei em hospital. Melhor que tem é hospital. No sentido de segurança. Já fiquei em hospital sentado no banco, na portaria. Na frente de setor de emergência. Converso com o guarda e ele deixa. Não pode deitar, mas dizem que se quiser ficar sentado, pode ficar sentado... vendo televisão... Já aconteceu isso comigo. No sentido de segurança, né? Porque eu tô todo documentado.*

Como está longe de haver políticas sociais reais para pessoas que estão no trecho, para além da distribuição de passagens despachando-as para outra cidade qualquer, que irá repetir esse mesmo procedimento, os trecheiros necessitam da ocupação do espaço público para descansar, se divertir, tratar da saúde, entre outras atividades.

As prefeituras das grandes cidades estão modificando o chão debaixo das pontes e viadutos, colocando pisos ásperos e pontiagudos para que não haja a instalação de nenhum abrigo sob eles. A vigilância de certos espaços foi aumentada, não apenas para a segurança dos que transitam, mas também para a homogeneização das pessoas que estão no local, excluindo os estigmatizados e dando a sensação de segurança para as classes mais altas. Os espaços estão sendo gentrificados, fazendo remoção de pessoas em situação de rua dos locais, aumentando o preço dos produtos que estão à venda nos espaços e fortalecendo segregações.

Assim, existe uma tensão entre a ocupação do espaço público necessária para a sobrevivência dos trecheiros e a remoção e hostilização deles por meio de práticas de gentrificação, privatização de espaços e violência e intolerância contra os mesmos.

3.7 DIAS DE NINGUÉM: MUDANÇAS POLÍTICAS E CLIMÁTICAS, MUDANÇAS DE ROTAS

Como já vimos, a informação circula entre trecheiros, pardais e pessoas em situação de rua fixas. As informações sobre as políticas de assistência social, acolhimentos, albergues, casas de passagem, Centro POP, passagens de ônibus, lugares para trabalhar, entre outras. Por diversos dias fomos até a rodoviária e voltamos sem êxito de encontrar trecheiros no local ou em seus arredores. Poderia ser alguma questão climática ou política. Alguma nova política municipal sobre passagens ou estadia já poderia fazer com que os trecheiros não aparecessem na cidade da pesquisa.

Esses dias sem achar ninguém nos serviram como alisadores. Até mesmo os dias que fomos para o campo e não relatamos em diário por não termos tido êxito em encontrar trecheiros são importantes para a pesquisa. Podemos, assim, analisar como as políticas locais modificam suas caminhadas e também como expõem a relação entre os trecheiros com o trecho e com os ambientes pelos quais passam. Certas decisões de ficar mais tempo em determinado local ou o impedimento de continuar o trecho dependem das condições climáticas, das épocas de colheitas e das dificuldades de se instalarem em outras cidades. Sair do Sul e ir para o Nordeste pode ser uma questão de sobrevivência contra o frio. Na decisão de ir para outro local também são levadas em conta as políticas de acolhimento que as cidades têm.

No caso da cidade da pesquisa, boa parte das pessoas que pegam passagens no estabelecimento não são trecheiros, mas por conta de alguma situação específica, acabam precisando pegar passagens no estabelecimento. Ultimamente, há ordens para que não sejam dadas passagens para qualquer pessoa da região que simplesmente peça, porém por diversos motivos imprevisíveis é preciso ceder as passagens. Também não há como conceder passagens para aqueles que já as conseguiram na cidade há menos de um ano, um dos motivos pelos quais muitos trecheiros que já passaram pela cidade não retornam com tanta facilidade. Nos tópicos abaixo estão listados os principais motivos pelos quais os trecheiros deixaram de ir até a cidade pesquisada.

3.7.1 Inverno, tempos de estiagem e falta de albergues

No inverno, alguns trecheiros ficam maior tempo em albergues ou vão para zonas mais quentes em busca de trabalho. Não passam pela cidade da pesquisa porque nela não há serviços que os acolham de modo regular. Os tempos de inverno com dias de frio mais rigoroso fez o estabelecimento ficar muito vazio.

3.7.2 Períodos de entressafras

Em situação semelhante à questão do inverno, muitos trecheiros não vêm para os arredores da cidade porque não é época de colheitas em que possam trabalhar. Isso faz com que a passagem deles na região diminua.

3.7.3 Estabelecimento fechado

Em alguns dias, o estabelecimento acaba ficando fechado. Isso ocorre porque há apenas um funcionário trabalhando no estabelecimento, e não há nenhum substituto caso ele precise faltar ou ser remanejado para um serviço temporário. Periodicamente, havia um aviso colado na porta trancada do estabelecimento. Nele estava escrito para procurar o guichê da rodoviária. Com o estabelecimento fechado, um funcionário da rodoviária no guichê ou mesmo a polícia militar pode acabar por prescrever a passagem; porém, isso ocorre de modo arbitrário e esporádico. Há também relatos de desprezo por parte dos funcionários da rodoviária que foram consultados por itinerantes que precisavam de passagens. Quando um trecheiro percebe que desembarcou na cidade sem chances de viajar, sai da rodoviária e procura algum lugar longe para ficar. Isso faz com que não encontremos os trecheiros por conta de o estabelecimento estar fechado, não sendo possível saber para onde foram. Às vezes, chega a continuar seu destino a pé. O próprio estabelecimento de acolhimento de população em situação de rua da cidade raramente acolhe trecheiros, fazendo tal ato em situações arbitrárias por parte dos agentes institucionais. Por esse motivo, no estabelecimento de acolhimento raramente havia trecheiros.

3.7.4 Falta de passagens, cortes orçamentários

Vários dias quaisquer, alguns com sol, outros com chuva. Dias frios, nublados ou mesmo cheios de névoa. Dias em que o frio mostrava o ar quente que saía pela boca, ou dias cujo calor fazia o suor pingar do rosto sem fazer esforço algum. Ninguém. Não importava o clima, favorável ou não, nenhum trecheiro aparecia quando não havia passagens. Trecheiros que desembarcaram na cidade tiveram que continuar o trecho a pé. Chegando em outros municípios, eles informavam outros trecheiros para não viajarem para a cidade da pesquisa porque ela não estava emitindo passagens. Esse fator fez com que os trecheiros não escolhessem a cidade pesquisada como rota de passagem para seus destinos.

A falta de passagens ocorria devido ao corte orçamentário do município. As passagens para cidades como Londrina (PR), Sertanópolis (PR), Presidente Prudente (SP) e Ourinhos (SP) foram cortadas, sobrando apenas passagens para Marília (SP) e Paraguaçu Paulista (SP). Apenas as passagens para Ourinhos voltaram a ser emitidas. Todos os trecheiros que passavam pela cidade e acabavam por ter que pegar passagens para locais que não desejavam ou acabavam indo a pé para outras cidades já avisavam outros trecheiros e demais itinerantes sobre essa condição da cidade. Isso faz com que a informação se reverbere e acaba afastando as possibilidades de muitos trecheiros escolherem a cidade como rota ou caminho para seus destinos.

Por fim, podemos ter clareza de que muitas questões institucionais e políticas da cidade, como o fato de não ter albergues, não ter passagens para certas localidades, estar com o estabelecimento fechado por conta da falta de funcionários e outros fatores fizeram com que cada vez menos aparecessem trecheiros na cidade. Nesse sentido, percebemos que a informação entre os trecheiros e outros itinerantes circula rapidamente.

3.8 OUTROS MODOS DE VIVER NO TRECHO

Neste tópico, achamos necessário fazer uma breve explanação sobre outras formas de viver no trecho que encontramos durante a pesquisa. São modos de vida que também estão no trecho, porém de modo diferente do

trecheiro. São sujeitos que também convivem, interagem e têm sociabilidade com os trecheiros. Muitas vezes, até fazem o trecho junto a eles.

3.8.1 Andarilhos

Brognoli (1996) não faz a distinção entre andarilhos e trecheiros, sendo vistos como sinônimos. Porém, trecheiros e andarilhos são modos de vida no trecho totalmente diferentes. Como já apresentado anteriormente, trecheiros possuem maior contato com a cidade e constantemente estão em instituições da assistência social (NASCIMENTO; JUSTO; FRANÇA, 2009). A institucionalização é um ponto muito importante da diferença entre os trecheiros e andarilhos. Os trecheiros passam por instituições da assistência social. Eles viajam de ônibus com passagens conseguidas em estabelecimentos da assistência social ou mesmo com o próprio dinheiro. Há relatos de trecheiros que andam de bicicleta ou mesmo de trem para fazer seus movimentos errantes. Enquanto os andarilhos sempre andam a pé pelos acostamentos das rodovias. Mal entram na zona urbana das cidades.

Também já foi exposto que o termo “trecheiro” é uma identidade êmica, eles se autodenominam “trecheiros”. Os andarilhos não. A exemplo disso, temos o caso resumido do nosso encontro com o Pai Natureza. Ele não se autodenomina “andarilho”, ele é o Pai da Natureza.

Nosso orientador havia entrevistado duas vezes esse andarilho de estrada que estava aos arredores da cidade e nos disse para acompanhá-lo. Saímos da rodoviária e pegamos a rodovia Raposo Tavares, nas redondezas da região. Encontramos ele, Pai Natureza, no caminho. Puxava uma carreta, semelhante àquelas engatadas em carros, fechada com lonas e telhas de metal, além de outros carrinhos de descarregar caixas. Ele carregava os três a pé e apenas com sua força motora. Todas as coisas que ele tem foram pintadas de verde, como explica mais abaixo, por conta da sua relação com a natureza. Dentro do carrinho havia diversos objetos, entre eles, uma bicicleta, panela de pressão, potes, mantimentos, comida pronta, botas, chinelos, sapatos, roupas, etc. Tinha também um botijão de gás, lonas, telas contra mosquitos e um guarda-

sol preso ao próprio carrinho. Estava com um chapéu e casaco. Todos os seus objetos eram pintados de verde, seja com guache, esmalte ou mesmo tinta para paredes.

Assim que o cumprimentamos e nosso orientador nos apresentou, Pai Natureza relatou que estava com problemas em um dos seus carrinhos, aquele que em empresas serve para transportar caixas de engradados. Nossa conversa com ele foi muito longa. Resolvemos aqui retratar o momento em que ele explica como se tornou o Pai Natureza.

Nós: *Pai, quando você virou o Pai Natureza?*

Pai Natureza: *Meu patrão. O Pai Natureza... quando nasci. Quando nasci, eu já tinha o dom da floresta. Floresta é uma coisa nativa. Uma coisa que a pessoa já trouxe o dom. Então eu já conhecia a floresta, já tinha o dom da floresta. Aí quer dizer que me casei, mas antes de eu me casar já tinha um dom da floresta. Você está me entendendo, né? Quer dizer que eu possuí família, mas antes de começar já tinha um dom. Eu já tinha um dom. Dom é uma coisa que já nasceu, já trouxe. O dom da floresta é o mesmo que ter o dom da virgem. Mata virgem que fação nunca entrou. Mata. Tem mata que é natureza, né? Como Amazonas. Foi o lugar que eu vi mais floresta foi o Amazonas. Eu andei dez dias por água e lancha e navio. Dormia e acordava, era Amazônia. Amazônia é mato e água. Que lá é proibido, né? Proibido pelos moradores, fazendeiros, desmatar. E navio. Me deram passe. Gastei 10 dias. Saltei em Belém do Pará. Aí em Belém, capital, me filmaram como está filmando aí. E aí quer dizer que atravessei toda a América. Demorei 10 anos para atravessar. E da Bahia pra cá eu estou com um ano e dez meses. É mais dias né, que vem de lá pra cá. Com essa cargueira (o carrinho dele). Foi até a fronteira. Aqui de São Paulo com Mato Grosso. Mas o encostamento lá não tem condições. Ele é meio estreito, né? E com isso aí ia engarrafar o trânsito. Você tá vendo que o acostamento é largo e com isso o acostamento estreito não tem condições, não é? Então quer dizer que é uma coisa que todo mundo vê que não é fácil, uma pessoa levar uma prova dessas como eu vou levando aí. Que é uma coisa histórica. Coisa que teve começo, que teve sentido as coisas.*

Então teve isso aí, toda a América puxando. Eu fui acidentado também. Eu ia para Brasília, o carro bateu na minha charreta, e aí eu fui internado, e aí depois eu retornei à Bahia novamente. Mas chegando lá eu perdi tudo o que eu tinha e eu tive que sair porque não tinha prova de pai, de mãe, de avô, de avó e eu atravessei toda a América, e isso mexeu com muitas coisas porque um... Eu tenho um parente que nasceu lá e não conhece nem a Bahia. E aí quer dizer que eu tive que sair para ter prova do que eu fiz, né? Das coisas que eu pratiquei, do que eu... onde eu passei... que eu trabalhava lá com turismo e igreja. Igreja é uma coisa da... da... igreja evangélica... minha mãe é da Assembleia de Deus. Eu ia na igreja e ia nas praias. Porque a família era minha, e com a família a pessoa vai em qualquer lugar, né? Aí quer dizer que eu ia na praia e também na igreja. Então quer dizer que eu ia apresentando aí uma... turismo. Como olha ali é a prova da mais velha e das mais novas. Porque teve começa. Fala Brasil, começa... que começou, né? Quer dizer que teve início das coisas no princípio. Aí, quer dizer, quem se formou, quem praticou, quer dizer que viu. Porque quer dizer que o negócio é praticar, né? Então, quem não praticou também não sabe. Porque ficava no empate. Duas filhas ficam no empate e dois filhos também ficam no empate. Aí quer dizer que fala Brasil começo porque iniciou, que teve o início das coisas, né? O início. Quer dizer que é essa estrada aí que está passando milhares de carros, carrona, né. Porque tinha a prova dele e dela, e não para onde tem escola. Porque escola... porque ele quer aprender a dirigir e ela também quer. Dá um carro zerado a ela e não sabe dirigir, que escola? Para aprender. Aprender a dirigir. Então, todo mundo (que) nasceu, merece. Merece, né? Merece andar, merece acreditar, merece das coisas porque você vê que a Lua alumia tudo as coisas, a Sola também, né? As estrelas. Então a cela é uma coisa da natureza. Você olha para o céu e você vê aí as cores, né?... e mistura as nuvens, branca, azul e tem cores morena... e aí mistura. Porque isso aí é natureza. É uma coisa que tinha...

Em certo momento, um carro da concessionária foi parando ao nosso lado porque viu pelas câmeras da estrada que havíamos parado o Pai Natureza

para conversar. Queria saber o que estava acontecendo. O nosso orientador foi conversar com ele.

Continuamos a conversar com ele. Pai Natureza nos mostrou os detalhes de seu carrinho, principalmente as fotos laterais que continham crianças ao lado de mulheres para simbolizar o nascimento e o ato de crescer da natureza. Quando o nosso orientador voltou da conversa com o agente da concessionária, nós ajudamos o Pai Natureza a carregar seus carrinhos até o topo da subida da estrada. Despedimo-nos e fomos embora.

3.8.2 Pardais

Já vimos que os pardais são procurados pelos trecheiros para passar informações sobre a cidade e seus acontecimentos (JUSTO, 2012). Eles recebem esse nome da própria população em situação de rua porque costumam ir para outras cidades, mas não se distanciam muito de “seus ninhos” (BROGNOLI, 1996). Ou seja, não vão para muito longe de suas cidades e sempre que possível retornam a ela. Vimos em outro tópico (3.4.4) que Manoel é um trecheiro, mas quando chega em Marília, ele se autodenomina “pardal” por conhecer bem a cidade. Ao longo de outros momentos, há diversas queixas de trecheiros sobre os tais pardais, seja por furto ou mesmo por ocuparem lugares em casas de passagens que poderiam ser deles.

Nós conhecemos Jonas. Ele não tinha a que recorrer. Saiu de sua cidade, nas proximidades da cidade. Usuário de cocaína e crack, ele fugiu para procurar ajuda. Dormiu em uma praça. Foi acordado por alguém que à princípio era estranho, não havia como não ter desconfiança. Ele apenas disse que acredita em Deus. O homem chamou-o para sua casa. Era um pastor. Ele lhe ofereceu estadia, comida, a possibilidade de tomar um banho e um sofá para dormir naquele dia. No dia seguinte levou-o para a rodoviária para voltar a sua cidade. Uma ação que ele não queria tomar por agora porque precisava que “as coisas esfriassem um pouco”. Mas de modo algum ele quer voltar para lá. Também não pôde ficar porque a cidade da pesquisa não se acolhe pessoas de outros lugares.

Agora ele conversa conosco sobre sua condição. Ele tem duas possibilidades: ir para Londrina (PR) ou para Ourinhos (SP). Ambas as cidades poderiam acolhê-lo. Ele resolve ir a Londrina por ser mais longe da cidade dele. Diz crer muito em Deus e que vai largar todas as substâncias que usa. Chegando em seu destino, seu futuro é incerto, mal sabe o que encontrará. Talvez procure um albergue que lhe indicaram. Mesmo tendo vergonha de pedir qualquer tipo de ajuda, ainda assim, ele repete constantemente a frase: “Eu creio em Deus”. Quer passar por algumas cidades, esperar “a poeira baixar” em sua cidade e voltar para lá.

3.8.3 Mochileiros

Os mochileiros são figuras que também estão no trecho. Em certos momentos, nós víamos alguns deles pedindo passagens no estabelecimento da assistência social para economizar algum dinheiro. Segundo a definição de Falcão (2016, p.84):

Mochileiro é um viajante. Com diferentes graus de intensidade, esses sujeitos se conectam com um quadro de referência do “ser mochileiro”, por uma questão de filosofia, de identidade, de sentimento de pertença ou sentimentos de valores comuns como: liberdade, aventura, desejo de ir além, experiência de alteridade, etc.

Conhecemos um mochileiro que foi pegar passagens no estabelecimento da assistência social na rodoviária. Ele mostrou no mapa para o funcionário todos os lugares pelos quais passou. Quando saímos, encontramos ele indo embora e resolvemos puxar assunto. Falamos sobre a pesquisa. Nós subimos a avenida conversando e fomos até o centro.

Carlos é um mochileiro que quer ir até a Argentina vendendo artesanatos e pedindo passagens na assistência social das cidades que passa. Ele se considera mochileiro. Ele nos disse que para estar no trecho é preciso ter um objetivo, senão acaba se perdendo.

Carlos: *Olha cara, no trecho tem que ter um objetivo traçado. Caso contrário, você acaba se perdendo. Eu quero dar um pulo na Argentina*

e depois voltar para Botucatu. Você vê esses caras aí que estão no trecho, não tem perspectiva de nada. Eles não têm um caminho traçado, por isso ficam para sempre perdidos no trecho. Sempre tem um que chama pra usar alguma droga e eu finjo que vou, mas não vou. Eu não ando com eles.

Ele tinha uma loja de xerox em Botucatu, uma namorada e cursava direito. Largou tudo para andar e conhecer o Brasil. Colocou sua casa em São Paulo para alugar e assim vai fazendo renda com ela. Pretende parar o trecho quando chegar a época de vestibular e prestar História, curso que passou ano passado em uma universidade pública, porém se esqueceu do prazo de matrícula. Guarda todos os seus pertences em guarda-volumes para conseguir andar livremente e para poder ficar despreocupado com roubos no trecho. Não há muito tempo que estava no Rio Grande do Sul, onde quase morreu de frio, mas lhe ensinaram a mesma técnica da latinha: cortou uma lata ao meio, um pedaço de pano e álcool. Ele precisava ir ao banco, mas não conhecia nada da cidade. Fomos com ele até o centro levá-lo ao banco. Pelo caminho, ele achou uma grande pena no chão e a guardou para um futuro artesanato. Ele passou pela cidade da pesquisa porque tem amigos que o alojaram. Descobrimos que temos amigos em comum. Antes de nos despedirmos, ele passou seu Facebook e nos deu uma dica:

Carlos: *Pega pelo menos uma semana de trecho para ver como é. Aí você acampa em algum lugar. Só pra você ver como é que é.*

3.8.4 Malucos de BR

Não é difícil encontrar um “maluco” em uma rodoviária ou pelas praças centrais de uma cidade. Eles estão constantemente vendendo seus artesanatos enquanto fazem outros. Eles se diferenciam dos mochileiros porque estes viajam esporadicamente procurando aventurar-se, retornando a suas cidades de origens. Não costumam carregar renda no trecho. Por outro lado, os “malucos” levam um estilo de vida de viagens e se sustentam com a fabricação de artesanatos.

Espalhados em feiras de artesanato, nas ruas, em portas de bares, os herdeiros do movimento *hippie* norte-americano – que protestou contra a guerra do Vietnã e suplicou por paz e amor – dispensaram a ideologia e ficaram apenas com a sobrevivência através da arte. “Micróbios”, “artesãos”, “malucos” ou “BR”, como se intitulam; não possuem moradia fixa, viajam para todos os cantos do país e atestam que o “movimento *hippie* morreu”.

As influências permanecem: são contrários ao estilo de vida *yuppie*, que caracteriza jovens de 20 a 40 anos recém-formados em uma busca incessante pela ascensão na carreira e a bens de consumo. Não suportam hierarquias e regras do mercado de trabalho formal – principal motivo da escolha de um modo de vida alternativo. (FIALHO, DUARTE, 2012, p.08)

Kleitton está de passagem pela cidade com uma enorme mochila nas costas. Ele vende suas pulseiras e colares em um painel que carrega consigo. Pretende ir até a capital para comprar mais matéria-prima para fazer seus produtos, assim que a sua estiver acabando. Ele usa boa parte de seus recursos para percorrer cidades. Em sua estadia na cidade atual, ele está vendendo suas mercadorias em um ponto de vendas no centro, em uma calçada que há um bom tempo já foi tomada para “malucos” venderem seus produtos. Pretende ficar mais um mês em Assis e ir para a capital logo em seguida.

3.8.5 Travestis

Já havíamos encontrado uma travesti no trecho fazendo movimento errante em um de nossos trabalhos anteriores (JUSTO et al, 2014). Travestis podem ser definidas como

peçoas que se identificam com a imagem e estilo feminino, que desejam e se apropriam de indumentárias e adereços de sua estética, realizam com frequência a transformação de seus corpos através da ingestão de hormônios e/ou da aplicação de silicone industrial, assim como pelas cirurgias de correção estética e de próteses, o que lhes permitem se situar dentro de uma condição agradável de bem estar bio-psico-social (PERES, 2007, p.04).

Certa manhã, a UAM recebeu o pedido de obter passagem diretamente para a terra natal a um jovem que cumpriu pena no município da pesquisa. Conversamos informalmente sobre o dia, o clima e televisão. André tem 20 anos e voltará a morar em São José dos Campos. Em um certo momento, André olhou para fora do estabelecimento com um ar de desconfiança. Ele fechou a cara e ficou olhando fixamente para fora, até soltar um “eu hein, vixe...”.

Retiramo-nos para ver quem ele estava olhando lá fora. Era um grupo de quatro pessoas que estão há um mês viajando juntos. Duas travestis e dois trecheiros. Conversamos com eles sobre a pesquisa, dissemos que não é nada além de uma conversa informal. Sheila era uma travesti que estava em uma cadeira de rodas; era ajudada pela sua amiga Bruna. Ela quebrou a perna e está indo a Barretos (SP) em uma consulta ao médico. Sheila se aproximou do estabelecimento e pediu um café. Nós dissemos que não havia café, mas tinha chá mate. Todo o grupo aceitou. Quando voltamos, perguntamos seus nomes. Quando perguntamos os seus nomes, Sheila se apresentou com o nome de registro e também falou o nome registro de sua amiga, enquanto esta estava vendo as roupas no varal solidário da rodoviária. Perguntamos sobre o nome social. Ela não sabia responder. Elas não reconheciam nem ao menos o direito que têm perante a lei de poder usar o nome social.

Sheila: *Eu sou o João Carlos e aquela é o Lucas.*

Nós: *E o nome social de vocês?*

Sheila: *Como assim?*

Nós: *Nome social é o nome que você gosta de ser chamada, o nome que você se identifica.*

Sheila: *Ah sim! Eu sou a Sheila e ela ali é a Bruna.*

Ela me relatou que está há um bom tempo viajando de cidade em cidade junto a Bruna.

Sheila: *Estou há doze anos nesse sofrimento, há pelo menos dez viajando. Aqui nesse sofrimento... Bruna está nessa há dois anos a mais do que eu. Já passei por cada coisa nesse sofrimento que, olha... eu quase fui para a Espanha, só não deu certo porque eu estava com uns problemas de justiça.*

Bruna chegou perto junto com Raulzito, um dos trecheiros. Deve ser o segundo ou terceiro Raulzito que vemos passar por ali. Eles pedem licença para nós e saem para fumar um cigarro em um espaço mais aberto. Não cheguei a conversar com Raulzito. O grupo foi embora assim que terminaram de fumar.

3.8.6 Síntese

Os modos de vida, cujo cerne do processo de subjetivação está na mobilidade, ainda são pouco estudados pelas ciências humanas. Existem diversas formas de existência baseadas na mobilidade. As que apresentamos são apenas as encontradas em nossa pesquisa, e costumam interagir e viver diversos momentos juntos aos trecheiros. Além da questão da mobilidade, os modos de vida encontrados durante a pesquisa também ocupam espaços, compartilhando os mesmos ambientes pelos quais os trecheiros transitam e fazem estratégias no trecho de acordo com seus objetivos.

3.9 Entre viver e sobreviver

O diálogo abaixo apresenta uma síntese de alguns assuntos discutidos nos outros capítulos. Retrata a vida de um trecheiro e sua interação com os caminhos do trecho. O diálogo mostra desde sua passagem por diversas instituições e violências sofridas até suas estratégias de sobrevivência e ocupação do espaço público. Logo no começo de suas palavras, percebemos uma das principais características dos trecheiros: a errância ou o caminhar sem rumo. Ao longo do diálogo são expostos a nós os diversos problemas que enfrenta para conseguir viajar no trecho: os fenômenos climáticos, os roubos, a violência policial, a exploração do trabalho, as doenças, a drogadição, o alcoolismo e o estigma causado pelos outros sujeitos da cidade. Mesmo entre todas as adversidades, mostra que ainda consegue manter bom humor e cantar.

No dia em que o encontramos, chegamos na rodoviária e a UAM estava fechada. Demos uma volta pela rodoviária para ver se havia alguém esperando-a abrir. Também não achamos ninguém até que o trabalhador do estabelecimento chegou. Entramos e conversamos sobre o final de semana. Ele foi fazer chá e aproveitou para fazer a barba. Achávamos que ninguém apareceria logo pela manhã, mas um homem entrou querendo passagens e um banho. Seu nome era Alexandre. Apesar de ter 48 anos de idade, ele aparentava ter mais de 60 anos. Ele nos relatou como às vezes fica dias sem conseguir usar um banheiro, evacuando na rua mesmo, no asfalto. Ele aceitou participar da

pesquisa e cumpriu com todos os documentos legais para tanto. Perguntamos se poderíamos não alterar o nome dele na pesquisa porque o fato dele ser homônimo do autor da pesquisa contribuiu para o desenvolvimento do diálogo. Ele fez questão de colocar seu nome sem alteração para ser como o de seu “xará”. Ele começou a falar sobre a questão do banheiro.

Alexandre: *Preciso tomar um banho, trocar de roupa e usar a cabeça.*

Nós: *Seu nome é Alexandre, né? 48 anos. Você está indo para onde?*

Alexandre: *Então, não tem um destino. Por escolha própria, eu escolhi a solidão. Não tem um destino assim. Por enquanto aqui está favorável, não mexi nada de ninguém, não roubei nada de ninguém. Se a polícia parar eu, pode parar, que é para proteger. Estou limpo, está entendendo? Estou solto, graças a Deus. Saí dia 30 de setembro de 2015. Cinco anos e quatro no fechado. Aí eu ficava pensando: “tem que dar valor pra vida”.*

Nós: *Faz um ano então que você saiu do fechado?*

Alexandre: *Eu fiquei em Araraquara, mas passei em Bauru, Jardinópolis...*

Nós: *Quanto tempo de trecho? Um ano?*

Alexandre: *Não, desde 2007. É que eu estava em Campinas, fui em Bauru, São Carlos... Daqui há pouco eu vou embora daqui, até achar uma oportunidade. Não foi você que me falou de oportunidade, né? Um cara me falou de oportunidade, e eu falei: “Esse cara tá certo”, eu vou atrás das oportunidades. Aí eu...*

Mudamos de espaço porque estava muito barulho no local e pedimos para ele pegar uma passagem e conferir a cidade para onde viajaria para podermos continuar nossa conversa. Ele começou a conversar com um funcionário da rodoviária sobre a sabedoria dos cabelos brancos. Ele disse que os funcionários que têm os cabelos brancos são sábios, que provavelmente sabem quando alguém está “metendo o louco” e quem não está.

Alexandre: *Eu li uma frase ali, ó: “Nem tudo o que eu vejo, eu acredito!”, pixado. Aí eu não entendi nada, se eu estou vendo não vou acreditar*

(risos). É verdade! Está escrito bem ali em baixo. Mas você não tá vendo? Mas tem a ilusão de ótica, né? É... o bagulho é loucão, se você for aprofundar mesmo.

Nós fomos pegar um copo de chá e trouxemos um para ele também. Tomou um pouco, apesar de estar com fome e sem comer nada. Durante nossa conversa, ele tirou um corote e ficou tomando.

Alexandre: *Que mapa é esse aí?*

Nós: *Mapa de São Paulo.*

Alexandre: *Tem tudo as cidades aí?*

Nós: *De São Paulo (risos).*

Alexandre: *É bom você sair do estado porque seu nome não está no estado. Tem estado que tem que ter o PCC, sabe? Tem estado que não tem. Tem que ter disciplina. Disciplina, esses bagulho. Tem lugar que não tem [PCC] ... É terra sem lei. Tipo o Mato Grosso. Os caras... Mato Grosso é terra sem lei. Eu queria ir em Corumbá. Pegar um torrinho ali. Olha, eu faço dinheiro, viu? Mas Mato Grosso, sabe o que o cara falou pra mim? Que vem uns caras de carrão bonito assim, sabe? Você tá na rua, você tá na praça, bebendo uma pinga né. Os caras veem que você tá na rua. “Não sei o quê, não sei o quê... vamos lá, vamos lá”. Te leva você... trabalho escravo depois. No outro dia o cara falou isso, não sei se é verdade, já com a carabina aponta: “Vamo, vamo, vamo” para trabalhar. Aí você fala: “Mas...” Aí os caras obrigam você. Como vai fugir de lá? Fuga de cadeia os caras foge, porque é zé polvilho, é polícia né? Mas ladrão quando faz os bagulho e pá, você não foge.*

Nós: *Você é xará, sou Alexandre também.*

Alexandre: *Aou! Verdade? Você não tem trinta anos? Quantos anos você tem, sem maldade?*

Nós: *Vinte e cinco.*

Alexandre: *Igual o Eduardo, um cara da hora que eu conheci. Um cara da hora que estava conversando comigo, é nois meu!*

[Ele estendeu a mão e me cumprimentou.]

Nós: *Por que você foi para o trecho?*

Alexandre: Nossa, vou falar para você ó. Eu nasci lá na maternidade do Butantã, mas minha mãe era de Ferraz de Vasconcelos e trabalhava em uma casa de família, mas ela não pôde criar eu. Aí teve um momento que o cara era casado, entendeu? O cara casado [o progenitor]. “Eu levo ele então”. Para não perder eu, segundo a palavra dela, ela me deu para meus avós. Aí eu comecei a chamar meu vô de “pai”, minha vó de “mãe”, minhas sete tias de “irmã”, meus três tios de “irmão”. Era minha família. Mas teve um desacerto aí que eu comecei com a droga muito cedo, 14 anos. Já estava loucão. Bebida, comprimido. Aí, com 17 anos comecei a ir pra Ubatuba. Sabe Ubatuba, litoral norte? Perto de Caraguatatuba. Sabe onde é, né? Aí você pega ali para Parati, que é perto ali. Aí eu desandei, desandei de uma forma que... que parecia... sabe cocaína na veia, não tinha o crack, sabe como a gente fazia o crack? Pegava uma colher, pegava bicarbonato, cocaína e criava as cascas. Não chamava de nória, era casqueiro. Que hora que é agora? Meu ônibus sai dez horas, né?

Nós: Agora são 9:25. Isso, às 10:00. Alexandre, poderia falar de novo sobre aquela questão de saneamento, sobre o banheiro.

Alexandre: Você tá na rua, você tá num bairro. Não tem como. No centro tem mais oportunidades, tem posto, né? Se for de dia. Mas se for de madrugada... Porque banho não estou conseguindo tomar, não. Nem chafariz eu acho. Eu tomava banho... Gosto de tomar banho de chafariz. Sabe chafariz assim? (risos). Aí eu compro sabonete só pra... Ribeirão Preto... Nossa... Mas a água não era muito boa, não. Polícia do GARRA, policial feroz mesmo, policial que é monstrão. Parou eu e eu com droga no bolso: “Aí não pode tomar banho não porque aí a água é suja”, tá entendendo? Aí eu olhei assim no negócio e vi “é a GARRA ainda, hein?” Já fui em delegacia com droga no bolso e o cara não pegou (risos). É sorte, é sorte. Se é pra pegar, é pra pegar, entendeu?

Nós: Alexandre, você já sofreu violência policial?

Alexandre: Nossa, eu fiquei uma semana uma vez aqui. O cara só batia no meu peito só, no mato. Primeiro ele deu rasteira algemado para trás. Só batia no peito, no peito, no peito, no peito. Era um PM. Eu não sei quem que é os caras. Tem uns caras que trabalha, que é de família,

entendeu? Mas tem uns caras que é virado, só que eles entrou pra polícia. Gente que é ladrão. Não sei de que jeito. Você não vê quantos polícia tá sendo preso? Você não vê? Se você for pensar, o bagulho é loução. Eu olhei na televisão e o cara tava lá no Senado. No Senado? O cara tava dirigindo o bando, agora ele tá preso. Cunha, não sei o que Cunha. Fernando Cunha? Ele tava dirigindo... não consigo suportar. Tudo tava na mão dele e o cara tá preso. Máscara, o que é isso? É ambição. Medo. Tem uma experiência que eu vou falar para você. 25 dias é o tempo que o homem consegue ficar sem comer, beber água eu não sei. Jesus fez 40 dias de jejum, eu acredito porque é o sobrenatural. Fiquei sabendo que é 25 dias. Ficar sem comer assim, você vai na rua e vai achando um pedaço de coxinha, pão e você vai comendo. Mas não assim, “eu vou almoçar”, você tá entendendo? Eu não tô conseguindo parar para almoçar. Não tô conseguindo. Então, tô sem nada; tenho um colchão e uma coberta. Tô morando ali [atrás da rodoviária]. Mas se eu for para outra cidade, quero achar algo bem melhor, um tratamento, sabe? Aqui eu não consegui nem achar um albergue. Quando de repente, a gente sabe o que quer, né? Ourinhos é grande ou pequeno?

Nós: *Ela é do tamanho daqui.*

Alexandre: *Se for cidade muito pequena, aí não vira nada. Tem que ser cidade grande. Aí vou pra Ourinhos agora para ver se eu acho um tratamento.*

Nós: *Como você faz em dias que está muito frio?*

Alexandre: *Isso aí é tudo falta de inteligência. Eu, por exemplo. Só quero ficar usando drogas e tomando pinga, só quero ficar louco. Aí eu não penso. Aí o tempo vai passando. Aí é de madrugada, você não tem mais nada, a cidade já fechou. Tudo apagou. Aí, se você fica com frio (risos), não tem onde morar, e é falta de inteligência. Porque se eu for inteligente, eu acordo cedo e já vejo esses banguê. Tem uma cidade que eu passei, a cidade foi boa. Todas as vilas eu peguei um colchão e coberta. Já tinha os banguê ali. Por quê? Porque eu usei a cabeça. Mas não, eu quero acordar e já ficar usando droga, crack.*

Nós: *Quanto tempo faz que você não usa crack?*

Alexandre: *Eu uso a hora que eu tiver oportunidade. O problema é o crack. Não compensa, o que eu falei para você. Porque a brisa é louca e você só quer ficar indo atrás dele, atrás dele, atrás dele, entendeu? Mas aqui [em Assis] só usei uma vez. Faz três dias que eu estou aqui. E eu quero chegar em Araraquara, ir no Natal, presente para minha mãe.*

Ele tirou uma garrafa de cachaça do bolso e começou a beber. Avisamos que se o agente ou o motorista percebesse que ele estava bêbado, ele não embarcaria. Perguntamos se ele já havia sido roubado no trecho.

Alexandre: *Ah, brigado. aí eu perco tudo de repente. Que coisa, roubaram 10 real de mim ontem. Ontem. No mercadão. Porque o cara falou que era nego drama. Vamos ver se é nego drama mesmo, vamo buscar uma droga. Não queria dar dinheiro na mão dele. Aí ele me convenceu. Porque é enganando e sendo enganado. Pensa que você engana e não vai ser enganado, não, porque é mentira. Aí ele entrou na minha mente. Aí não achamos nada. Aí ele levou o dinheiro.*

Nós: *Quando dá, você também entra na mente dos caras?*

Alexandre: *Entro. Mas ele entrou na minha mente. Eu não queria dar e ele pá, e ele insistiu, aí o bagulho é loucão. Não pensa que você é sempre esperto, não, que tem outro que é mais que você.*

Nós: *E às vezes você consegue dar uma de esperto também?*

Alexandre: *Ah, às vezes, às vezes, às vezes. Mas não é sempre, não. Mas depois eu fiquei meio nervoso e eu faço o corre em dobro, sabe? Mas não roubando, pedindo, sabe? Aí eu já consegui o dinheiro em dobro. Ele foi mais esperto do que eu, fazer o quê?*

Nós: *E você já pegou alguma doença no trecho?*

Alexandre: *Hepatite. Hepatite C. 2010. Estava em Campinas no hospital psiquiátrico em Sousas [Cândido Ferreira]. Aí fiquei sabendo que tinha hepatite C. Mas nunca fiz tratamento. E esses tempos tem uma dor que me vem aqui, ó [mostrando a região dos rins], e não consigo nem andar quase. Já tem os sintomas das doenças. É uma doença silenciosa, a hepatite. Milhões e milhões, eu vi já no noticiário que está com esse negócio aí e não sabe, mas ela mata. Fala alguma coisa aí. Solta a voz.*

Nós: *O que você quer conversar?*

Alexandre: *Qualquer coisa.*

Nós: *Em quais momentos você se diverte?*

Alexandre: *Em todos os momentos, se eu quiser cantar, eu canto. Se quiser dançar, eu danço. Moro na rua mesmo, não tenho ninguém (risos).*

Ele começou a cantar Tim Maia e disse que gostava bastante de Legião Urbana, mas que é um incentivo às drogas por conta da música “Há tempos”. Continuou a cantar Tim Maia. Fomos lá fora porque ele já queria ficar perto da plataforma. Ele se sentou num banco; a pessoa da direita se afastou dele. A pessoa da esquerda também se afastou. Ele foi até um monte de entulho que ficava o fundo da rodoviária, mostrou-nos onde ficou dormindo por três dias. Era um local cheio de entulho no fundo da rodoviária. Se qualquer pessoa olhasse para aquele entulho, não iria perceber que havia uma pessoa no local. Foi uma estratégia para se proteger de qualquer perigo humano. Ele foi pegar a coberta, mas deixou o colchão porque disse que já não servia. Não conseguia dobrá-la no chão. Nós o ajudamos. Ele nos mostrou duas receitas médicas conseguidas no pronto-socorro da cidade e nos disse que não consegue ficar em albergue porque não tem mais os documentos. Iria à delegacia fazer boletim de ocorrência quando chegasse em Ourinhos. Ele já estava bêbado e nos disse que, na verdade, está cheio de cartelas de crack, que a ideia dele é ficar em hotel quando dá com umas meninas e que a cidade atual já o cansou.

O trabalhador da UAM aparece para embarca-lo no ônibus. Fez Alexandre entrar pela porta de trás e rodou a catraca na frente. Se ele entrasse pela frente, o motorista iria perceber que ele está bêbado e não iria leva-lo. E assim, Alexandre foi embora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: O TRECHO E O TRECHEIRO, UMA RELAÇÃO ECOLÓGICA DE MOBILIDADE

Como já apontado por Begossi (1993), a ecologia humana é influenciada pela cultura. O modo de interação entre o ser humano e o meio está ligado à forma que o próprio aprende a interagir, conforme ocorre sua produção de subjetividade. Apontamos a questão ecológica porque não apenas estávamos interessados em como os trecheiros interagem no campo social, mas queríamos apresentar como reagem no meio em que transitam, como conseguem viver em meio às adversidades climáticas, às dificuldades de habitação temporária, ao modo de interagir com outros sujeitos no trecho, entre outros fatores. Queríamos, portanto, compreender como é a ligação deles com o espaço existencial que transitam e suas relações com tudo o que encontram nele.

O trecheiro não tem moradia fixa e nem mesmo um território que se encontra. De tal modo, ele se relaciona com o meio por onde transita, pois sua vivência está no/em trânsito. O modo como os sujeitos se relacionam com o meio em que vivem é cultural. Dependerá de seu universo de significação. Suas vivências sociais e singulares lhes proporcionam suas formas particulares de se relacionar com o ambiente e todos os elementos inseridos nele: os seres vivos, os fenômenos climáticos, as doenças, a sociabilidade, etc. No caso dos trecheiros, não há estabelecimento de um território fixo, morada ou lar que possam habitar. Eles interagem com diversos territórios, conforme transitam por eles.

Quando falamos de interação ao longo do trabalho, queremos afirmar o ato ecológico que os trecheiros têm para com o trecho. Pois interação é um ato ecológico recíproco entre o sujeito e o meio no qual está inserido.

Interação significa mais que uma relação simples e pontual, porque implica alterações em ambas as partes envolvidas. É como se a pessoa se desenvolvesse em "inter-ação", no inter-jogo, em constante troca com os outros e com o ambiente. Na interação a pessoa constrói sentidos que definem a sua forma particular de ação nos diversos contextos de desenvolvimento (PRATI et al, 2008)

Contudo, os trecheiros não estão territorializados em um espaço. Sua interação com o meio ocorre no trânsito, pelos lugares que temporariamente

passam. Suas vivências ecológicas estão no espaço construído que chamam de trecho. Como já visto, o trecho não é um lugar fixo, mas se trata de um espaço de constante mobilidade. Mesmo assim, ocupam transitoriamente os espaços públicos que encontram, já sabendo como utilizarão aquele espaço, mesmo que seja apenas para pernoitar.

Para Bronfenbrenner (2002), a interação é a base ecológica do desenvolvimento humano. Ela não se dá apenas entre sujeito e meio, mas está presente entre os próprios sujeitos, nas relações de sujeitos e objetos e na relação homem-animal. A prova do desenvolvimento dos trecheiros no trecho são as diferentes estratégias de sobrevivência que conseguem apreender ao longo de suas trajetórias. Aprendem a usar objetos como mediadores da sua interação com esses meios transitórios. A partir deles, os trecheiros conseguem se inteirar nos diferentes meios transitórios que encontrarão ao longo dos seus caminhos errantes.

A interação não é apenas positiva, porque os trecheiros sofrem diversos tipos de violência no trecho, o que constitui adversidades mais temíveis do que a proteção contra fenômenos climáticos. Essas formas de violência partem de preconceitos, atos institucionais e policiais.

As estratégias de sobrevivência é outro modo de garantir suas vidas e manutenção no trecho. Não consiste apenas em usar os objetos que carregam para interagir com o meio e se mostrar adaptados diante dele. Mas também fazem parte dessas estratégias as maneiras de se conseguir recursos e esses objetos. O ato de *manguear*, trabalho criativo para conseguir convencer os sujeitos a contribuírem com algumas moedas, é uma forma estratégica para sobreviver.

Do ponto de vista da economia ecológica, encontramos trecheiros que praticam a corrente que Alier (2012) classificou como de “ecologismo dos pobres”, que consiste em conseguir recursos e fazer serviços ambientais conseguidos pelos meios naturais para a subsistência. Dentre os exemplos, estão os trecheiros que coletam latinhas para vender para a reciclagem e ou mesmo os trecheiros que fazem artesanatos com palhas de coqueiros.

No objetivo de descrever a interação dos trecheiros com as cidades e suas vias de circulação/conexão, pelas quais transitam, e para analisar as reverberações de seus modos de vida no ambiente urbano e nas vias de trânsito,

percebemos que o potencial criador foi uma surpresa. Vimos a transformação de objetos: Tijolos e latinhas que viravam um fogãozinho para cozinhar e enfrentar o frio. Palhas de coqueiro que viravam artesanatos para vender.

A ocupação do espaço público também tem caráter transformador. Os espaços são transformados conforme suas necessidades. Nas praças, o chafariz se transformou em banheira para poder tomar banho. Os discursos também passam por esse processo: para *manguear* são criadas diversas histórias para convencer alguém a dar alguma contribuição. Esse potencial de criar, adequar e transformar torna-se indispensável para as estratégias de sobrevivência para conseguirem fazer o trecho.

Manguear, buscar trabalho e achar um abrigo seguro para dormir foram importantes fatores para compreender tais estratégias que os trecheiros fazem no trecho. São também formas de ocupar temporariamente os espaços públicos para seu sustento, proteção e descanso. Percebemos que os objetos que carregam são de usos essenciais no trecho, sem os quais seria impossível prosseguir suas jornadas. As cobertas e os fogões improvisados são muito importantes para protegê-los do frio, que chega a ser muito forte nas ruas no inverno. Quanto à fome, vimos que o ato de *manguear*, trabalhar ou mesmo passar por alguma instituição fazem-nos conseguir vencer as jornadas. Ouvimos relatos de que muitas vezes precisam beber cachaça para se esquentarem no frio e esquecerem da fome. A cachaça, além de servir para esquecer mágoas do passado, também pode ser fonte de ligação entre os trecheiros, constituindo um objeto que usam para conseguir se socializar entre eles e também entre pardais, que podem lhes dar alguma informação.

Vimos que o sistema de informações que vão estabelecendo é muito importante para suas rotas e conhecimentos sobre as cidades que passam. Se uma cidade não está mais dando passagens, os trecheiros paravam de ir nela porque já haviam sido avisados por outros trecheiros que estiveram por lá. A socialidade entre eles não se dá apenas pelo compartilhamento de cachaça e informações. Eles também partilham comidas e objetos que os outros trecheiros precisam. Porém, em alguns momentos podem ocorrer roubos entre os próprios trecheiros, e entre eles e os pardais.

Além dos fenômenos climáticos e dos roubos, percebemos que as ações institucionais e políticas são as maiores adversidades encontradas pelos

trecheiros. Vimos que tanto a ação policial, responsável por momentos violentos, quanto a escassez de passagens resultaram em perturbações em suas viagens. Outro perigo que podem encontrar é de cunho preconceituoso. Podem ser violentados enquanto estão descansando em certos espaços. Neste ponto é importante frisar que os trecheiros que andavam em dupla costumavam dormir mais nas ruas do que os que estão sozinhos. Estes, na maioria das vezes, relataram que ou preferem achar algum lugar muito seguro para dormir, ou se acomodam em espaços institucionais.

A questão da lealdade dos trecheiros para com seus companheiros de viagem é um ponto interessante. Encontramos diversos trecheiros viajando em duplas, seja para apoiar um ao outro sobre suas dificuldades no trecho, ou por questões de proteção e companhia.

Sobre as mudanças no trecho, o crack não havia sido mencionado nas pesquisas que foram levantadas. Encontramos trecheiros usuários e trecheiros que repudiavam o uso. Estes últimos apontavam o crack como principal mudança do trecho. Também julgavam que os espaços assistenciais estavam dando oportunidades para os usuários de crack em vez deles. Além disso, eles notaram que, desde então, as pessoas não estão mais sendo solidárias como antes. Perceberam também que os roubos entre trecheiros por conta da droga aumentaram.

A condição necessária para ser trecheiro é estar inserido no trecho e vivenciar todos os seus aspectos. Mas o que ele é o trecho? Como ele é visto? Para Justo e Nascimento (2005)

O trecho é visto como um mundo selvagem, sem regras, sem proteção ou garantias coletivas de qualquer natureza. De fato, caminhando sozinhos pelos acostamentos das rodovias estão completamente expostos às mazelas da natureza e à arbitrariedade daqueles que se impõem como donos da estrada, essa terra de ninguém. Soma-se à percepção dos perigos da estrada, a irrupção dos fantasmas de hostilidades vividas nas experiências afetivas primevas, tornando o mundo do andarilho preñado de temores e alertas, sinalizando a abundância de adversidades (p.187)

Para Sidney (tópico 3.3.2), como vimos, o trecho é um vício, uma doença. Um lugar a que, por mais que o trecheiro pare de andar e volte a ter uma vida sedentária, logo retornará. Mas encontramos Eder (tópico 3.3.3), quem nos relatou sobre sua visão negativa do trecho:

Eder: *Ah, digamos assim: eles falam que é um espírito maligno, né? Eu não sei como é que é, mais ou menos, mas nem eu sei explicar exatamente, né? Mas eu não tive convivência boa com os familiar e decidi sair pro mundo aí, né? Aí tem as dificuldades da gente. O lado bom e o lado ruim. O lado bom é o calor. O lado ruim é o frio e a chuva. Tem horas que tá chovendo e você tá deitado em algum lugar e tem que ir pra outro canto. Tem lugar que não tem passagem e nem albergue.*

Sua fala aponta para o trecho como algo negativo, perturbador, essencialmente mau: O demônio. Enquanto a fala de Sidney aponta para um mal que possui também seus prazeres, o vício.

Adriano tem 30 anos. Desde os 20 anos está no trecho. Começou o trecho por conta de certo vício por andar. Pegou muito serviço bom, mas não conseguiu se fixar em lugar algum. Ele nos contou a história que atearam fogo em uma pessoa em situação de rua na cidade pr onde havia passado. Esses casos de violência entre agressores que ateam fogo em pessoas em situação de rua são muito constantes e fazem com que diversos trecheiros escolham bem o local onde vão passar a noite. Afirmou que é fácil passar um dia com muito frio, mas o difícil é estar na chuva. Ele não vai muito até o Sul, como já vimos os relatos de trecheiros que tem medo constante de morrerem congelados quando estão ao Sul do país.

A relação entre o trecheiro e o trecho dependerá das suas experiências, vivências, histórias e companhias. Esse conjunto de fatores influenciam suas estratégias no trecho, o modo como ocupam os espaços, como se protegem, como escapam das violências e como se socializam. No final, nós ficamos com as palavras de Adriano:

Adriano: *O trecho é um livro. Se você souber ler, se vai longe. Tem que ser humilde*

REFERÊNCIAS

ALBERTI, M. et al. Integrating humans into ecology: opportunities and challenges for studying urban ecosystems. *BioScience*, v.53, n.12 ,p.1169-1179, 2003.

ALIER, J. M. **O ecologismo dos pobres**: conflitos ambientais e linguagens de valoração. São Paulo: Contexto, 2012.

APPADURAI, A. **A vida social das coisas**: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2008.

ATEM, G. **O imaterial**: fundamentos filosóficos-semióticos da produção de subjetividades. In: Anais do IX Fórum de Estudos Lingüísticos. Rio de Janeiro, Dialogarts-UERj, 2008.

AUGÉ, M. **Não-lugares**. Campinas: Papirus Editora, 1994

AUGUSTO, A. Política e polícia. In: CASTELO-BRANCO, G.; VEIGA-NETO, A. (Org.). **Foucault**: filosofia e política. 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p. 19-35.

BARRETTO, M.; GISLON, M. O flâneur revisitado: processos de revitalização urbana e caminhabilidade. **Revista Hospitalidade**. São Paulo, v. 10, n. 1, p. 54-77, jun. 2013.

BARROS, M. **Livro das ignoranças**. Rio de Janeiro e São Paulo: Record, 1993.

BAUMAN, Z. **Globalização**: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

BEGOSSI, A. Ecologia humana: um enfoque das relações homem-ambiente. **Interciência**, v. 18, n. 3, p. 121-132, 1993.

BERREMAN, G. Por detrás de muitas máscaras. In: GUIMARÃES, A. Z. (Org.). **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1980, p.123-176.

BEZERRA, A. K. G. A pesquisa etnográfica e as especificidades da observação participante. **Vinheta**, v. 01, p. 01-18, 2010. Disponível em: <http://www.fiponline.com.br/eventos/vinheta/textos/pesquisa%20etnografica.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2015.

BLIKSTEIN, I. **Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade**. São Paulo: Editora Cultrix, 2003.

BOAS, F. **Antropologia cultural**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BRAGA, A. M. C. O que se leva, o que se traz: fluxos migratórios e fluxos de mercadorias entre o interior do Piauí e a cidade de São Paulo. In: TEXEIRA, P. E.; BRAGA, A.; BAENINGER, R. (Org.). **Migrações**: implicações passadas, presentes e futuras. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

BRASIL. **Política Nacional para Inclusão da População em Situação de Rua**. Brasília, junho de 2008.

BROGNOLI, F. F. **Trecheiros e pardais**: estudo etnográfico de nômades urbanos. Tese de doutorado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1996.

BRONFENBRENNER, Urie. **A Ecologia do desenvolvimento humano: Experimentos Naturais e Planejados**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

CASTEL, R. Da indigência à exclusão, a desfiliação. In: LANCETTI, A. (org) **Saúdeloucura**. 4. São Paulo: Hucitec, 1994, p. 21-48.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CARVALHO, Vilson Sérgio de. **Raízes da Ecologia Social**. O Percurso Interdisciplinar de uma Ciência em Construção. Rio de Janeiro, 2005.

CAVALCANTE, S. et al. O significado do carro e a mobilidade cotidiana. **Revista Mal Estar e Subjetividade**, v.12, n.1/2, p. 359-398, 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v12n1-2/13.pdf> Acesso em: 23 de fevereiro de 2016.

COIMBRA, Cecília Maria B. Direitos humanos e criminalização da pobreza. **SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE DIREITOS HUMANOS, VIOLÊNCIA E POBREZA. Anais... A situação de crianças e adolescentes na América Latina hoje**. Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2006.

CORDEIRO, G.I. As Cidades Fazem-se por Dentro: Desafios de etnografia urbana. **Cidades. Comunidades e Territórios**, n. 20/21, p. 111- 121, 2010.

CRESSWELL, Tim. Towards a politics of mobility. **Environment and planning. D, Society and space**, v. 28, n. 1, p. 17, 2010. 3

DA MATTA, R. **O ofício de etnólogo, ou como ter anthropological blues**. Museu nacional, 1978.

DEBORD, G. Teoria da deriva. **Internacional situacionista**, v. 1, 1958.

DELEUZE, G. Post-Scriptum sobre a Sociedade de Controle. In: **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DUARTE-ALVES, A. **Histórias de pescadores: memórias de vidas submersas**. 2007. 178 f. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2007.

ECKERT, C.; DA ROCHA, A. L. C. Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana. **ILUMINURAS**, v. 4, n. 7, 2003. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/9160>. Acesso em: 15 de janeiro de 2016.

EHRlich, Paul R. **População, recursos, ambiente**: problemas de Ecologia humana. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1974.

ESPÓSITO, A. **CIDADE E SUBJETIVIDADE**: estudo de políticas de mobilidade dirigidas a andarilhos, trecheiros e migranstes. In: XXV CIC- Congresso de Iniciação Científica da UNESP, 2013, Barra Bonita. Disponível em <http://prope.unesp.br/cic_isbn/premiados.php?sel_congresso=35>. Acesso em: 18 jun. 2015.

FALCÃO, Denise. Ser mochileiro. **CADERNO VIRTUAL DE TURISMO**, v. 16, n. 3, p. 76-90, 2016. Disponível em:

<http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php/caderno/article/viewFile/1066/498> Acesso em: 25 de outubro de 2017.

FIALHO, Carlos Eduardo; DUARTE, Silvia Valéria Borges. OS INVISÍVEIS: NOVOS HIPPIES NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA. **CONGRESSO INTERNACIONAL INTERDISCIPLINAR EM SOCIAIS E HUMANIDADES**. Niterói, p. 1-24, 2012.

FRANÇA, ANDRÉIA ATTÍE. **Trechos de vidas errantes no tempo e no espaço do movimento**: estudo com andarilhos de estrada. Ribeirão Preto - São Paulo, 2007.

FREITAS, Cledione Jacinto. **Os indesejáveis: agentes públicos e a gestão da mobilidade de trecheiros e pessoas em situação de rua**. 214. 189 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2014. Disponível em <<http://hdl.handle.net/11449/123173>>. Acesso em: 18 jun. 2015.

FREITAS, Cledione Jacinto; JUSTO, José Sterza. POLÍTICAS PÚBLICAS E A GESTÃO DE MOBILIDADE DE TRECHEIROS EM CIDADES PEQUENAS. **Geoingá: Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia**, v. 8, n. 2, p. 105-123. 2016. Disponível em:

<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Geoinga/article/view/37950> Acesso em: 24 de outubro de 2017.

FERREIRA, Frederico et al. População em situação de rua, vidas privadas em espaços públicos: o caso de Belo Horizonte 1998–2005. **João Antônio de Paula & et al**, 2006.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: o nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2014.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GOFFMAN, ERVING. **Estigma: La identidad deteriorada**. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2006.

GUATTARI, F. **As três ecologias**. Campinas: Papyrus, 1991.

GOMEZ, Maria Nélide Gonzalez. A reinvenção contemporânea da informação: entre o material e o imaterial. **Pesq. bras. Ci. Inf.**, Brasília, v.2, n.1, p.115-134, 2009. Disponível em: <https://goo.gl/dmbMEA> Acesso em: 13 de abril de 2016.

GÜELL, Berta; PARELLA, Sònia; VALENZUELA GARCÍA, Hugo. La economía étnica en perspectiva: del anclaje a la fluidez en la urbe global. **Alteridades**, v. 25, n.50, p. 37-50, 2015. Disponível em: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0188-70172015000200004&lng=es&tlng=es. Acesso em: 20 de setembro de 2016.

HARDT, M. A sociedade Mundial de Controle. In: ALLIEZ, E. (Org.). **Gilles Deleuze: uma vida filosófica**. São Paulo: Editora 34, 2002.

HARVEY, D. **A Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.

IASI, Mauro Luis . Rebelião, a cidade e a consciência. In: David Harvey; Slavoj Zizek, Ermínia Maricato, Mike Davis, Mauro Luis Iasi, et all. (Org.). **Cidades Rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo/ Carta Maior, v. 1, p. 41-46, 2013.

JACQUES, P. B. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012.

JACQUES, P.B. Breve histórico da Internacional Situacionista. **Arquitextos**, 2003. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.035/696>. Acesso em: 02 de maio de 2017.

JOSÉ, Beatriz Kara. **A população do centro de São Paulo: um estudo de transformações ocorridas nos últimos 20 anos**. São Paulo. 2010.

JUSTO, José Sterza. **Andarilhos e trecheiros: errância e nomadismo na contemporaneidade**. Assis, 2005.

JUSTO, J. S. **Andarilhos e Trecheiros: errância e nomadismo na contemporaneidade**. Editora da Universidade Estadual de Maringá: Maringá, 2011.

_____. **Vidas Errantes: políticas de mobilidade e experiências de tempo-espço**. EDUEL: Londrina, 2012.

JUSTO, J. S.; ESPÓSITO, A.; FREITAS, C. J.; NASCIMENTO, E. C. Políticas públicas de mobilidade e assistência a itinerantes: o caso dos trecheiros. **Emancipação**, v. 13, n. 3, p. 105-120, 2014. Disponível em <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5002018>. Acesso em: 17 de janeiro de 2016.

JUSTO, J. S.; NASCIMENTO, E. C. Errância e delírio em andarilhos de estrada. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 18, n. 2, p. 177-187, 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/prc/v18n2/27468.pdf>. Acesso em: 16 de janeiro de 2016.

KOLLER, S. H. (Org.). **Ecologia do desenvolvimento humano: Pesquisa e intervenção no Brasil**. São Paulo: Casa do Psicólogo Livraria e Editora, 2004.

KORMONDY, Edward J.; BROWN, Daniel E. **Ecologia Humana**. São Paulo: Atheneu Editora, 2002.

LANGNER, Marcel. **Shrinking cities: Effects on urban ecology and challenges for urban development**. Frankfurt a. M.: Peter Lang, 2007.

LAW, John. **Notas sobre a teoria do ator-rede: ordenamento, estratégia e heterogeneidade**. Disponível em: <https://goo.gl/m42xdq> Acesso em: 07 de maio de 2016.

LEITE, Rogério Proença. Localizando o espaço público: gentrification e cultura urbana. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 83, p. 35-54, 2008. Disponível em: <http://rccs.revues.org/436> Acesso em: 03 de setembro de 2016

LENCIONI, Sandra. Observações sobre o conceito de cidade e urbano. **GEOUSP: espaço e tempo**, n. 24, p. 109-123, 2011. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/74098> Acesso em: 05 de setembro de 2016.

LEPECKI, André. Coreopolítica e coreopolícia. **ILHA** v. 13, n. 1, p. 41-60, 2012. Disponível em: <https://goo.gl/RpBV2m> Acesso em: 18 de abril de 2016.

LITTLE, P. E. Ecologia política como etnografia: um guia teórico e metodológico. **Horizontes antropológicos**, v. 12, n. 25, p. 85-103, 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ha/v12n25/a05v1225.pdf>. Acesso em: 10 de janeiro de 2016.

LIMA, M. G. S. B.; SILVA, M. O. L.; OLIVEIRA, S. S.; PEREIRA, V. A. ETNOGRAFIA E PESQUISA QUALITATIVA: APONTAMENTOS SOBRE UM CAMINHO METODOLÓGICO DE INVESTIGAÇÃO. **Anais do VI Encontro de Pesquisa em Educação da UFPI**, v. 1., 2010, p. 1-13. Disponível em: http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.1/GT_01_15.pdf . Acesso em: 11 de novembro de 2015.

LOBO, Andréia de Souza. **Mantendo Relações à Distância. O papel do fluxo de objetos e informações na configuração de relações familiares transnacionais em Cabo Verde.** In: TRAJANO FILHO, Wilson. Lugares, pessoas e grupos: as lógicas do pertencimento em perspectiva internacional. Brasília: Athalaia, 2010.

MACHADO, Paulo de Almeida. **Ecologia Humana.** Brasília: Cortez, 1984.

MACIEL, T. M. F. B. Contribuições da Ecologia Humana para a Psicologia Social moderna: perspectivas para uma Ecologia Social. **Arq. Bras. Psicol.**, v. 50, n. 4, 1998.

MAFFESOLI, Michel. **Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas.** Rio de Janeiro: Record, 2001.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, junho, 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-9092002000200002&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 16 de janeiro de 2016.

MALINOWSKI, B. **Argonautas do pacífico ocidental.** São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MENDONÇA, Eneida Maria Souza. Apropriações do espaço público: alguns conceitos. **Estudos e pesquisas em psicologia**, v. 7, n. 2, p. 0-0, 2007.

MERHY, E.E. Público e Privado: Entre aparelhos, rodas e praças. In: **Trabalho, produção do cuidado e subjetividade em saúde.** São Paulo: Hucitec Editora, 2013.

NASCIMENTO, E.C. **Nomadismos contemporâneos: Um estudo sobre errantes trecheiros.** Editora Unesp: São Paulo, 2006.

NASCIMENTO, E. C. ; JUSTO, J. S. ; FRANÇA, S. A. M. Errância e normalização social: um estudo sobre andarilhos de estrada. **Psicologia em Estudo**, v. 14, p. 641-648, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v14n4/v14n4a04> Acesso em: 14 de agosto de 2016.

NASCIMENTO, E. C. ; JUSTO, J. S. Andarilhos de estrada e acesso institucional: reflexões sobre estratégias de controle. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 28, p. 285-291-291, 2016. Disponível em: <https://goo.gl/p1ToV9> Acesso em: 25 e outubro de 2017.

_____. Vidas Errantes e Alcoolismo: Uma Questão Social. **Psicologia Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 13, n. 3, p. 529-538, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v13n3/v13n3a20.pdf> Acesso em: 25 de outubro de 2017.

PRATI, Laíssa Eschiletti et al. Revisando a inserção ecológica: uma proposta de sistematização. **Psicologia: reflexão e crítica**. Porto Alegre. Vol. 21, n. 1, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v21n1/a20v21n1> Acesso em: 03 de novembro de 2017.

PEIXOTO, Nelson Brissac. **O olhar estrangeiro**. In O Olhar. São Paulo: Companhia das letras, 1988.

PERES, Wiliam Siqueira. Travestilidades: apontamentos para uma estilística da existência. Seminário Homofobia, Identidade e Cidadania GLBTT. **Anais. NIGS–Núcleo de Identidades Gênero e Subjetividades**. Florianópolis, p. 1-16, 2007.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica, Razão e Emoção**. São Paulo: Edusp, 2006.

SATO, L.; SOUZA, M. P. R. CONTRIBUINDO PARA DESVELAR A COMPLEXIDADE DO COTIDIANO ATRAVÉS DA PESQUISA ETNOGRÁFICA EM PSICOLOGIA. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 29-47, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642001000200003&lng=en&nrm=iso. Acesso em 07 de janeiro de 2016.

SENNETT. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

SERDOURA, Francisco M.; SILVA, F.N. d. Espaço público. Lugar de vida urbana. **Universidade do Minho**, 2006.

SOUZA, A. M. **TRABALHO, MIGRAÇÃO E MODOS DE EXISTÊNCIA “NÔMADES”**. X Encontro Nacional de História Oral - Testemunhos: história e política. Trabalho, Migração e modos de existência nômades. 2010.

VEDANA, V. Territórios sonoros e ambiências: etnografia sonora e antropologia urbana. **ILUMINURAS**, v. 11, n. 25, 2009. Disponível em <http://www.seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/15537>. Aceso em 12 de janeiro de 2016.

VARANDA, Walter; ADORNO, Rubens de Camargo Ferreira. Descartáveis urbanos: discutindo a complexidade da população de rua e o desafio para políticas de saúde. **Saúde e Sociedade**, v. 13, n. 1, p. 56-69, 2004.

VIRILIO, Paul. **Velocidade e política**. São Paulo: Estação liberdade, 1996.

WEBER, F. A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou por que censurar seu diário de campo? **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p.157-170, 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832009000200007&lng=en&nrm=iso Acesso em 15 de dezembro de 2015.

WARD, K. J. Cyber-ethnography and the emergence of the virtually new community. **Journal of Information technology**, v. 14, n. 1, p. 95-105, 1999. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/026839699344773>. Acesso em 17 de janeiro de 2016.

ŽIŽEK, Slavoj. Problemas no Paraíso. In: David Harvey; Slavoj Žižek, Ermínia Maricato, Mike Davis, Mauro Luis Iasi, et all. (Org.). **Cidades Rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo/ Carta Maior, v. 1, p. 101-108, 2013.